



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGEM
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL – PROFSOCIO



CELINA ELIAS GOMES GONÇALVES

**A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS ESTUDANTES NOS GRÊMIOS ESTUDANTIS
E AS REPERCUSSÕES PARA SUA ATUAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL**

Sinop/MT
2026



ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO *CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO*
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGEM
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL - PROFSOCIO



CELINA ELIAS GOMES GONÇALVES

**A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS ESTUDANTES NOS GRÊMIOS ESTUDANTIS E
AS REPERCUSSÕES PARA SUA ATUAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* Mestrado
Profissional de Sociologia em Rede Nacional
PROFSOCIO/UNEMAT, como pré-requisito para obter
o título de Mestra em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto

Sinop/MT
2026

G635p Gonçalves, Celina Elias Gomes.

A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS ESTUDANTES NOS GRÊMIOS ESTUDANTIS E AS REPERCUSSÕES PARA SUA ATUAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL / Celina Elias Gomes Gonçalves. - Sinop, 2026.

126f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Sociologia/SNP-PROFSOCIO - Sinop - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Sinop.

Orientador: MIGUEL RODRIGUES NETTO.

1. Grêmio estudantil. 2. Protagonismo juvenil. 3. Participação Política. 4. Juventude. 5. Movimento estudantil. I. NETTO, MIGUEL RODRIGUES. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 37.091.217:379.8

Celina Elias Gomes Gonçalves

A participação dos jovens estudantes nos grêmios estudantis e as repercussões para sua atuação política e social

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional PROFSOCIO/UNEMAT, como pré-requisito para obter o título de Mestra em Sociologia.

Aprovado em 27 de fevereiro de 2026.
Banca Examinadora da Defesa:

Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto (Presidente da Banca – Orientador)
Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem – FACHLIN
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Profa. Dra. Kelem Ghellere Rosso
Setor de Humanidades – Departamento de Sociologia - Profsocio
Universidade Federal do Paraná – UFPR e IFPR

Profa. Dra. Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Faculdade de Comunicação e Artes – FCA
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

Profa. Dra. Edneuza Alves Trugillo
Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem – FACHLIN
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Profa. Me. Elizângela Gomes dos Santos Siebiger
Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem – FACHLIN
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Sinop-MT
2026

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu filho, Igor Nathan Isidoro Gomes, e a todos os estudantes que tive o prazer de acompanhar ao longo de mais de vinte anos de caminhada na docência. Foram eles a razão pela qual decidi ser melhor, aperfeiçoar meus conhecimentos e seguir acreditando na educação como um espaço de transformação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por sustentar e iluminar cada etapa deste percurso. Aos professores da UNEMAT, pelos ensinamentos e pela contribuição à minha formação acadêmica. Aos colegas de curso, pelos aprendizados ao longo dessa caminhada.

Agradeço, de modo especial, ao meu esposo Paulo e ao meu filho Igor Nathan, pelo apoio incondicional e pela compreensão. Ao meu orientador, professor Dr. Miguel, à sua esposa Ana, pela atenção e orientação ao longo do trabalho. Às colegas da linha de pesquisa, Grazielle e Osmara, pelo diálogo e parceria que tornaram esse percurso bem mais leve.

Agradeço aos avaliadores da banca pelo cuidado na leitura do trabalho e pelas valiosas sugestões que contribuíram para o aprimoramento da pesquisa.

A E. E. 13 de Maio, em especial a turma do 2º ano A – 2025. À secretária Amélia, por toda ajuda nos processos administrativos.

Por fim, à CAPES, pelo apoio financeiro concedido por meio de bolsa de estudos, a qual foi fundamental para a realização desta pesquisa.

RESUMO

GONÇALVES, Celina Elias Gomes. A participação dos jovens estudantes nos grêmios estudantis e as repercussões para sua atuação política e social. 2026. 125 f. Projeto final (Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional) - Universidade do Estado de Mato Grosso- Sinop- Mato Grosso, 2026.

Esta pesquisa tem como tema a participação dos jovens estudantes nos grêmios estudantis e as repercussões para sua atuação política e social. A partir da experiência escolar, surgiu a intenção de compreender o engajamento da juventude nos processos que envolvem o protagonismo juvenil, o grêmio estudantil e a participação política, bem como as motivações e os desafios. Os objetivos desta pesquisa foram conhecer a percepção dos jovens estudantes sobre o grêmio estudantil, com participação ativa ou não, e identificar as repercussões políticas e sociais aprendidas a partir da experiência gremista. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual 13 de Maio, no município de Sorriso-MT, com uma turma do 2º ano do Ensino Médio, composta por 33 estudantes, com aplicação de um questionário fechado. Tratou-se, de forma panorâmica, dos principais conceitos e contextos do processo histórico do movimento estudantil no Brasil, desde a fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1937, durante o Estado Novo, até os dias atuais, destacando alguns acontecimentos considerados mais significativos para a compreensão do tema, sem a pretensão de esgotar todos os eventos e debates que marcaram esse percurso histórico. A pesquisa resultou na confecção do material pedagógico, jornal digital escolar “Vozes da Juventude”. O estudo fundamentou-se em revisão bibliográfica de base materialista histórico-dialética, dialogando com autores marxistas, como Karl Marx (1980), Juarez Dayrell (2014) e Demerval Saviani (1999), além de estudos no campo das teorias sociológicas e dos gêneros jornalísticos aplicados à educação, como Alves Filho (2011), Faria (1996), Melo; Assis (2009). A pesquisa revelou o reconhecimento da importância do grêmio estudantil, bem como o esvaziamento da participação política juvenil. A aceitação do jornal digital escolar pelos jovens estudantes evidenciou seu potencial como recurso educacional na dinamização das práticas educativas e no fortalecimento do protagonismo juvenil.

Palavras-chave: Grêmio estudantil. Protagonismo juvenil. Participação Política. Juventude. Movimento estudantil.

ABSTRACT

GONÇALVES, Celina Elias Gomes. The participation of young students in student unions and the repercussions for their political and social action. 2026. 125 p. Final project (Professional Master's Degree in Sociology in the National Network) - State University of Mato Grosso - Sinop - Mato Grosso, 2026.

This research focuses on the participation of young students in student councils and its repercussions for their political and social engagement. Based on their school experience, the intention arose to understand youth engagement in processes involving youth leadership, student councils, and political participation, as well as their motivations and challenges. The objectives of this research were to understand the perception of young students regarding student councils, both those actively participating and those not, and to identify the political and social repercussions learned from their experience as a student council member. The research was conducted at the 13 de Maio State School in the municipality of Sorriso, Mato Grosso, with a class of 33 students in the second year of high school, using a questionnaire. This text provided a panoramic overview of the main concepts and contexts of the historical process of the student movement in Brazil, from the founding of the National Union of Students (UNE) in 1937, during the Estado Novo (New State) period, to the present day. It highlighted some events considered most significant for understanding the topic, without attempting to exhaustively cover all the events and debates that marked this historical trajectory. The research resulted in the creation of the pedagogical material, the digital school newspaper "Voices of Youth". The study was based on a bibliographic review of historical-dialectical materialism, engaging with Marxist authors such as Karl Marx (1980), Juarez Dayrell (2014) and Demerval Saviani (1999), as well as studies in the field of sociological theories and journalistic genres applied to education, such as Alves Filho (2011), Faria (1996), Melo; Assis (2009). The research revealed the recognition of the importance of the student union, as well as the decline in youth political participation. The acceptance of the digital school newspaper by young students highlighted its potential as a teaching resource in dynamizing educational practices and strengthening youth leadership.

Keywords: Student union. Youth leadership. Political participation. Youth. Student movement.

RÉSUMÉ

GONÇALVES, Celina Elias Gomes. La participation des jeunes étudiants aux syndicats étudiants et les répercussions de leur action politique et sociale. 2026. 130 p. Mémoire de fin d'études (Master professionnel en sociologie au sein du Réseau national) - Université d'État du Mato Grosso - Sinop - Mato Grosso, 2026.

Cette recherche porte sur la participation des jeunes élèves aux conseils étudiants et ses répercussions sur leur engagement politique et social. À partir de leur expérience scolaire, l'objectif est de comprendre l'implication des jeunes dans les processus de leadership, les conseils étudiants et la participation politique, ainsi que leurs motivations et les difficultés qu'ils rencontrent. Cette recherche vise à comprendre la perception qu'ont les jeunes élèves des conseils étudiants, qu'ils y participent activement ou non, et à identifier les répercussions politiques et sociales de leur expérience en tant que membre d'un conseil étudiant. La recherche a été menée au lycée d'État 13 de Maio, dans la municipalité de Sorriso, au Mato Grosso, auprès d'une classe de 33 élèves de seconde, à l'aide d'un questionnaire. Elle a permis de dresser un panorama des principaux concepts et contextes de l'histoire du mouvement étudiant au Brésil, depuis la fondation de l'Union nationale des étudiants (UNE) en 1937, durant la période de l'Estado Novo, jusqu'à nos jours. Elle a mis en lumière certains événements jugés essentiels à la compréhension du sujet, sans prétendre à l'exhaustivité quant aux événements et débats qui ont marqué cette trajectoire historique. Cette recherche a abouti à la création d'un outil pédagogique : le journal numérique de l'établissement, "Voix de la jeunesse". Cette étude s'appuie sur une analyse de la littérature ancrée dans le matérialisme historico-dialectique, mobilisant des auteurs marxistes tels que Karl Marx (1980), Juárez Dayrell (2014) et Demerval Saviani (1999), ainsi que des travaux en sociologie et en analyse journalistique appliquée à l'éducation, notamment ceux d'Alves Filho (2011), Faria (1996) et Melo et Assis (2009). La recherche a mis en lumière la reconnaissance de l'importance des syndicats étudiants, ainsi que le déclin de la participation politique des jeunes. L'adoption du journal scolaire numérique par les jeunes élèves souligne son potentiel en tant que ressource didactique pour dynamiser les pratiques éducatives et renforcer l'engagement des jeunes.

Mots-clés: Syndicat étudiant. Leadership des jeunes. Participation politique. Jeunesse. Mouvement étudiant.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Qual a sua idade?	56
Gráfico 2 - Você exerce alguma atividade remunerada atualmente?	57
Gráfico 3 - Se você trabalha, ajuda no custeio da casa?	60
Gráfico 4 - Qual a renda mensal do seu grupo familiar?	61
Gráfico 5 - A casa onde você mora é:.....	61
Gráfico 6 – Como você costuma vir diariamente à escola?	62
Gráfico 7 - Você já participou ou participa atualmente de um grêmio estudantil na sua escola?	64
Gráfico 8 - O que motivou você a participar (ou não participar) do grêmio estudantil?	66
Gráfico 9 - Você já se sentiu mais confiante para expressar sua opinião depois de participar de atividades do grêmio?	67
Gráfico 10 - Qual o principal motivo para você participar do grêmio estudantil?	68
Gráfico 11 – Se você já se afastou do grêmio, qual o principal motivo para isso?	69
Gráfico 12 - Você acredita que a participação no grêmio contribui para a sua formação como cidadão(a)?	69
Gráfico 13 - Em sua opinião, qual o maior desafio para o grêmio estudantil na escola?	71
Gráfico 14 - Em que medida a sua atuação no grêmio influenciou sua visão sobre o papel da política na sociedade?	73
Gráfico 15 - Quais as habilidades ou aprendizados você acredita que os estudantes podem desenvolver ao participar de um grêmio estudantil?	74
Gráfico 16 - Você gostaria que fosse criado um jornal digital escolar para divulgar as atividades e descobertas do grêmio?	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - José Serra – gestão 63-64 – declara aberto o congresso XXXI da UNE	45
Figura 2 - Movimento dos Cara Pintadas no Fora Collor	51
Figura 3 - Classificação de gêneros e tipologias jornalísticas	86
Figura 4 - Exemplo de tipologias jornalísticas no jornal A Gazeta	90
Figura 5 - Exemplos relacionados ao princípio da estabilidade	91

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AI	Ato Institucional
AP	Ação Popular
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEB	Casa do Estudante do Brasil
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CF	Constituição Federal
CHSA	Ciências Humanas Sociais Aplicadas
CTD	Catálogo de Teses e Dissertações
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNE	Conselho Nacional de Estudantes
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
E E	Escola Estadual
EUA	Estados Unidos da América
FCA	Faculdade de Comunicação e Artes
FACHLIN	Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem
FHC	Fernando Henrique Cardoso
GE	Grêmio Estudantil
JUC	Juventude Universitária Católica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ME	Movimento Estudantil
MPL	Movimento Passe Livre
MS	Movimento Social
PUC	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PRM	Partido Republicano Mineiro
PRP	Partido Republicano Paulista
PROFSOCIO	Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
SEDUC	Secretaria de Estado de Educação
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBES	União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UEE	União Estadual dos Estudantes
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1	26
CONCEITOS E CONTEXTOS: O PROCESSO HISTÓRICO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL	26
1.1 Movimentos sociais no Brasil: da luta de classes ao movimento estudantil	31
1.2 Estado Novo e a UNE: o protagonismo estudantil na luta por direitos.....	34
1.3 Movimento estudantil, ditadura e redemocratização no Brasil	46
CAPÍTULO 2	53
SOCIOLOGIA, ENSINO MÉDIO e JUVENTUDE: UM TRIO EM MOVIMENTO	53
2.1 Protagonismo juvenil o que pode repercutir na sociedade a partir dos dados coletados	63
2.2 Participação política dos jovens estudantes a partir da atuação nos grêmios estudantis	71
3.4 A intensidade da resistência das lutas travadas nas primeiras décadas do século XXI..	81
CAPÍTULO 3	85
DIVULGAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DA JUVENTUDE: O USO DO JORNAL EM SALA DE AULA	85
3.1 Da manchete ao rodapé: as características e classificações dos gêneros jornalísticos ...	85
3.2 O uso do jornal como recurso educacional.....	91
3.3 Vozes da Juventude a nossa proposta de jornal escolar	95
3.4 Repercussão do jornal entre os jovens estudantes	100
1. CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
APÊNDICE 1 – Questionário - 2º ano Ensino Médio – E. E. 13 de Maio	114
ANEXO 1 – Autorização pesquisa Seduc/MT	116
ANEXO 2 – Parecer consubstanciado do CEP	117
APÊNDICE 2 – MATERIAL PEDAGÓGICO “VOZES DA JUVENTUDE”	121

INTRODUÇÃO

Este trabalho pesquisou sobre a participação dos jovens estudantes nos grêmios estudantis e as repercussões para sua atuação política e social, levando em consideração que as entidades gremistas integram o movimento estudantil no Brasil. O movimento estudantil também é reconhecido como uma forma de organização social, sendo os movimentos sociais instrumentos de luta, transformações e consolidação de direitos.

O movimento estudantil na sociedade brasileira remonta aos primeiros protestos no Brasil colônia até as recentes mobilizações contemporâneas. Conforme aponta Anjos et al. (2019, p. 44) “um dos pilares da análise histórica da humanidade, a partir do marxismo, é a ideia que a luta de classes é o motor da história”. Isso nos permite compreender que pela luta, no conflito e na organização social, os jovens estudantes por meio do protagonismo podem atuar em busca de transformações significativas para a sociedade.

Para melhor compreensão, esta pesquisa apresentou de forma sucinta narrativas envolvendo processos de lutas e engajamentos dos movimentos, mobilizações e ações protagonizadas em sua maioria por jovens estudantes.

A pesquisa adotou um recorte histórico amplo, desde a fundação da UNE, em 1937, até o contexto contemporâneo, considerando eventos do movimento estudantil, a polarização política recente, a partir das eleições presidenciais de 2014, os impactos do Novo Ensino Médio e a aplicação do questionário em 2025.

Destacamos que, nesse período da polarização política atual, a juventude conquistou uma importante política pública: A instituição do Estatuto da Juventude, conferido pela Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Uma lei da qual poucos jovens estudantes têm conhecimento.

Os grêmios estudantis foram institucionalizados por meio da Lei Federal nº 7.398/1985, sendo entidades autônomas, composta de estudantes de 1º e 2º graus, sem fins lucrativos e que representa coletivamente os interesses dos jovens estudantes.

O campo da pesquisa foi a Escola Estadual (E. E.) 13 de Maio, localizada na rua Alta Floresta, nº 189, Centro, Sorriso-MT, CEP 78890-174. Os sujeitos da pesquisa foram uma turma composta por 33 estudantes do 2º ano A do Ensino Médio.

Atualmente, nesta unidade escolar, há uma chapa representativa de todos os estudantes, denominada Águias Douradas, formada em 2024 e composta por aproximadamente 15 integrantes. Em razão dos desafios enfrentados no percurso, observa-se uma considerável rotatividade, com alguns estudantes deixando o grupo e outros sendo incorporados.

Participam dessa chapa estudantes do ensino fundamental (8º e 9º anos) e do ensino médio (1º e 2º anos), o que reflete a mobilidade da escola. Os jovens estudantes que integram o grêmio destacam-se por suas habilidades em promover campanhas e organizar eventos culturais no espaço escolar, pois, o jovem estudante integrante de um grêmio estudantil desenvolve parte importante de sua sociabilidade dentro e fora dos muros da escola, além de assumir o compromisso com a formação cidadã ativa e consciente.

Para Dayrell & Carrano (2014, p. 118) “a sociabilidade tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as “obrigações”, o ir-e-vir da escola ou trabalho, seja nos tempos livres e de lazer ou na deambulação pelo bairro ou pela cidade”. No espaço escolar, os grêmios estudantis atuam como oportunidades práticas para que os jovens estudantes aprendam e exercitem, além da sociabilidade, a democracia e o protagonismo juvenil.

Os integrantes do grêmio devem representar o interesse da maioria. Também reconhecer as necessidades do dia a dia, o que é necessário para que as circunstâncias escolares se adequem aos interesses de todos. O grêmio configura-se como potencializador de inspiração e mudanças daquilo que sonham para si e para as gerações futuras.

No final do ano letivo de 2024, já com as demandas para as matrículas do ano seguinte, a E. E. 13 de Maio deixou de matricular estudantes para o noturno, alegando que, em 2025, haveria turmas apenas no diurno nos turnos matutino e vespertino. Havia seis turmas do ensino médio em 2024 e os estudantes frequentavam exclusivamente o horário noturno nessa unidade escolar devido às particularidades de cada um.

Entretanto, em 2025, essa oferta noturna foi descontinuada em razão da conversão da instituição em escola cívico-militar. Nosso foco neste momento não é discutir a finalidade das escolas cívico-militares, mas registrar que, em decorrência dessas mudanças externas, os sujeitos da pesquisa precisaram ser mudados.

Dessa forma, por meio da aprovação da Lei nº 12.388, de 8 de janeiro de 2024, que instituiu o Programa Escolas Estaduais Cívico-Militares no Estado de Mato Grosso, e deu outras providências estabelecidas pelo Decreto nº 709, de 19 de fevereiro de 2024 — publicado no Diário Oficial em 21/02/2024 —, referente à regulamentação da conversão das unidades escolares de Sorriso-MT, a Escola Estadual 13 de Maio de cívica passou a ser cívico-militar. O objetivo da mudança foi a promoção e a integração entre as áreas pedagógica, administrativa e de atividades cívico-militares que as caracterizam.

Com a instituição da lei, ocorreram reuniões nas unidades escolares com a presença dos profissionais da educação e da comunidade escolar. Houve também a realização de uma consulta, por meio de assembleia, no início de 2025, da qual todos da escola e da comunidade

escolar participaram, votando sobre a conversão de escola cívica para cívico-militar. A comunidade escolar, os profissionais da educação e os estudantes acima de 16 anos puderam manifestar sua opinião acerca da proposta de conversão de cada unidade para o modelo de gestão cívico-militar, indicando a opção escolhida entre “Aprovo” e “Não aprovo”.

Apesar de os estudantes maiores de 16 anos terem tido a opção de votar nessa mudança para tornar a escola cívico-militar, consideramos que não houve debate suficiente para que pudessem ser esclarecidas e sanadas algumas de suas dúvidas, tais como: os estudantes conseguiriam matricular-se em outras unidades, caso fosse necessário? Havia vagas disponíveis para todos? E quanto à distância entre a nova unidade e suas residências? O sentimento de pertencimento à unidade escolar não foi considerado como argumento contrário à mudança?

Ademais, seus votos foram somados aos de todos os membros da comunidade escolar, de modo que, sozinhos, não tinham como barrar a mudança, a qual, talvez, já estivesse previamente definida. Assim, todos os jovens estudantes do noturno tiveram que se transferir para outra instituição, inclusive aqueles que estavam no último ano de estudos naquela unidade escolar.

Talvez ainda seja cedo para afirmar, mas, considerando o que já mencionamos sobre o fato de que grande parte dos estudantes do ensino médio desta escola precisar trabalhar para garantir suas necessidades, é possível que a evasão escolar, nessa fase, aumente consideravelmente.

Isso se deve ao fato de que o novo modelo de escola propõe o ensino médio exclusivamente no período diurno, sem que o governo do Estado tenha apresentado qualquer proposta de compensação econômico-financeira aos jovens que precisarão deixar seus postos de trabalho para matricularem-se nesse período.

Diante desse cenário, observamos a persistência das contradições desse sistema, bem como o alijamento dos sujeitos mais afetados — os jovens do ensino médio das escolas públicas — dos processos decisórios relacionados a essas mudanças que são constantemente inseridas junto ao campo educacional.

Dessas primeiras observações, surge, portanto, a delimitação do nosso objeto de pesquisa constituindo-se em uma análise quanto à atuação política dos jovens estudantes a partir da participação nos grêmios estudantis.

O ponto de partida para as motivações no desenvolvimento deste projeto manifestou-se por duas razões principais vivenciadas por mim no espaço escolar: a primeira razão refere-se aos jovens estudantes, considerados o coração da escola, que, ao chegarem ao ensino médio última etapa da educação básica, passam a se apropriar de seus direitos. Nesse momento, torna-

se necessário que os educadores também os conduzam à compreensão de que os direitos trazem consigo a proposição de deveres e obrigações.

A segunda razão decorre das observações realizadas sobre as práticas dos estudantes na organização e no desenvolvimento do grêmio estudantil no espaço escolar. Constatamos que, em determinados momentos, há uma participação mais intensa dos jovens estudantes nas ações gremistas. Entretanto, em outros, especialmente quando surgem enfrentamentos e desafios, observa-se o esvaziamento da organização dos membros, o que gera descontinuidades nas ações estipuladas no momento da composição das chapas. Isso é algo corriqueiro, presente na maioria das unidades escolares, inclusive já comentado sobre a organização do grêmio neste ano de 2025, na E.E. 13 de Maio.

Assim, esta oscilação nos levou a compreender este fenômeno, da participação ou não dos jovens estudantes nos grêmios, buscando conhecer quais são as variáveis que os estimulam, quais são suas percepções sobre os grêmios, o que poderia melhorar na interação entre estudante e professor no contexto escolar, a fim de que estes atores somassem forças no enfrentamento dos conflitos que ocorrem no cotidiano da escola e que repercutem diretamente na formação desses jovens estudantes.

Destas observações do cotidiano escolar é que surgiu a necessidade de contribuir para uma pesquisa significativa no que tange à atuação dos jovens estudantes matriculados na unidade escolar nos processos de ações do grêmio estudantil. E para isso foi analisada a participação dos jovens estudantes nos grêmios estudantis e as repercussões para sua atuação política e social.

O primeiro passo para essa intenção foi incentivar os membros do atual grêmio estudantil, fornecendo-lhes apoio teórico, o que inclusive se configurou como estratégia para a aplicação do questionário, incluindo os integrantes do grêmio estudantil desta unidade escolar. Este grupo representa um espaço primordial na escola para promover o diálogo e as mudanças sobre as questões que afetam as vivências escolares, participando ativamente da construção do processo educacional.

A pesquisa buscou ainda entender as necessidades dos jovens estudantes envolvidos nessa entidade. Enquanto membros do grêmio, o que eles enxergam nesse envolvimento? Enxergam protagonismo juvenil, habilidades adquiridas e repercussões para sua atuação política e social?

É no chão da escola que ocorre o primeiro contato com os princípios democráticos. O jovem estudante no espaço escolar aprende a manifestar a capacidade de liderança, habilidades de expressão e comunicação, o exercício das práticas de cidadania a partir da imersão no grêmio

estudantil. Além de explorar maneiras de aumentar o interesse e a participação de outros estudantes no grêmio, pois as experiências desenvolvidas no espaço escolar se refletem em suas ações e em seu comportamento na sociedade.

O grêmio estudantil não deve ser visto apenas como uma entidade de representação dos estudantes nas unidades escolares, mas um espaço de inúmeras possibilidades de discussão, ação e realização, tanto no ambiente escolar, quanto nas comunidades, gerando estímulo ao protagonismo e ao empoderamento das juventudes. “Atuando nele, você defende seus direitos, interesses ao mesmo tempo que aprende sobre ética e cidadania, na prática.” (Mato Grosso, 2023, p.8).

Nessa perspectiva de grêmio estudantil efetivo na unidade escolar, a pesquisa é relevante para entender a atuação dos membros do grêmio no contexto educacional, melhorar sua eficácia, promover uma cultura escolar democrática e participativa, além de ajudar a identificar os desafios enfrentados pelos membros do grêmio.

Essa pesquisa contribui para o debate crítico e para a garantia das estruturas democráticas da educação básica e para o fomento de políticas públicas educacionais que permitam aos integrantes dos grêmios se fortalecerem e serem protagonistas na participação político-social dentro e fora da escola.

Esta pesquisa também trouxe avanços para a ciência no sentido de analisar e compreender a importância da participação dos estudantes nos grêmios, sua interação com os colegas e posterior atuação política e social na sociedade, levando a possíveis formulações de novas políticas públicas de juventude e de políticas públicas educacionais.

Para o Programa de Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), a pesquisa foi significativa, tendo em vista a valorização, o crescimento e o aperfeiçoamento da Sociologia nas discussões sobre o protagonismo juvenil e na política a partir das atuações gremistas.

A motivação surgiu em razão de minha trajetória na educação básica da rede estadual de ensino, a qual me proporcionou, ao longo dessa caminhada, a interação com os jovens estudantes e com seus aspectos socioculturais no âmbito do grêmio estudantil.

Há, ainda, embasamento nos projetos que desenvolvo sobre liderança de turma, com o propósito de incentivar o protagonismo juvenil tanto na prática quanto na teoria, sendo uma atividade corriqueira nas unidades escolares, que ocorrem no primeiro bimestre do ano letivo.

Para a realização da pesquisa, foi necessário conhecer os jovens estudantes a fim de identificar suas especificidades. Ao chegar ao ensino médio, última etapa da educação básica,

conhecer os aspectos de origem social, as formas de expressão, a identidade, o potencial crítico e a capacidade para atuação coletiva.

No espaço escolar, é comum haver conflitos de ações e expectativas, tanto por parte dos estudantes quanto dos professores, pois, nesse processo de construção, surgem desafios e tensões de ambas as partes. Dessa forma, diante dos momentos vivenciados no contexto educacional, nos quais as preocupações surgem de todos os lados, entendemos que os jovens estudantes podem atuar como sujeitos transformadores da sociedade ao se engajarem em organizações estudantis, como a participação nos grêmios.

No entanto, percebemos que muitos membros integrantes dos grêmios iniciam os trabalhos sem, no entanto, conhecer o papel da entidade gremista no espaço escolar. Por diversos motivos, o trabalho, a falta de tempo para reuniões no contraturno e a ausência de participação efetiva, acabam desistindo, o que gera o esvaziamento desses movimentos no espaço escolar.

Os jovens nascidos no final do século XX e no início do século XXI fazem parte das gerações Z e X. Nota-se, entre esses jovens estudantes poucas perspectivas sobre o tema política e uma concepção distinta da importância da atuação dos grêmios quando comparada à de outras associações.

Eles tendem a aderir ao comportamento social contemporâneo do imediatismo e demonstram pouca persistência, além de apresentarem certo esvaziamento de sentido quanto a estudar e a participar politicamente. Conforme destaca Dayrell (2014, p. 108): “[...] no campo da participação política, isso é relativamente comum. A chamada geração de jovens de 1968 é sempre lembrada para ‘mostrar’ aos jovens de hoje como eles são menos mobilizados, críticos, conscientes e participantes.”

Nesse contexto, cientes de que simplesmente ter boa vontade não é suficiente para fortalecer as organizações estudantis, destacamos a importância de analisar o papel dos jovens estudantes ao se integrarem aos grêmios estudantis, e a dinâmica dessas mobilizações que têm se desenvolvido em nosso país, visando ao fortalecimento dessas entidades.

Isso permitirá que os estudantes se apropriem de sua história, do sentimento de pertencimento e ajam de modo a representar seus interesses, compreendendo, por meio dessa experiência, o funcionamento do sistema político e democrático vigente no país.

Além de permitir também aos jovens estudantes conhecer o seu espaço (micro), pois somente assim poderão transformar o (macro). Para Groppo (2019, p. 80), “talvez melhor, revela-se a necessidade de partir do local e do comunitário – enfocando seus problemas – para alcançar o nível geral e o global.”

Assim, definimos como problema de pesquisa: Quais são as repercussões da participação dos jovens estudantes nos grêmios estudantis para sua atuação política e social?

Dessa forma, tracei os objetivos, tanto o geral quanto os específicos para a produção deste estudo. Sendo o objetivo geral: compreender a participação dos jovens estudantes nos grêmios estudantis, suas motivações, desafios e as repercussões para sua atuação política e social. E os específicos: conhecer a percepção dos jovens estudantes sobre o grêmio estudantil a partir da sua participação ou não nos grêmios; identificar as repercussões políticas e sociais apreendidas com a experiência de atuação nos grêmios; confeccionar um jornal digital escolar com possibilidade de divulgação dos resultados da pesquisa, destacando as perspectivas dos jovens estudantes quanto aos grêmios e as repercussões em sua vida política e social.

Quando um jovem estudante toma a decisão de participar do grêmio estudantil, ele desenvolve a percepção sobre as possíveis perspectivas do que, de fato, é a política e, nesse sentido, torna-se mais crítico e responsável pelas ações protagonizadas no ambiente escolar e, de forma geral, na sociedade. O grêmio estudantil não é apenas um momento de organização e reunião, mas um caminho de aprendizado político, de conquista de posicionamento, de tomada de decisão e de negociação de interesses.

Os movimentos de estudantes se organizavam em prol de reformas educacionais e envolvimento político. Após o fim da ditadura militar, já no período da redemocratização que os grêmios estudantis foram instituídos legalmente pela Lei nº 7.398/ 1985. A intensidade da participação ativa dos jovens estudantes no Brasil se concretiza com a contestação das formas de expressão tanto política, quanto social.

Foi uma trajetória constante de intervenções, resistências e lutas que foram protagonizadas pelos jovens estudantes, principalmente na democratização da educação no Brasil na década de 1980, período de grande euforia com os anseios da redemocratização no país. Podemos mencionar alguns exemplos de participações, muitas bandeiras foram empenhadas, durante Estado Novo de Getúlio Vargas, na resistência à Ditadura Militar, na forte expressão dos estudantes na Redemocratização, e no movimento dos caras- pintadas no Fora Collor.

O envolvimento dos jovens estudantes nessas organizações foi o foco da pesquisa, uma vez que essa participação desencadeou mudanças relevantes na compreensão da participação política e da representatividade social.

No Brasil, os jovens, ainda que reconhecidos como sujeitos de direitos na legislação, sofrem com a insuficiência de políticas públicas que garantam a eles, de fato, a plena cidadania. Nesse âmbito, reiterar a noção de juventude

nas pesquisas e nas ações públicas é uma forma de dar visibilidade às questões, demandas e necessidades dos jovens, entendidos de uma forma mais ampla. (Dayrell. 2014, p.109).

Segundo o Plano Nacional de Educação (PNE/2014/2024) deve-se: “Estimular, em todas as redes de educação básica, a constituição e o fortalecimento dos Grêmios Estudantis, assegurando-lhes inclusive espaços adequados e condições de funcionamento nas escolas e fundamentando sua representação.” (Brasil, 2015).

Fizeram-se necessários a compreensão e o conceito sobre o que é um Grêmio Estudantil num espaço escolar. De acordo com Araújo (2009) os Grêmios Estudantis foram instituídos legalmente através das lutas pela democratização da educação no Brasil na década de 1980, consolidando-se na Lei nº 7.398/ 1985, a qual dispõe sobre a organização de entidades estudantis de 1º e 2º graus e assegura aos estudantes o direito de se organizarem em grêmios.

A função principal do grêmio é defender os interesses coletivos dos estudantes apresentando propostas e projetos com finalidades culturais, sociais, esportivas e educacionais. possui especificidades como estatuto, regimento, e plano de ação bem definidos. Assim, o espaço do grêmio que emerge do próprio espaço escolar, é um catalisador do debate sobre a condição juvenil.

O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus movimentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (Santos, 2004, p. 33).

Ainda de acordo com as orientações da rede pública estadual de educação, o grêmio estudantil é a representação dos estudantes diante da direção da escola. É o engajamento dos estudantes nas atividades da Unidade Escolar. É um grupo de estudantes capazes de desenvolver o senso crítico, político, laico e participativo, bem como, o reconhecimento e respeito à Diversidade Cultural (Mato Grosso, 2023, p.5).

A importância dos grêmios estudantis é reconhecida e garantida por uma série de legislações. Em âmbito estadual, no ano de 2021, o Estado de Mato Grosso instituiu a Resolução Normativa nº 001/2021-CEE-MT, que assegura ao estudante do ensino básico, tanto da rede pública quanto da privada, a organização de grêmios estudantis, autônomos e democráticos, como entidades representativas de seus interesses com acesso às unidades de ensino no Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso.

Haja vista que, para a constituição dos grêmios nas unidades escolares, é disponibilizado um cronograma da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT). Um dos primeiros passos consiste na seleção de um “professor interlocutor”, processo que ocorre de forma democrática, por meio de eleições nas quais os estudantes votam.

O professor interlocutor, junto aos estudantes envolvidos, têm a função de nortear e mediar a consolidação e implementação do grêmio. Uma sugestão para dinamizar a escola é que o professor faça visitas às salas de aula e apresente o livro *Maggie e a guerra do chocolate*, cuja narrativa, situada no pós-Segunda Guerra Mundial, retrata os jovens estudantes que se unem, fazem cartazes e saem às ruas na Alemanha contra a política de racionamento de alimentos. Em um dos cartazes dizia-se: “O que este país precisa é de um bom chocolate a cinco centavos. “A proposta é que essa reflexão seja compartilhada com os estudantes para motivá-los a pleitear as mudanças necessárias, primeiro no espaço escolar e posteriormente na sociedade.

É muito importante valorizar o grêmio como um espaço de expressão da coletividade pois, [...] “para os jovens, estar em coletividade e compartilhar os mesmos espaços de convivência é marcado por um estilo de vida próprio, e as trocas que acontecem dentro desses espaços são extremamente relevantes [...] para a manutenção da sua própria identidade (Rollsing, 2023, p. 29-30).

Os grêmios estudantis devem colaborar e participar das ações e projetos desenvolvidos pela SEDUC-MT, a fim de propagar políticas públicas em prol de educação de qualidade e perspectivas para o mercado de trabalho. Além disso, a participação efetiva no grêmio possibilita a aquisição do protagonismo juvenil, uma das propostas da Secretaria de Estado de Educação do Estado de Mato Grosso.

O protagonismo contribui de forma direta para a formação de jovens estudantes autônomos e socialmente comprometidos, com valores de solidariedade e respeito mais incorporados, o que influencia para uma proposta de transformação social.

Ao mesmo tempo que a condição de ser jovem tem levado as diferentes juventudes a viverem o tempo presente como experiências, realizações e frustrações, tentativas de superação, desejos, interesses e criações, a racionalidade da vida social mais ampla as tem levado a pensar a questão do futuro. O terceiro aspecto discutido é o da contestação política, a recusa do *establishment*, revelando a consciência de jovens engajados deste mundo que pouco tem a lhes oferecer além da repetição da ordem já definida (Souza; Groppo, 2011, p.8).

Portanto, a partir do estudo sobre a atuação política dos jovens estudantes e a efetiva participação nos grêmios estudantis, conclui-se a que a consolidação do grêmio estudantil no espaço escolar é de fundamental riqueza, sendo que estes jovens estudantes são vistos como o futuro da sociedade.

Esta pesquisa encontra-se estruturada em uma introdução, três capítulos e as considerações finais. O primeiro capítulo é de natureza teórica, abordando as trajetórias do movimento estudantil; o segundo apresenta as análises do questionário aplicado aos estudantes, acompanhadas dos respectivos gráficos, articuladas às discussões sociológicas sobre juventude, movimentos e participação no espaço escolar; o terceiro dedicou-se à confecção e ao desenvolvimento do material pedagógico, as especificidades do gênero textual jornal, e por fim as considerações finais.

Capítulo 1: Conceitos e contextos: O processo histórico da trajetória do movimento estudantil no Brasil;

Capítulo 2: Sociologia, ensino médio e juventude: Um trio em movimento

Capítulo 3: Divulgação e conscientização da juventude: O uso do jornal em sala de aula

Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa que buscou analisar a atuação política dos jovens estudantes a partir da participação nos grêmios estudantis. A pesquisa foi elaborada por meio do método do materialismo histórico-dialético, buscando conhecer o objeto em sua totalidade, desvelando sua essência e suas múltiplas determinações (Marx, 1980).

Consideramos que os estudos de Karl Marx, consagrado em sua abordagem da totalidade são o mais adequados para desenvolver nossa pesquisa, porque é nessa abordagem que encontramos os elementos necessários para entender os grêmios estudantis enquanto expressão das lutas de juventude por sua autonomia, consciência crítica e atuação política. Esse espaço de poder emerge das contradições presentes na sociedade capitalista, que, por vezes, confere ao jovem estudante a condição de problema social e não é capaz de oferecer respostas aos seus questionamentos.

Ainda na perspectiva de Karl Marx, é por meio do materialismo histórico-dialético que refletimos e compreendemos a sociedade, sua dinâmica estrutural e suas transformações ao longo do tempo. É na luta, a partir do envolvimento nos grêmios estudantis, que o jovem estudante reconhece, nas práticas diárias, as estruturas de poder existentes e, assim, começa a questionar e buscar uma transformação social.

A pesquisa empírica analisou as experiências de participação e de representatividade dos jovens estudantes nos grêmios estudantis. Para a coleta de dados realizei um questionário com todos os jovens estudantes da turma mencionada, no Google Forms com perguntas fechadas. O intuito foi compreender o nível de conhecimento sobre o movimento gremista, a percepção e as repercussões políticas e sociais decorrentes da atuação dos estudantes que participam do grêmio neste ano de 2025.

É, nessa perspectiva, que os membros do grêmio desenvolvem representatividade democrática, habilidade em oratória, engajamento com todos os profissionais da educação, responsabilidade sustentável e promoção da cidadania tanto na escola quanto na sociedade.

Como parte do desenvolvimento do material pedagógico, o processo inicial ocorreu a partir da aplicação de um questionário fechado, com o intuito de conhecer o funcionamento do grêmio estudantil na unidade escolar, identificando se há participação ativa dos estudantes e como esse espaço, enquanto grêmio estudantil, pode dialogar com o jornal.

Com os resultados, foi confeccionado o jornal digital escolar consolidando o material pedagógico, a partir das análises e percepções dos jovens estudantes sobre a participação ou não nos grêmios estudantis e as repercussões para sua atuação política e social, bem como nas reflexões advindas das produções teóricas dos capítulos que compõem este objeto de pesquisa.

Para a consolidação da pesquisa e para a realização do trabalho de campo com os estudantes foi necessário submeter o estudo ao Conselho de Ética e Pesquisa (CEP) da UNEMAT. O envio dos documentos para o CEP ocorreu no segundo semestre de 2024, tendo o projeto sido analisado e aprovado para a realização da pesquisa, conforme Parecer nº 7.299.284. No CEP, mencionamos a E. E. 13 de Maio para a aplicação do questionário.

Estado da Arte

No decorrer da realização dessa pesquisa, para consolidar o que foi estudado sobre o objeto — A participação dos jovens estudantes nos grêmios estudantis e as repercussões para sua atuação política e social —, revisões bibliográficas foram consultadas e analisadas de forma sintética em plataformas e livros que subsidiam os modelos deste estudo.

A justificativa para o recorte temporal na consulta e pesquisa de obras relevantes surgiu da grande inquietação e do interesse de muitos pesquisadores em discutir, escrever e analisar a percepção dos jovens estudantes e suas formas de participação tanto no espaço escolar quanto na sociedade neste século XXI.

De acordo com Lima Filho (2014, p. 104), “[...] juventude é uma categoria que vem sendo cada vez mais objeto de estudos da Sociologia, porque se percebe a mesma como um tipo de articulador de discussões, tendo em vista a penetração social passível de se fazer por meio da operacionalização desse conceito”. Nesse sentido, favorecer essa atuação do jovem estudante é essencial para o desenvolvimento de um sentimento político, de articular discussões que estão ligadas às suas realidades cotidianas.

Foram selecionados trabalhos de grande importância, finalizados a partir de 2008 até os dias atuais. Para a consulta a esses trabalhos, focamos nas palavras-chave da pesquisa: juventude, grêmio estudantil, movimento estudantil, protagonismo juvenil e participação política.

As pesquisas foram realizadas em diferentes plataformas para encontrar dissertações, como na base do ProfSocio, nos Catálogos de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), além de um livro importante e consolidado sobre a participação dos estudantes em movimentos sociais e grêmios estudantis. A intenção nestas obras foi analisar, de maneira resumida, os trabalhos publicados, observando as principais teorias, conceitos relevantes, assuntos em comum e também identificar lacunas relacionadas à temática deste objeto de pesquisa.

Ao proceder com essa revisão da literatura já existente, buscamos reconhecer todo o esforço científico previamente desenvolvido, fortalecer a discussão proposta e, por fim, trazer novas percepções e conjunturas sobre os jovens estudantes e sua atuação, contribuindo para o conhecimento sociológico e científico.

Nas obras pesquisadas e elencadas, observamos uma particularidade de interesse em determinados temas que podem nos servir de embasamento comum. Em outras, identificamos lacunas que podemos explorar de maneira inovadora. O tema pesquisado se encaixa em produções de forma bastante singular e regional, sem uma profundidade que contemple o estudo de modo mais universal. As obras escolhidas foram analisadas por apresentarem fundamentos e categorias semelhantes ao objeto de pesquisa.

Uma das obras analisadas foi a dissertação que tem como título Grêmio estudantil: quais sentidos na atualidade? de autoria de Luciane de Souza Menezes (2020), a qual aborda o protagonismo dos estudantes na participação escolar e a promoção da capacidade de mobilização. Essa dissertação foi ao encontro da pesquisa, pois a autora contribuiu com suas reflexões, especialmente ao analisar as concepções atribuídas ao grêmio estudantil na atualidade.

A autora evidenciou a formação do grêmio estudantil em sua escola e, enquanto gestora, destacou questões enfrentadas no cotidiano em praticamente todas as escolas do Brasil. Nota-se que a autora buscou "perceber até onde os jovens em estudo conseguem influenciar de fato os processos de decisões que os envolvem, seja em questões mais específicas da sua escola ou mais amplas, da sociedade em geral" (Menezes, 2020, p. 28). Além disso, mostrou como os estudantes, ao ocuparem coletivamente esses espaços, desenvolvem práticas que favorecem a democracia e a constituição da juventude como sujeito social e político.

Outro exemplo de pesquisa relevante foi a observação na tese de Maria Inês Couto Stamato, que analisou o protagonismo estudantil como uma práxis sócio-histórica que contribui para a ressignificação da juventude e sua atuação nas esferas políticas do país. A tese intitulada "Protagonismo juvenil: uma práxis sócio-histórica de ressignificação da juventude" também foi ao encontro do objeto de pesquisa em questão, pois a autora mostrou que, quando o jovem estudante participa de um membro coletivo que é associado ao movimento estudantil, todos se promovem como sujeitos históricos e também políticos capazes de entender e se preciso for intervir criticamente nas estruturas sociais.

A dissertação de Jammerson Gomes Soares, inseri no final por ser bem atual, sua defesa foi em 2023, com o tema "Protagonismo juvenil em ação: a aplicação de oficinas na escola como ferramentas de formação política para integrantes do grêmio estudantil". Seus estudos sobre o grêmio estudantil apresentaram características peculiares e específicas de uma escola em um município. Trata-se da Escola Cidadã Integral Estadual Daura Santiago Rangel, localizada em João Pessoa, no Estado da Paraíba.

Soares analisou as características da escola a partir das mudanças implementadas com o Novo Ensino Médio, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Por ser uma escola de tempo integral, surgiram novas disciplinas, como Protagonismo Juvenil, inserida como parte diversificada do currículo. Essa disciplina passou a ser ofertada no Estado da Paraíba a partir de 2022, com o objetivo de formar jovens "autênticos".

No material disponibilizado para trabalhar o Protagonismo Juvenil, um dos focos era o ensino de liderança de turma para, a partir daí, instituir um grêmio estudantil na escola. Com a realização das oficinas, que abordaram temas como oratória, posicionamento e a promoção de uma educação cidadã, criou-se o grêmio estudantil. Soares enfatizou, em sua pesquisa, as seguintes categorias: juventudes, protagonismo juvenil, educação política e grêmio estudantil.

Para finalizar a revisão bibliográfica; contribuindo com a compreensão e síntese encontramos ideias importantes no livro "Movimento Estudantil em Foco" (2020), organizado

por Nildo Viana. Essa obra ofereceu relevantes análises sobre a categoria juventude e os movimentos estudantis com foco nas transformações sociais.

Viana, apresentou uma perspectiva crítica sobre as manifestações estudantis, abordando temas como reivindicações, o Movimento Passe Livre (MPL) e o histórico maio de 1968, destacando o quanto esses fatos marcaram a história do movimento estudantil e o quanto eles são importantes para a promoção de luta e mudanças sociais. As principais categorias discutidas que também fazem referência com o objeto de pesquisa incluem juventude, movimento social e movimento estudantil. Viana, também abordou de forma tradicional a perspectiva do materialismo histórico e dialético para a compreensão da estrutura social destacando os conflitos, as contradições e os desafios enfrentados pelo movimento estudantil.

Essas pesquisas que foram citadas apontaram que a literatura existente sobre o movimento estudantil, protagonismo juvenil e grêmios estudantis, abrangem uma concepção gigante de menções, seja na questão do conceito sociológico de geração da juventude, seja no protagonismo do movimento estudantil, considerando que às vezes o jovem estudante reconhece o seu potencial, mas também por muitas vezes o potencial fica apenas na imaginação da transformação, tornando-se uma utopia.

Após, a verificação das produções já existentes, consideramos que nossa pesquisa contribuirá para a compreensão do processo de enfraquecimento da participação dos jovens estudantes nos grêmios estudantis, já que persistimos em conhecer quais as variáveis e situações concretas dentro e fora da escola que influenciam o jovem estudante quanto à sua participação nos grêmios estudantis e quais as suas percepções quanto ao papel dos grêmios em suas próprias vidas e dos demais estudantes, particularmente no tocante às transformações de suas realidades concretas.

CAPÍTULO 1

CONCEITOS E CONTEXTOS: O PROCESSO HISTÓRICO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL

Na conjuntura da sociedade brasileira, quando ocorrem as transformações sociais, políticas ou econômicas ao longo dos tempos essas são provocadas pelas lutas de classes, nas contradições sociais e políticas de cada realidade no enfrentamento aos contextos históricos vigentes.

Ao longo de sua história, no embate injusto e desigual, pessoas se uniram em grupos na luta pela defesa de seus direitos. Conforme as leituras e as pesquisas consultadas podemos constatar que um dos grupos que se destaca na luta pelos direitos dos cidadãos é o movimento estudantil, que protagonizou vários embates na trajetória da história do Brasil.

Nos diferentes períodos históricos, os jovens estudantes se organizaram em movimentos para defender seus objetivos uniram forças junto à sociedade para pleitear resultados positivos em resposta a realidade vigente: marcada pelo predomínio do capitalismo e pela desigualdade social.

O movimento estudantil tem, historicamente, algumas bandeiras de lutas, em contextos de conturbações sociais e políticas protagonizou e lutou pelos caminhos democráticos. Como destaca “as manifestações de protesto contra a ditadura; as manifestações na defesa da campanha das eleições diretas para presidente na década de 1980; e o apoio ao impeachment do presidente Fernando Collor, no movimento Caras Pintadas em 1992” (Covem, 2020, p. 49-50). São exemplos do protagonismo dos jovens estudantes na defesa de uma sociedade justa com esforços para retomar e manter a democracia.

A dinâmica das lutas de classes influencia e traz consequências diretamente para o movimento estudantil, pois os jovens estudantes podem pertencer a diferentes classes sociais. Além disso, nem todos os integrantes do movimento estudantil são jovens, o que reflete a diversidade de perfis dentro dessas mobilizações.

Podemos designar esse movimento estudantil como classista, na perspectiva de Gabriel Teles (2019, p. 41) “a abordagem classista nas análises do movimento estudantil avança no sentido de colocar que a base social do movimento estudantil possui uma composição de classe”. Grande parte da literatura adota uma abordagem classista para compreender e analisar o movimento estudantil, pois atribuem para a classe o senso de pertencimento. Quando os estudantes se mobilizam em torno de um objetivo comum, então teremos um movimento estudantil.

Assim, a condição estudantil produz uma variedade de formas de insatisfações sociais, especialmente aquelas que giram em torno do espaço escolar/universitário, tais como a precarização da assistência estudantil, relação entre professores/estudantes, falta de infraestrutura na escola/universidade, etc..., além de outras situações específicas dos subgrupos que formam os estudantes (Teles, 2019, p.43).

Nessa vertente, entendemos que, o movimento estudantil designa diferentes consequências em suas mobilizações, nos seus objetivos e anseios já que o “pertencimento” em uma classe social acarreta formas diferentes de agir na sociedade, a posição que ocupa, o acesso a bens, recursos e a interação cultural. Ainda na mesma perspectiva de Teles (2019, p. 45) “assim, a composição de classe do movimento estudantil reflete o pertencimento de classe dos indivíduos que o compõe”.

Necessário se fez a compreensão dos conceitos e contextos do movimento social no qual se insere o movimento estudantil e do próprio movimento estudantil no qual se enquadra o grêmio estudantil. Os movimentos sociais são estudos clássicos e sua presença é marcada dentro das ciências sociais, com reivindicações por políticas públicas e melhores condições de vida.

Nesse sentido, propõe-se conceituar o movimento social (MS) e o movimento estudantil (ME), pois suas definições compõem parte do alicerce dessa produção e discussão. Para Maria da Glória Gohn (2011, p. 335), os movimentos sociais são definidos como [...] “ações coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”. Ainda na perspectiva de Gohn “movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil” (Gohn, 2012, p. 251).

Os movimentos sociais não se limitam a uma forma de atuação, podendo ser de caráter amplo em defesa de uma sociedade justa e democrática. Outra definição de MS:

Os MS podem ser definidos como organizações de grupos intra ou extraclasses sociais que se contrapõem à ordem por meio de reivindicações e ações de confronto a outros grupos, mas predominantemente ao Estado, de forma que se constitua uma identidade entre os membros construídas por um conjunto de elementos ideológicos, políticos e econômicos (Goulart, 2020, p. 242).

Passamos ao ME, “trata-se de pensar o movimento estudantil enquanto um movimento essencialmente juvenil, onde as discussões giram em torno da rebeldia juvenil, seus aspectos culturais, modos de ser, etc” (Teles 2019, p.41). Nos dias atuais reconhecemos que, em resposta à luta dos movimentos estudantis estão sendo implementadas políticas públicas, o acesso à

educação vem se expandindo e temos um espaço de manifestação e de resistência às desigualdades. Sendo assim “o movimento estudantil, em sua pluralidade de forças, empunhou a bandeira pelas liberdades democráticas e se fez surgir histórico” (Lacerda 2019, p. 14).

Na perspectiva de Anjos et al. (2019, p.1) sobre ME, “O movimento estudantil é um movimento social específico que tem características comuns com outros movimentos sociais e características próprias”. O movimento, têm em sua composição os estudantes que estão no espaço escolar, que ao se envolverem nas pautas estão em busca de um espaço de representatividade, promoção de debates críticos e a possibilidade de articular com outros estudantes sobre questões: sociais, políticas, econômicas, culturais, esportivas e ambientais para atuar como cidadãos conscientes, críticos e ativos na sociedade.

Nildo Viana, nas suas especificidades de pesquisa, conceitua o ME: O movimento estudantil é um movimento de um grupo social, e este é formado por estudantes. Estes formam um grupo social e este é formado por sua condição estudantil, sendo um grupo situacional (o que diferencia dos grupos culturais, unidos por uma causa, ou grupos corporais, unidos por semelhanças físicas (Viana, 2020, p. 12).

Os repertórios do movimento estudantil, como manifestações, greves, ocupações nas escolas, assembleias e neste século, o uso de tecnologias digitais e das redes sociais, são exemplos de lutas em todos os períodos da história brasileira.

O movimento estudantil foi protagonista em diferentes frentes de lutas; suas expressões tiveram origem ainda no Brasil colônia, como exemplo, temos a mobilização ocorrida na província de Minas Gerais de caráter separatista que contou com a participação fundamental de intelectuais, literatos e estudantes, que ficou conhecida como Inconfidência Mineira, constituindo um dos movimentos mais importante da história do Brasil. “A mocidade brasileira, como mostra o autor, esteve sempre presente, ou foi pioneira, nos grandes movimentos cívicos que a nossa História registra, tal qual como ainda no período colonial, em 1710” [...] “Vem depois a magnífica participação da mocidade estudiosa na Inconfidência Mineira” (Poerner, 1968, 03).

Nela, estudantes e intelectuais participaram da revolta resistindo à opressão da colônia portuguesa e promovendo um sentimento de nacionalidade na população. Apesar do esforço dos membros envolvidos, a revolta foi reprimida pela coroa portuguesa.

Ao longo da história os estudantes têm tido, em diferentes sociedades e em diferentes épocas, papel político relevante. Não é possível pensar em nenhum tipo de insurreição, de resistência, de confronto político sem eles. Às vezes mais pacíficos, às vezes nem tanto, outras vezes de uma combatividade

ostensiva. Às vezes empunhando faixas, cartazes e gritando palavras de ordem (Araújo, 2017, p.15).

Os estudantes para adquirir consciência política precisam estar inseridos num ambiente favorável, onde permita discussões com reflexões críticas e questionadoras. Um dos locais mais propícios para promover essas experiências é a escola. Segundo Dayrell (2014, p.120) “a formação para a cidadania exige que tratemos da relação da juventude e participação com a escola”. Conforme elencado na Constituição Cidadã de 1988, art. 206, inciso I – “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, mostra que o acesso à educação após a CF de 1988, alcançou um número maior de estudantes, reconhecendo que a educação é um dos caminhos para melhorar a qualidade de vida das pessoas (Brasil, 2017, p.63).

No contexto do movimento estudantil, entendemos que os estudantes possuem senso de pertencimento¹ que os mobilizam a partir de insatisfações específicas ou reivindicações próprias, que podem expressar somente os interesses dos estudantes e, ao mesmo tempo estão envolvidos nos interesses cotidianos da sociedade, onde são influenciados pelas lutas de classes, ideologias, doutrinas, bem como exercem ações sobre ela, algumas vezes com impacto de cunho político.

A consciência e percepção de suas insatisfações só podem ser sanadas a partir de sua coletividade, enquanto problema não dos indivíduos estudantes, mas do grupo estudantil em sua totalidade. Se estes estudantes se mobilizam a partir de um objetivo, então teremos um movimento estudantil (Teles, 2019, p.44).

O conhecimento dos conceitos relacionados aos movimentos estudantis nos levou a refletir sobre as várias possibilidades de pleitos e sobre os motivos das eclosões das organizações dos movimentos estudantis. À medida em vivenciamos esses momentos, os estudantes que têm oportunidade de participarem da organização coletiva em forma de movimento estudantil em quaisquer períodos de sua formação educacional experimentam sentimentos positivos e de pertencimento social, particularmente o jovem estudante do ensino médio que é dotado de uma intensidade em suas realizações, próprio à sua faixa etária, o vigor da juventude.

Compreendemos que o movimento estudantil é um movimento social, formado por estudantes, e, estes formam um grupo social seletivo: condição estudantil e o sentimento de pertencimento, que logo geram; lutas, resistências e consciência. Em Viana (2020, p. 13) “no

¹ A sensação de pertencimento é um aspecto importante citado pelo autor, sendo que, nos espaços de afinidades a participação é fluida, não apresenta grandes exigências sobre quem participa ou não, permite a participação passiva, por meio da observação e também ativa, de acordo com a intenção do participante (Mendonça, 2018, p.222).

caso do movimento estudantil, os interesses que geram objetivos são os derivados de sua condição estudantil, embora os interesses pessoais estejam presentes e influenciem os objetivos dos movimentos sociais”. Para saber mais, apresento outra definição sobre o ME:

[...] o movimento estudantil pode ser caracterizado como um movimento social constituído pelo grupo social estudantil, que articulam através de demandas referentes a parte da área educacional, além de ser marcado pela questão da transitoriedade, uma vez que a condição de estudante não é permanente (Conceição, 2016, p. 86).

Portanto, a base do movimento estudantil, são os estudantes. Devemos considerar que: “nem todo movimento juvenil está ligado a condição de pautas estudantis e nem todos os integrantes do movimento estudantil são de origem juvenil. Assim, a base social do movimento estudantil são os estudantes.” (Teles, 2019, p. 41).

O movimento estudantil não é homogêneo, considerando que “um estudante possui um determinado pertencimento de classe, já que ele pode ser vinculado à burguesia, proletariado, camponês etc” (Anjos et al, 2019, p. 45). Cada classe social tem formas diferentes de agir na sociedade a depender de acesso a bens, estilo de vida, recursos, cultura social e consciência. Anjos (2019, p.21) afirma: “a diversidade dos estudantes não é somente de “estilos”, e também aí nessa época já se revelam as diferenças de classe no seio do grupo estudantil”.

A participação do jovem estudante no movimento estudantil em suas diversas organizações os leva a legitimar o sentimento de pertencimento da sua própria condição de estudante que se mobiliza em prol de diversas lutas sejam voltadas ao conhecimento e à educação, sejam em prol de mudanças políticas e sociais que estabeleçam direitos e diminuam a desigualdade social. Sobre a legitimidade de pertencimento ao participar do movimento estudantil, temos:

O senso de pertencimento ao grupo estudantil está presente nessas organizações, que se organiza, ora em prol do desenvolvimento da ciência, ora em prol das atividades tipicamente estudantis, ora em questões políticas mais amplas, mais ainda aqui a questão estudantil ganha relevo (Anjos, 2019, p. 19).

Dessa forma, o ME entra em disputas externas e internas, pois é na sua constituição que se percebem as rupturas que movem estruturas que promoverão lutas com resultados de novas perspectivas para a educação no Brasil em sua organização, currículos e vivências dentro dos ambientes escolares.

No cenário vigente, temos percebido as contradições e conflitos que vivem os jovens estudantes, principalmente, pelo fato de pertencerem a uma sociedade com modo de produção

capitalista, assim, “trata-se de perceber o movimento estudantil a partir de sua base social e sua relação com as lutas entre as classes sociais no interior do capitalismo (Teles, 2019, p. 39).

Entendemos que as experiências de lutas e resistências dos jovens estudantes podem disseminar faíscas de transformações que são almejadas no meio educacional, “assim o movimento estudantil é prenhe de diversas interpretações e abordagens teórico- metodológicas, que buscam elucidar e efetivar o processo analítico” (Teles, 2019, p. 40)).

Ao ganhar visibilidade, particularmente no período pós-Estado-novo e no período da ditadura militar, o ME se torna um dos meios para amenizar as mazelas das desigualdades educacionais, com suas lutas e resistências com foco em atenuar as permanências das injustiças sociais que assolam o território brasileiro e mais ainda a população jovem em idade escolar. “A juventude é, portanto, uma invenção. É um produto social típico da sociedade capitalista. Entretanto, após ter sido criada, passa a ser ela também um sujeito que intervém na dinâmica da sociedade e é isto que lhe permite agir politicamente” (Maia & Teles, 2019, p. 115).

O ME esteve presente em diferentes frentes de lutas, desde o Brasil colônia até os dias atuais, como já foi mencionado. Jovens estudantes organizaram protestos e foram protagonistas de manifestações e revoltas, umas se tornaram mais marcantes e fizeram parte do século XX como: atuação que buscou fortalecer a luta pela democracia no Brasil, no Estado Novo com mobilizações e resistências, o protesto contra o regime militar entre 1960 e 1970, as manifestações no episódio da campanha das eleições diretas para presidente em 1980, no movimento dos caras pintadas com apoio ao impeachment do presidente Fernando Collor de Melo na década de 1990.

1.1 Movimentos sociais no Brasil: da luta de classes ao movimento estudantil

Na sociedade brasileira o modo de produção que vivemos é fruto de um processo histórico em constante conflito e contradição, no qual insere-se a luta de classes que pode ser representada pelos movimentos sociais que são de grande importância histórica. “Os movimentos sociais surgiram no calor das contradições sociais provocadas principalmente com o advento do capitalismo e o acirramento das condições de trabalho” (Viana, 2020, p.49).

Em diferentes épocas, esses movimentos protagonizaram manifestações em prol de justiça e igualdade. Segundo Randall Collins (2009, p.51) “Marx é o centro de uma tradição que, mais do que qualquer outra, representou o conflito”, na possibilidade que os conflitos possam ser arranjos para promoção de mudanças históricas e sociais.

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; numa guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta (Marx & Engels, 1989, p. 365-366).

A elite dominante no Brasil tem raízes no poder econômico, permitindo exercer influência nas decisões política e nos valores culturais. A sociedade brasileira, desde o período da colonização, tem experimentado diversas transformações, pois “a empreitada portuguesa de colonização do país já atendia, desde o início, a interesses capitalistas: explorar o território para vender à Europa e lucrar” (Mascaro, 2024, p. 82). Podemos destacar em Gilddens que “todo o fenômeno econômico é simultaneamente um fenômeno social, e a existência de determinado tipo de economia pressupõe a de um certo tipo de sociedade” (Gilddens, 2005, p.38).

Vale ressaltar que, desde os tempos de colônia a economia brasileira já estava a serviço do capital internacional, pois tanto a extração de pau brasil, como de cana-de-açúcar e depois o ouro atendiam aos interesses das metrópoles europeias, sendo Portugal o explorador imediato das nossas riquezas e a Inglaterra seu destinatário final.

Haja vista que, além desses produtos econômicos, o Brasil se destacou com na produção e exportação de café, desde o período imperial até a República Oligárquica quando ocorreu a crise cafeeira com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York em outubro de 1929. Segundo Fausto (2015, p. 160) “a introdução cafeeira no Brasil deveu-se a Francisco de Melo Palheta, que em 1727 trouxe para o Pará, as primeiras sementes da planta. [...] o café chega ao Rio de Janeiro em 1760, misturando-se a outros pequenos cultivos”.

É importante observar que a maioria dos trabalhadores nas plantações de café eram compostas por escravos, reflexo de uma estrutura que legitimava essa prática, “a escravidão não foi irracionalidade retardatária, mas, sim, uma plena racionalidade de estabelecimento e estruturação social” (Mascaro, 2024, p.127). Havia também colonos imigrantes europeus, que, embora livres e remunerados, estavam presos à terra por dívidas. Declara Martins:

O trabalhador livre que veio substituir o escravo não diferia significativamente deste, pois ambos estavam divorciados dos meios de produção, uma característica comum a ambos. Mas diferia na medida em que o trabalho livre se baseava na separação do trabalhador de sua força de trabalho, que no escravo se confundiam, e nela se fundava sua sujeição ao capital personificado no proprietário da terra (Martins, 2010, p.28).

Ainda no século XIX em âmbito político com a Proclamação da República em 15/11/1889, nota-se um caráter limitado e instável no que tange às questões democráticas, sendo controlada pelas classes dominantes.

Depois em Ordem e progresso, analisará o impacto da república na sociabilidade brasileira, apontando padrões conservadores no país mesmo com a industrialização do século XX, louvando uma espécie de unidade de caráter na transição da sociedade brasileira imperial para a republicana (Mascaro, 2024, p.69).

Ainda na incipiência desse modelo de produção capitalista, destacam dois momentos fundamentais para a história do Brasil: a Abolição da Escravidão e a Proclamação da República. Nessa caminhada, havia a necessidade de mão de obra assalariada para o consumo de mercadorias, desencadeando a chegada de imigrantes, trabalhadores livres para a labuta nas fábricas favorecendo esse modelo econômico.

Na perspectiva da teoria da estruturação de Giddens percebemos a interação entre agentes e estruturas na constituição do capitalismo no Brasil. Essa teoria permite compreender como as práticas econômicas, e sociais não apenas moldaram, mas também foram moldadas pela interação dos indivíduos e pelas normas que organizam a sociedade. Conforme Giddens:

A principal característica do “econômico” “não é a escassez de recursos como tal, e muito menos ainda as lutas ou divisões seccionais em torno da distribuição. A esfera do econômico é dada antes, pelo papel inerentemente constitutivos dos recursos alocativos na estruturação de totalidades sociais (Giddens, 2003, p.40).

É pertinente mencionar a teoria da legitimação de Giddens, que se manifesta nas leis abolicionistas, nas políticas de industrialização, modelos de urbanização e mais tarde nas leis trabalhistas a partir dos direitos sociais na política populista de Getúlio Vargas. Ainda no Estado Novo, sob o governo de Vargas, o então ministro da Educação criou uma série de leis, que ficaram conhecidas como Reforma Capanema, em homenagem ao ministro Gustavo Capanema que conduziu tais medidas. Entre as medidas é importante mencionar a divisão da Educação Secundária: Clássico, científico, e ensino técnico profissionalizante, estruturando a educação brasileira respectivamente, como já mencionamos, elite e classe trabalhadora, reforçando as desigualdades sociais.

Para Marx (2023), a configuração social está ligada à dinâmica da economia capitalista, que possui características próprias como a luta de classes, um conceito primordial, que revela o conflito entre as diferentes classes sociais com interesses distintos. A luta de classes, como destaca Randall Collins (2009, p.50) “o conflito social remonta a muitos séculos”, esse conflito

entre os proprietários dos meios de produção, verso os trabalhadores, entre os poderosos e oprimidos é antigo e ainda persiste na estrutura social. Ele manifesta-se na dialética de dois grandes grupos: a burguesia, que detém os meios de produção, e o proletariado, que vende a sua força de trabalho.

Assim a burguesia detém os privilégios e se enriquece a partir da exploração do proletariado. O trabalhador que depende do seu trabalho para sobreviver, suporta as desigualdades construídas de modo opressor. Os proletários são obrigados a vender a sua força de trabalho, e tem grande parte do resultado de seu trabalho expropriado pelos donos dos meios de produção, que concentram a riqueza gerada por meio do trabalho dos proletariados, Marx (2023, p.26) afirma que “é preciso que aqueles que empreendem a luta de classe tenham um mesmo grito de guerra, uma bandeira idêntica que simbolize a união em prol desta ideia comum”.

Em Souza, (2017, p. 85) destaca-se que “traçando um paralelo com nosso passado escravista, a classe média é o capataz da elite do dinheiro de modo a subjugar a sociedade como um todo. Na perspectiva de Collins (2009, p.62) “as classes são os principais atores no palco da história. São as classes que protagonizam as lutas econômicas e políticas, que fazem alianças e que produzem transformações históricas”.

Dentro dessas conjunturas percebemos que a luta das classes sociais molda os rumos de uma sociedade, pois são essas que lideram batalhas, formam parcerias, e de fato promovem mudanças significativas ao longo do tempo. Para Marcaro (2024, p. 07) “as lutas de classes e as lutas sociais, as disputas intelectuais e o domínio ideológico são responsáveis pelas modulações de interesses e perspectivas teóricas sobre o Brasil”.

Entendemos que os conflitos e as contradições desse sistema econômico, como a exploração do trabalho junto a concentração de riqueza para uma minoria, desencadearam a resistência, e a busca por direitos. Nessas condições da sociedade é que se fortaleceram as lutas com o movimento social. E sendo o movimento estudantil uma ramificação do movimento social, ele emerge na sociedade em momentos de tensão social, que por muitas vezes se juntou a outras bandeiras que busca mudanças estruturais.

1.2 Estado Novo e a UNE: o protagonismo estudantil na luta por direitos

A sociedade brasileira vem mudando as estratégias de pleitos nos movimentos, nas lutas e nas organizações estudantis para aquisição de melhorias e avanços na garantia da dignidade do jovem estudante. O território brasileiro já foi palco de guerras, revoltas, movimentos e

manifestações. Cada episódio tinha um caráter específico de luta, e ação concreta do grupo social envolvido, “no Brasil, diziam as instruções, não havia uma “população homogênea em que estão difundidas as luzes e as virtudes sociais” (Fausto 2015, p. 115).

Desse modo, no que se refere ao processo de construção das organizações e lutas, percebe-se que os movimentos sociais são determinantes para que todos os jovens estudantes compreendam decisivamente que “a cidadania não se constitui em direitos concedidos pelo poder instituído, mas tem sido obtida em lutas constantes e em suas diversas dimensões” (Bitencourt, 1998, p. 11).

No início do século XX a nação brasileira caminhava para novos rumos no processo histórico, a começar pelo novo regime de governo, passamos de Monarquia a Primeira República ou República Oligárquica (1889- 1930), que na alternância dos mandatos presidenciais, ora Minas Gerais, ora São Paulo estavam no comando da política nacional.

A juridicidade plenamente burguesa, que com a industrialização se instaura no Brasil, passa a estruturar o controle social atual do país: mediante Estado (ditaduras ou democracias controladas) e direito (dando forma à exploração econômica e ao domínio de classe e grupos), a sociabilidade do escravismo colonial agora se transforma sob as formas sociais burguesas (Mascaro, 2024, p. 130).

Sendo assim “a República deveria ter ordem e também progresso. Progresso significava, como vimos, a modernização da sociedade pela ampliação de conhecimentos técnicos, do crescimento da indústria, da expansão das comunicações” (Fausto 2015, p.212).

Ainda nesse período, o país recebeu milhares de imigrantes entre eles [...] europeus e asiáticos que vieram para as Américas em busca de oportunidade de trabalho e ascensão social “[...] essa concentração se explica, entre outros fatores, pela forte demanda de força de trabalho para a lavoura de café, naqueles anos começavam os passos para a urbanização e industrialização e ascensão da burguesia” (Fausto, 2015, p. 236).

Todas as cidades cresceram e se desenvolveram, algumas com maior destaque como a cidade de São Paulo, sendo que “a capital paulista era também o grande centro distribuidor dos produtos importados, o elo entre a produção cafeeira e o porto de Santos, e nela se encontravam a sede dos maiores bancos e os principais empregos burocráticos” (Fausto, 2015, p. 245). Encontrava-se também a representatividade da política do café-com -leite, designando a hegemonia entre São Paulo e Minas Gerais.

Nesse período da república oligárquica, características singulares se fortaleceram. A política dos governadores, o coronelismo, o voto de cabresto e o clientelismo. No entanto,

fatores externos, a grande guerra e a crise de 1929 com a quebra da bolsa de Nova York e fatores internos como os conflitos sociais, a greve de 1917 e as revoltas urbanas e rurais disseminaram desconforto e crise para o desenvolvimento do país e do regime oligárquico.

A greve de 1917 ocorrida em São Paulo, foi promovida pela classe operária devidos as péssimas condições de trabalho vivenciadas por eles. Condições como longas jornadas, baixos salários e ausência de direitos trabalhistas, fatores que se agravaram devido ao contexto da grande guerra.

No ano de 1930 ocorreram novas eleições e desavenças na política em andamento. O estado mineiro deveria indicar um político para ser o presidente da república e garantir o acordo de alternância no poder entre os dois estados: São Paulo e Minas Gerais. O então presidente Washington Luís preferiu indicar outro paulista Júlio Prestes como seu sucessor.

O partido republicano mineiro se sentiu ofendido “esse fato mostra nitidamente a importância do acordo São Paulo-Minas Gerais, para a estabilidade da Primeira República” (Fausto, 2015, p. 234). Assim o Partido Republicano Mineiro (PRM), formou uma nova Aliança Liberal com forças de outros estados, contra a candidatura de Júlio Prestes, mesmo assim, Prestes venceu as eleições, mas não foi aceito pelos grupos da Aliança, colocando fim na política do “café com leite” (Fausto, 2015).

A eclosão da revolução de 1930 foi o assassinato do político João Pessoa, em Recife, em julho do mesmo ano, João Pessoa era o vice candidato de Getúlio Dornelles Vargas. Vargas usa o assassinato como motivações políticas para acusar Washington Luís, a ser o mandante do crime, motivo que culminou no golpe realizado em outubro de 1930, atendendo aos interesses da Aliança Liberal.

Vargas tomou posse como presidente do Brasil em 03 de novembro de 1930, num governo que seria provisório, mas que se estendeu até 1945, tornando o seu mandato conhecido como “Era Vargas”, dividido em três momentos: Provisório, Constitucional e Estado Novo.

Assim, apresentaremos as características do período conhecido como Estado Novo, uma ditadura² implantada por - Getúlio Vargas - (1937-1945) “o Estado Novo foi implantado no estilo autoritário, sem grandes mobilizações” (Fausto, 2015, p.311).

² Forma de governo em que todo o poder está concentrado nas mãos de um indivíduo, partido ou classe, e em que os governantes normalmente ascenderam a essa condição, e nela se mantêm, pelo uso da força. Numa ditadura os interesses do Estado estão acima dos interesses dos individuais (Doratioto, 1991, P.80).

Em 1938 estava previsto para ocorrerem eleições diretas, no entanto Getúlio decreta estado de guerra motivado pelo suposto plano de golpe comunista (Plano Cohen)³. Aproveitando seus poderes, cancela as eleições, suspende a Constituição de 1934 e permanece no poder. Seu governo é caracterizado por: autoritarismo, centralização do poder no Executivo, apartidarismo e muita repressão política (Fausto, 2015).

A censura e a propaganda solidificaram a figura paternalista de Getúlio Vargas, o consagrando “Pai dos pobres”. As leis estabelecidas nesse contexto do Estado Novo se deram a partir da outorga de uma nova Constituição que ocorreu no dia 10 de novembro de 1937 para a nação brasileira, “à noite, Getúlio anunciou uma nova fase política e a entrada em vigor de uma Carta constitucional, elaborada por Francisco Campos. Era o início do Estado Novo” (Fausto, 2015, p. 311).

Reconhecemos que nesse contexto, a sociedade brasileira experienciou profundas mudanças, caracterizados pela política centralizadora e de culto à personalidade desencadeados de um regime autoritário instituído por Vargas. “Podemos sintetizar o Estado Novo sob o aspecto socioeconômico, dizendo que representou uma aliança da burocracia civil e militar e da burguesia industrial, cujo objetivo comum imediato era o de promover a industrialização do país sem grandes abalos sociais” (Fausto, 2015, p. 313).

A propaganda estatal conseguiu promover Vargas como defensor dos trabalhadores com a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) o que favoreceu a sua popularidade entre as classes trabalhadoras. No entanto, o regime proibiu de forma abrupta qualquer forma de organização autônoma, restringindo as greves. Havia os sindicatos de trabalhadores urbanos que lutavam por melhores condições de trabalho, no entanto estes eram controlados pelo Estado por meio da concessão da carta sindical. Embora tenham conquistado direitos importantes, como o salário mínimo e a CLT (1943), sua autonomia foi limitada durante o governo de Getúlio Vargas.

As lutas dos trabalhadores através de seus sindicatos eram o alicerce e a origem no Brasil do que conhecemos por movimentos sociais. Para Gohn “movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil” (Gohn, 2012, p. 251).

O ensino durante o Estado Novo, procurou despertar o sentimento ideológico, reforçando nos estudantes os sentimentos nacionalistas, com princípios de “Deus, pátria e

³ Aparentemente, “o plano” era uma fantasia a ser publicada em um boletim da Ação Integralista Brasileira, mostrando como seria uma insurreição comunista e como reagiriam os integralistas diante dela. A insurreição provocaria massacres, saques e depredações, desrespeito aos lares, incêndios de igrejas, etc (Fausto, 2015, p. 310).

família”. A educação implementada promoveu reformas, adaptando-se as demandas de uma sociedade em processo de industrialização, com destaque para os cursos técnicos e para a formação superior com áreas específicas para sustentar a nação que se desenvolvia economicamente (Fausto, 2015).

Os cursos técnicos voltados para as áreas da agricultura, comércio e magistério foram fortalecidos pela Reforma Capanema, e eram destinados aos filhos da classe trabalhadora, com o intuito de formar mão de obra qualificada para a indústria. Já os cursos superiores: Direito, Medicina e Engenharia permaneciam voltados para as elites. Esse processo histórico da educação acentuava ainda mais os fatores da desigualdade social presente em toda a sociedade brasileira. O Estado brasileiro, desde a instituição da República, alternou entre governos autoritários e liberais.

Podemos mencionar um exemplo, durante o Estado Novo (1937-1945) sob o governo de Getúlio Vargas, ocorreu a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), que buscou melhorar as condições de trabalho para os trabalhadores, ela garantiu entre outras determinações: salário mínimo, jornada diária de trabalho de 8 horas, as férias remuneradas, a licença-maternidade e a proibição de trabalho aos menores de 14 anos.

Outro exemplo foi na Ditadura Militar (1964-1985), embora regime autoritário, aumentou o número de escolas técnicas, com o mesmo intuito formar mão-de-obra qualificada para as demandas com a indústria e o mercado de trabalho, nesse momento o chamado “milagre econômico”.

Entretanto, nota-se um grande desafio na própria organização dos governantes quanto à aplicação e criação das políticas públicas, que mudam a cada gestão. Assinar uma lei ou criar decretos não é suficiente para assegurar direitos de forma efetiva. Ainda assim, nos regimes democráticos a probabilidade de que as minorias sejam ouvidas é maior. Contudo, os anseios e as necessidades de aprimorar as políticas públicas voltadas para os jovens estudantes ainda persistem.

Houve e há a necessidade da luta de classes em embates difíceis que evidenciam as injustiças e a desigualdade⁴ nos quais as pessoas se uniram em grupos lutando pela defesa dos direitos e nos enfrentamentos das mazelas sofridas pelos menos favorecidos.

⁴“Apesar dos avanços sociais ocorridos no Brasil na última década, ainda assistimos a uma realidade em que as políticas públicas ainda não lograram superar as desigualdades sociais que ainda persistem e que afetam diretamente as trajetórias de vida de milhões de jovens” Dayrel & Carrano (2014, p. 114).

Muitos podem ser os olhares e as indagações sobre os jovens estudantes, que na atualidade tem despertado interesse de muitos autores com pesquisas e estudos. Esse grupo tem despertado uma articulação no protagonismo político e na de construção e mudanças das perspectivas sociais, assim, o conceito de jovens estudantes é construído socialmente, sendo moldado constantemente acompanhando as transformações que ocorrem na sociedade.

Nas palavras de Dayrell (2014, p. 169) “é significativo que os jovens populares, trabalhadores e seus coletivos em movimentos lutem por escola, universidade, pelo direito ao conhecimento, à ciência, à cultura sempre associado ao direito ao trabalho, à terra, ao espaço, à moradia, à vida digna e justa”. Devido às questões que são impostas aos jovens estudantes, como as questões sociais, as políticas autoritárias e as mudanças ocorridas no âmbito educacional, estes protagonizam, manifestações, movimentos, lutas, com anseios de mudar a realidade, unindo-se em movimentos estudantis.

Um exemplo marcante ocorreu no Brasil, neste século XXI. Em junho de 2013, manifestações iniciadas nas grandes capitais, primeiro em São Paulo, em razão do aumento de R\$ 0,20 na tarifa de ônibus, mas logo se espalharam e ampliaram em pautas extremamente necessárias para o contexto vigente da sociedade brasileira, tornando uma mobilização nacional. Os vinte centavos, foi o estopim, para todos abrirem as mentes sobre de fato o que a população estava vivendo e necessitando.

Os protestos desencadearam uma conscientização acerca da mobilidade urbana, do crescimento desordenado nas grandes cidades, o aumento das desigualdades sociais. Essas manifestações, compostas principalmente por jovens estudantes, revelaram a busca por transformar a escola, a sociedade e o país.

Dessa forma, o movimento estudantil ganhou mais visibilidade na sociedade brasileira a partir da criação das organizações representativas como a União Nacional dos Estudantes (UNE) fundada em 1937 e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) criada em 1948, ambas no Rio de Janeiro. Essas entidades agregaram jovens estudantes de diferentes níveis de ensino com repertórios de estratégias e oportunidades de mobilizações conforme o contexto histórico. Tais organizações potencializaram a expressão do protagonismo juvenil na sociedade brasileira.

O contexto dos movimentos estudantis no Brasil que contribuíram para lutas, vitórias e para o protagonismo dos jovens estudantes até o presente século será analisado a partir da criação da Casa do Estudante do Brasil (CEB) em agosto de 1929, localizada no Rio de Janeiro e ainda hoje existe. A primeira entidade estudantil com características nacionais, “apolítico” e que promoveu influência para a União Nacional dos Estudantes (UNE). Na CEB, ficavam

estudantes de todos os estados brasileiros, esses jovens estudantes eram protagonistas da vida política e cultural.

A CEB não era apenas uma organização de assistência aos estudantes e é dela que vai surgir a UNE em 11 de agosto de 1937, posteriormente reconhecida pelo Estado Novo. Sobre a CEB, destacamos “nascida por iniciativa da Sra. Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça, que visava dar assistência social ao estudante, promovendo um espírito de cooperação e solidariedade diante dos problemas apresentados” (Gonçalves Junior, 2023, p. 87).

A data da fundação da UNE é histórica e comemora-se o dia do estudante. Interessante mencionar que “às vésperas do Estado Novo, é instalado solenemente pelo ministro Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro, o I Conselho Nacional de Estudantes, em 11 de agosto de 1937” (Fávero, 2009, p.25).

A UNE se propõe a ser um instrumento de luta contra regimes políticos ditatoriais.

A União Nacional dos Estudantes é a entidade máxima dos estudantes brasileiros. A ela cabe orientar, planejar, coordenar e executar as tarefas relacionadas com estudantes universitários, pois a entidade supervisiona as Uniões Estaduais dos Estudantes e os Diretórios Centrais dos Estudantes, entidades que congregam escolas superiores do país (Seganfredo, 1963, p.17).

A UNE que teve sua origem e criação oficial durante o Estado Novo foi a primeira organização estudantil estruturada para mobilizar e articular os estudantes em torno de organizações, congressos e campanhas de ações tanto políticas quando educacionais. “Portanto, a UNE foi fundada em 1937, reconhecida pelo governo, em 1938, mas sua oficialização ocorreu, em 1942, por meio de um Decreto-lei⁵” (Gonçalves Junior, 2023, p. 124). A UNE teve um papel essencial na promoção do protagonismo estudantil dentro do cenário político nacional.

A UNE foi a primeira organização estudantil estruturada em âmbito nacional. Sua fundação se dá em meados dos anos 1937, como resultado direto da necessidade de uma melhor organização do movimento estudantil (que até então era incipiente em projeções políticas nacionais) e resultado do acúmulo de reflexões e forças dos blocos sociais na trama política daquele momento (Maia & Teles, 2019, p. 124).

Além da criação da UNE, foi instituído o primeiro Conselho Nacional dos Estudantes (CNE) também em 1937 na gestão do presidente Getúlio Vargas. O conselho era um órgão

⁵ Conforme Decreto-lei n. 4.105, de 11 de fevereiro de 1942 (Brasil, 1942).

ligado ao Ministério da Educação. Seu objetivo era controlar e centralizar a representação dos estudantes, limitando o protagonismo. Um órgão de representação com propostas bem diferentes da UNE.

Sobre o embate na luta pela democracia, ressaltamos o protagonismo dos jovens estudantes nos movimentos articulados, principalmente a partir da criação da UNE, defendendo educação, participação, democracia e os direitos sociais.

Do século XVIII ao Estado Novo, os estudantes brasileiros, em movimentos não muito articulados, lutaram contra a invasão estrangeira – as primeiras manifestações de estudantes datam de 1710, quando o Rio de Janeiro foi invadido pelo corsário Duclerc, havendo também manifestações pela independência, contra a escravidão, pela República e contra a ditadura (Fávero, 2009, p.24).

No início dos anos 1940, a UNE promoveu uma campanha no sentido de mobilizar a opinião pública e o governo para a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial contra o nazismo e fascismo. O que interessava para a UNE era a queda do regime autoritário. Neste ideal todos se entendiam e lutavam, pois estavam se manifestando contra as características adotadas durante o regime do Estado Novo.

Conforme põe em justo destaque o autor, a campanha contra o Eixo se desenvolvem de 1942 a 1945, período a que muitos se referem, com certo saudosismo, como “os melhores tempos da UNE”. Os estudantes se bateram, então sucessivamente, pela derrota do nazifascismo internacional e pela democratização nacional (Poerner, 1968, p. 7).

O período entendido como Estado Novo no Brasil foi um dos momentos de intensa repressão aos direitos básicos dos cidadãos, no qual “o Estado Novo perseguiu, prendeu, torturou, forçou ao exílio intelectuais e políticos, sobretudo de esquerdas e alguns liberais” (Fausto, 2015, p. 322). A liberdade de expressão e a censura generalizada se tornaram estigmas marcantes desse regime opressor.

Nas palavras de Gonçalves Junior (2023, p. 161) “a UNE e grande parte da sociedade civil eram contra o Estado Novo. O tempo mostrou o autoritarismo e a restrição às liberdades individuais e coletivas.” A UNE manteve-se forte durante o Estado Novo e ainda está presente na sociedade fazendo valer seus objetivos, promovendo mobilizações em prol dos direitos dos jovens estudantes e da população. “Os propósitos herdados pela UNE refletem a sua identidade política. O movimento estudantil lutou pelos interesses dos estudantes e da população” (Gonçalves Júnior, 2023, p.117).

A UNE é uma entidade máxima de representação dos estudantes brasileiros, antes tínhamos o conhecimento de organizações estudantis que representavam os interesses locais ou regionais e não de forma unificada como a UNE. “A luta do movimento estudantil foi desempenhada num espírito de solidariedade e unidade, lutando contra o imperialismo e suas sequelas de dependência e dominação, bem como, pela reforma e democratização do ensino” (Gonçalves Júnior, 2023, p.117).

Podemos constatar que a UNE, desempenhou um papel primordial na promoção de luta e nos movimentos de resistências principalmente em momentos de governos autoritários vivenciados pela população brasileira. Primeiro, durante as repressões no Estado Novo (1937-1945) e também contra os ditames da ditadura militar (1964-1985) consolidando-se como uma das principais organizações estudantis na luta pela defesa da justiça e da redemocratização do Brasil.

Nessa perspectiva, das histórias das organizações estudantis passar por lutas e reconhecimentos de suas existências, havia a necessidade dessas organizações promoverem lutas de cunho político e social para amenizar os efeitos do sistema capitalista vigente, atenuando as desigualdades sociais. No governo do presidente Getúlio Vargas, após segunda guerra mundial, os países envolvidos buscavam meios de desenvolver a economia e a industrialização e o petróleo era um recurso estratégico.

O movimento organizado pela UNE na campanha o “Petróleo é Nosso”, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, contou com mobilização popular, estudantes intelectuais, trabalhadores e políticos e teve como resultado: a Petrobras, que foi criada em 1953, marcando o sucesso do movimento e sua repercussão, como destaca “a UNE tem, pois, um acervo de serviços à causa da democracia que lhe dão destacado lugar na história da defesa da liberdade. Tornou também, parte ativa em várias campanhas meritórias, como a da nacionalização do petróleo e a da implantação da siderurgia pesada” (Poerner, 1968, p.7).

Ainda sobre as conquistas do movimento estudantil, destaca-se o ativismo da UNE no marco histórico que também é evidenciado nas palavras de Poerner:

Durante aquela hegemonia a UNE obtivera êxitos retumbantes com um dos maiores movimentos de opinião pública da história do Brasil, a campanha “O Petróleo é Nosso”, lançada – a partir de conferências do general Horta Barbosa no Clube Militar – em 1947, no Rio, por Roberto Gusmão, e em São Paulo, por Rogê Ferreira, presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito da USP (Poerner, 1968, p. 28).

A UNE obteve importante papel na resistência ao regime militar em 1964, no entanto devido as características do governo foi duramente reprimida de suas ações. Uma das primeiras ações dos militares, após o golpe de Estado foi incendiar e fechar a sede da UNE, localizada na praia do Flamengo, no Rio de Janeiro. Neste contexto de violência e repressão, a sede da UNE foi destruída, e a carteira estudantil desapareceu junto com a democracia.

No dia 1º de abril de 1964, o golpe militar mostrou, instantaneamente, a sua disposição com os estudantes. Destituído o governo legal, a UNE foi invadida, saqueada e queimada num paroxismo de ódio que escapa ao terreno puramente político para cair na esfera psiquiátrica. A ditadura, impondo ao país um curso de desenvolvimento em que todos os aspectos da vida nacional se subordinam aos interesses de outra nação (cf. Ministro Juraci Magalhães, o que é bom para os Estados Unidos, é bom para o Brasil), não poderia deixar de ter seu pensamento quanto à universidade e ao estudantado [...] (Jornal do Brasil, 06/11/1966 *apud* Poerner, 1979, p.219).

Nesse contexto de autoritarismos e repressões, o movimento organizou a Passeata dos Cem Mil, que contou com a participação de diferentes grupos sociais, além de jovens estudantes tinham trabalhadores, religiosos, artistas, eles se reuniram em 26 de junho de 1968 em protesto contra a ditadura. Junto ao protesto, realizaram uma homenagem ao estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto, de apenas 17 anos, que foi morto durante uma invasão policial no restaurante estudantil na cidade do Rio de Janeiro, conhecido como Calabouço no mês de março do mesmo ano. O restaurante Calabouço era visto pelos militares como local de subversão.

Nota-se a efervescência da população. Afirma: [...] “mesmo encarada com absoluta isenção política, de Edson Luís constituiu um marco na história brasileira contemporânea, pois o impacto do acontecimento despertou forças de oposição e protesto até então adormecidas” (Poerner, 2004, p.268). Era o início de mais uma resistência motivada por mobilizações coletivas num sentimento de revolta e indignação dos momentos vivenciados pela população brasileira.

Existem várias instituições representativas das quais os movimentos estudantis podem fazer parte, essas instituições são chamadas de organizações estudantis e têm como objetivo reunir diversos movimentos, realizar debates, levantar questões e propor meios de lutas frente a diversas situações, sejam elas a nível local ou nacional. Neste intuito pretendemos mencionar as ações realizadas pelos estudantes, durante um período que marcou a história do Brasil.

O período mencionado se inicia em 31/03/1964 e se estende até meados de 1980, é conhecido como ditadura militar, ocorreu por meio de um golpe com o objetivo de depor o então presidente eleito democraticamente João Goulart. Os militares envolvidos no golpe de 1964, declararam que o objetivo de instaurar esse regime autoritário era para restaurar a ordem

no país e nas Forças Armadas. E novamente deter as “ameaças” dos modelos econômicos que segundo eles, flutuavam sobre o Brasil, a expansão do comunismo e a ruptura do capitalismo.

Como mencionado, foram quase duas décadas de articulações promovidas pelos jovens estudantes para melhorar as estratégias de resistências, conduzir os protestos e os confrontos, os quais deveriam estar sempre atentos aos rumos e determinações que seguiam aos ditames do regime.

Após o golpe de 1964, a UNE junto a outros setores reagiu com uma violenta repressão as atrocidades que estavam acontecendo na sociedade, devido a este regime de governo. Muitas pessoas foram atingidas e tiveram seus direitos cerceados; parlamentares tiveram seus mandatos cassados, cidadãos tiveram seus direitos políticos suspensos e funcionários públicos civis e militares foram demitidos ou aposentados. Durante o regime militar, a UNE era constantemente perseguida pelos governos autoritários, no entanto seus membros resistiam à repressão.

Essa entidade representativa destacou-se pela habilidade de articular os interesses tanto dos jovens estudantes como outros específicos da sociedade brasileira, em defesa da liberdade e dos direitos democráticos. Gonçalves Junior (2023, p. 120) afirma que “a identidade política da UNE começou a aparecer em seus feitos em prol da nação, dos menos favorecidos, ou seja, não se restringiu ao campo educacional. A UNE fez manifesto à nação, e não apenas aos estudantes.”

Devido ao contexto socioeconômico e político da época os movimentos estudantis foram ganhando força, inclusive nos protestos contra o regime militar nas décadas de 1960 e 1970, onde os estudantes lutaram e resistiram às pressões contra a repressão política, censura, perseguição a opositores e suspensão de direitos civis. Nesse período, além da UNE, ganharam força organizações como a Juventude Universitária Católica (JUC), a Ação Popular (AP), União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES), União Estadual dos Estudantes (UEEs), Diretórios Centrais dos Estudantes (DCEs), entre outros.

Esses movimentos estudantis giram em torno dos jovens estudantes na luta pela democracia e pela igualdade de direitos para a sociedade brasileira. Além de promover nos integrantes um sentimento nacional, de pátria, e de pertencimento ao seu país e sua cultura, Gonçalves Junior (2023, p. 118) afirma, “por isso, compreender a identidade política da UNE requer reconhecer a memória do movimento estudantil, pois é possível identificar um sentimento nacional que foi construído e se tornou insuperável frente a outros interesses ou valores.”

Com as organizações dos movimentos estudantis novos grupos de estudantes integram essas organizações com a intenção de lutar por direitos e igualdade. Nas universidades a partir

do século XX, com o crescimento da industrialização e das cidades, cresceu também o número de matrículas na educação superior e sua importância.

No Brasil, isso foi bem consistente e intenso durante o regime político cívico-militar, muitos jovens estudantes intelectuais, que tinham boas leituras eram influenciados pelas ideias de Marx⁶ e integraram movimentos, adquiriram consciência política e a partir das experiências vivenciadas promoveram lutas pela defesa das liberdades e da democracia.

A exemplo temos o ex-Ministro da Saúde, do governo do presidente Fernando Henrique, o paulista José Serra, que iniciou sua carreira política na UNE, quando ainda era universitário, ligado à militância católica da Ação Popular (AP), num período de agitação política em meio a debates ideológicos e mobilização estudantil, chegou à presidência da entidade com 95% dos votos. Poerner complementa que:

[...] que a universidade é, no Brasil, uma escola de formação de líderes políticos, centro onde se moldam as consciências e mentalidades com respeito aos problemas que assoberbam o nosso país; e que a maior parte dos homens nela formados carregam vida afora, as posições, idiossincrasias, estigmas e pontos de vista políticos nela adquiridos (Poerner, 1968, p. 26).

A participação de Serra, não gerou apenas novas ideias políticas e estratégias de organização, contribuiu para influenciar novos participantes nos movimentos estudantis. “O último presidente da UNE antes do Golpe Militar em 64 é José Serra (ex-governador de São Paulo e atual Ministro das Relações Exteriores do País no Governo Temer” (Maia & Teles, 2019, p.127). Pois, a participação política dos jovens estudantes não se limitava apenas aos espaços acadêmicos. José Serra foi um dos líderes do movimento estudantil nos anos 1960.

Figura 1 - José Serra – gestão 63-64 – declara aberto o congresso XXXI da UNE



Fonte: Site isto é.com.br/ acesso em 10/06/24

⁶ O gênio de Marx está em ter sido o primeiro a extrair uma conclusão implícita na história universal e em tê-la aplicado consequentemente. Tal conclusão foi a teoria da luta de classes. (Paula, 2020, p.47)

Nos dias atuais a trajetória da UNE continua sendo símbolo da força, da luta, da resistência e da relevância no engajamento político dos jovens estudantes, “compreender a UNE requer estudar suas representações por meio de seus momentos-chaves, privilegiando as relações entre história e memória” (Gonçalves Junior, 2023, p. 119). Assim, compreendemos que as entidades estudantis são de fundamental importância na história e na sociedade brasileira. Elas não apenas defendem os direitos e a democracia, mas atuam com símbolo de resistência contra a opressão e ainda atuam como exemplos de líderes influenciando jovens estudantes a estarem na política seja no espaço escolar, seja na sociedade.

1.3 Movimento estudantil, ditadura e redemocratização no Brasil

Nesta trajetória de contextos, influências e resistências vamos descrever o cenário histórico do movimento estudantil durante a ditadura militar brasileira. “A história das organizações estudantis passa pela luta pelo reconhecimento de sua existência, sua incorporação nas instituições escolares, disputas internas, crise de legitimidade e a criação de organizações estudantis alternativas” (Anjos, 2019, p. 9).

Durante a ditadura militar, o movimento estudantil saía às ruas para pressionar os militares contra suas pautas autoritárias e contra a perda das liberdades democráticas que afetavam os cidadãos brasileiros. Além da política, a resistência também foi cultural, utilizando expressões artísticas como música, teatro e literatura para denunciar o regime.

Os estudantes defendiam uma educação pública de qualidade, inserindo suas demandas na consolidação da luta pela redemocratização, “no Brasil os jovens saíram às ruas para protestar contra a ditadura militar instaurada em 1964, com o objetivo de deter as mudanças que estavam se delineando no cenário político e social do país” (Benevides, 2012, p.14).

Descrever sobre o movimento estudantil durante o regime autoritário, com as suas características específicas de supressão dos direitos, das garantias individuais e coletivas é enaltecer as ações o protagonismo dos jovens estudantes no enfrentamento aos governantes e seus ditames.

Com o Golpe Militar em 64 e a supressão dos direitos políticos e ampliação da repressão, a UNE é jogada na ilegalidade e suas lideranças caçadas pelo Governo. A primeira ação dos militares é incendiar a sede da UNE no RJ e perseguir o movimento estudantil em sua totalidade, posto que este movimento foi considerado um dos mais mobilizadores, à época na resistência ao Golpe (Maia;Teles, 2019, p.127).

Para os jovens estudantes é nessa fase da vida, a juventude é que eles estão cheios de motivações, interesses, ideias, pensam constantemente até em mudar o mundo em que vivem, imaginam lutar para conquistar sus direitos, isso eles fazem com garra e seriedade.

É na mocidade que se cultivam grandes ideias. Os moços mal entreveem a maldade humana. Não atentam na astúcia e dissimulação de certos indivíduos. Cedem, de preferência aos estímulos nobres. Põem confiança inabalável no poder das ideias sedutoras. Não duvidam um só instante de que os nomes possuam o condão maravilhoso de transmutar, de modo subitâneo, os homens e o governo social que eles exercem (Poerner, 1968, p. 5).

Devemos reconhecer a participação dos jovens estudantes envolvidos nas lutas e entender a trajetória da forte participação nesses movimentos de reivindicações que são essenciais nas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais do país.

No embate injusto e desigual, as pessoas se uniram em grupos na luta pela defesa de seus direitos. Dentre os grupos, um deles se destaca pela rebeldia nas contestações, o movimento estudantil, que protagonizou vários embates no transcorrer da história em diversos países do mundo (Covem, 2020, p. 49).

Mesmo após, a instituição do Ato Institucional - AI-5 (1968), que intensificou a repressão com a dissolução de organizações e a perseguição de líderes, os jovens estudantes mantiveram a resistência, alguns setores do movimento estudantil, sem poder mais agir na legalidade, se organizavam de forma clandestina para continuar fortalecendo as alianças com outros movimentos sociais. “Mesmo na ilegalidade, no início da ditadura, a UNE resiste e continua suas ações, mas muitos de seus diretores são presos e torturado, criando uma crescente desmobilização até sua dissolução enquanto entidade organizada” (Maia; Teles, 2019, p. 128).

Esse período de mobilizações destacou o papel transformador dos jovens estudantes motivados na promoção de mudança na história política brasileira e na vida dos cidadãos atingindo outros campos, como menciona Eliani Covem:

[...] o movimento estudantil durante a ditadura militar foi parte de um processo que modificou o próprio sentido de mudança. Isto é, não se contentou com o mudar na política ou na economia, mas promoveu as condições para que este mudar, logo nas duas décadas seguintes incorporasse mudanças a outras esferas da vida social (Covem, 2020, p.56).

O ME no Brasil obteve uma trajetória histórica de luta e enfrentamento contra injustiças, modelos políticos autoritários ou para fazer valer os direitos educacionais e sociais da população. “Tendo à sua frente jovens de rara sensibilidade política, a UNE e a UBES foram

determinantes para o curso que o movimento seguiu e esta experiência marcou a socialização política de toda uma geração de estudantes” (Müller e Maia, 2012, p. 52). Os protagonistas desses movimentos fizeram história, contribuindo para uma reflexão crítica, consciente sobre as atuações dos estudantes.

Esse é um legado significativo que influenciou gerações posteriores, ajudando a moldar a luta por igualdade e justiça social, uma luta contínua e sem fim, mas que almeja uma materialização de novas ideias para a humanidade, “o último presidente da UNE deste período, Honestino Guimarães, é preso e morto pelos militares; depois disso, ocorre uma desmobilização do movimento estudantil devido a intensa repressão como o AI-5 (Ato Institucional)” (Maia; Teles, 2019, p. 128).

Nas décadas de 1970 e 1980 iniciou-se um processo de conquistas para a abertura democrática no Brasil, já que o regime militar se encontrava em decadência. Nesse sentido, Lacerda (2019, p. 91) afirma que “a abertura política iniciada em 1974, com o general Ernesto Geisel, propunha uma transição “lenta, gradual e segura”.

Esse processo visava garantir medidas necessárias para reconduzir o país ao Estado de direito evitando instabilidade política e oposição ao governo militar, e ainda nesse mesmo sentido, “e esse alargamento da arena política, com a entrada de lideranças, partidos e movimentos não originários da elite tradicional, foi um aspecto essencial da redemocratização (Fausto, 2015, p. 523).

Podemos reportar as manifestações protagonizadas e rearticuladas pela pluralidade de grupos nos movimentos sociais e estudantis por todo o país. Essa dinâmica é bem ilustrada pela análise de Fausto (2015, p. 433) “ao destacar que a campanha das “Diretas Já” expressava ao mesmo tempo a vitalidade da manifestação popular e a dificuldade dos partidos para exprimir suas reivindicações.” Na perspectiva de Covem (2020, p. 58) “o movimento “Diretas Já” reuniu milhões de pessoas nas principais cidades brasileiras. “Faziam parte dos comícios em praças e espaços públicos de várias capitais do país os estudantes, operários, intelectuais, sindicalistas, artistas e cidadãos comuns.

A cor amarela foi escolhida como o símbolo da campanha, relacionando com a seleção brasileira de futebol, que é denominada de seleção canarinho devido ao seu uniforme amarelo. Os manifestantes com suas faixas e vestimentas amarelas, saíram às ruas exigindo o fim da ditadura militar, desencadeando uma das maiores mobilizações populares de nossa história com os tradicionais gritos de ordem, “abaixo a ditadura” e “o povo unido jamais serão vencidos”.

Para Covem (2020, p. 57) “a abertura política possibilitou que movimentos sociais atuassem no processo de superação do regime autoritário no período e de redemocratização.

Uma das mobilizações marcantes do período foi a da campanha das Diretas de 1984”, que almejava, na luta política, uma campanha a favor de eleições diretas para presidente da República.

Na década de 1980 consolidava-se a abertura política, “havia a luta contra a ditadura militar, veio a anistia em 1979, desencadeando um processo crescente até a campanha das “Diretas Já” em 1985; ocorre também o processo de reorganização do movimento estudantil nas universidades” (Müller e Maia, 2012, p.54). Em 1987, a Assembleia Nacional Constituinte começou a se reunir, “as atenções e as esperanças do país voltaram-se para a elaboração da nova Constituição (Fausto, 2015, p. 445).

Dante de Oliveira, deputado do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), propôs a emenda à constituição, que previa eleição direta para presidente. A emenda ficou conhecida como “Emenda Dante de Oliveira”, o entusiasmo com a proposta de mudança tomou conta da população brasileira. No entanto, apesar das pressões e da manifestação do povo, a emenda não foi aprovada.

Esse período foi marcado por ação intensa dos movimentos sociais realizando pressões populares. O resultado desta luta foi a promulgação da Constituição Federal de 1988 (CF/1988) que garantiu direitos e liberdades aos cidadãos, restaurando a democracia no país “com todos os seus defeitos, a Constituição de 1988 refletiu o avanço ocorrido no país especialmente na área de extensão de direitos sociais e políticos aos cidadãos em geral e às chamadas minorias” (Fausto, 2015, p. 446).

Este marco estabeleceu a regularidade das eleições diretas como parte do processo de redemocratização, determinando mandatos de quatro anos para os poderes Executivos e Legislativo em âmbito Federal, Estadual e Municipal, pondo fim as eleições indiretas, que mantiveram os militares no poder durante o período da ditadura.

Para compreendermos a conjuntura da política brasileira atual, é primordial reportarmos a Promulgação da Constituição Federal de 1988, que na sua conquista envolveu a participação de diversos setores da sociedade que tiveram nela seus direitos assegurados. A voz da classe trabalhadora, grupos que se viam excluídos da participação política e social foram incluídos nesta Constituição.

No entanto, logo a partir de sua promulgação, tal modelo jurídico constitucional passa a ser sistematicamente combatido, começando pela inflexão neoliberal da década de 1990 e tendo como epílogo o golpe de 2016, simbolizado pelo *impeachment* de Dilma Rousseff e a ascensão de Michel Temer e, depois, de Jair Bolsonaro (Mascaro, 2024, p. 134).

A década de 1990 foi caracterizada por instabilidade tanto na política, quanto na economia. Poucos anos após a redemocratização, em 1992 a população vivenciou o primeiro impeachment da história do Brasil, contra o presidente eleito Fernando Collor de Mello. Collor apresentava-se durante a campanha política como o ‘caçador de marajás’ e representante dos ‘descamisados’. Os slogans buscavam construir uma imagem de defensor dos interesses populares e opositor das elites.

Eleito em 1989, no segundo turno sobre uma forte polarização ideológica na histórica da política brasileira entre grupos de direita e esquerda, Collor assumiu a presidência com o compromisso de modernizar o país, combater a corrupção e exaltar na população a esperança de justiça social.

O governo de Collor não cumpriu nenhuma de suas promessas e com a insatisfação popular de seu governo, a indignação tomou conta do país. Collor acreditando que sua credibilidade ainda era tolerada pela população, pediu aos brasileiros apoio e que estes usassem vestimentas das cores da bandeira no domingo sobre missão patriótica em sinal de seu apoio. No entanto neste dia 16 de agosto de 1992, milhares de brasileiros saíram as ruas, utilizando roupas pretas, em protesto a sua forma de governar o Brasil.

Este período da história vivenciado pela população brasileira, marcou o momento em que o Movimento Estudantil, tornou-se um movimento de massa coletiva, estudantes foram às ruas protestar, manifestar a indignação contra a política adotada no país. Esse episódio consegue repercussão nacional com a atuação dos estudantes universitários da (UNE) e estudantes secundaristas da (UBES). Tornando esse evento um momento marcante da trajetória do movimento estudantil brasileiro.

Um grande número de estudantes participou no evento que ficou conhecido como “caras-pintadas”, e de acordo com Müller e Maia (2012, p. 68) a origem dos rostos pintados vem de: “Então, na verdade, a origem foi o vôlei, se quiser pensar. Depois foi a escola Oswald de Andrade que trouxe para a passeata. A gente olhou, achou legal, comprou guache e saiu espalhando no outro dia as fotos dos estudantes nos jornais, todos tinham as caras pintadas.”

Conforme apontam Müller; Maia (2012, p. 52) “a presença massiva dos estudantes nas ruas de todas as principais cidades brasileiras dava um tom descontraído aos protestos, com suas músicas, seus rostos pintados e sua indignação frente às atitudes do então presidente.” O impeachment de Collor representou um marco na história democrática brasileira consagrando a participação dos estudantes neste processo.

O movimento dos Caras Pintadas foi uma mobilização popular de grande importância para a população brasileira e contou com diversos grupos da sociedade, além do grande número de estudantes que saíram às ruas das principais cidades do Brasil. Esta mobilização aconteceu nos meses de agosto e setembro de 1992, contra Fernando Collor de Mello, o primeiro presidente diretamente eleito pelo povo após o regime militar (Covem 2020, p. 58).

Os jovens estudantes mobilizaram passeatas e tomaram as ruas e avenidas das principais cidades do país se manifestando contra a corrupção e os escândalos políticos, que disseminavam uma tensão e insegurança para a população, exigindo a queda do presidente.

Após as manifestações, negociações e a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) votou-se no impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, “o primeiro presidente eleito pelo voto direto após a redemocratização do Brasil. “os “carapintadas” lotaram praças e ruas, empunhando faixas de todas as cores, gritando slogans e palavras de ordem, não muito criativas, mas marcadas pela irreverência” (Mattos, 1993, p. 79).

As manifestações aumentaram com a proximidade da votação do relatório final da CPI. Na manhã do dia 25 de agosto cerca de 400 mil estudantes tomaram o Vale do Anhangabaú em São Paulo. Em Recife, 100 mil estudantes foram às ruas e em Salvador 80 mil. Em Brasília, no dia 26 de agosto, cerca de 60 mil estudantes fizeram manifestações contra o presidente Collor, enquanto o relatório era votado pelo Congresso (Covem, 2020, p. 59).

Com o movimento das manifestações, conhecidas como parte do movimento dos caras-pintadas” foi possível perceber e identificar um dos momentos mais significativos da mobilização estudantil no Brasil, evidenciando a insatisfação da juventude e sua influência na conjuntura política nacional, pois as ações dos estudantes foram fundamentais na pressão social para o impeachment de Collor. A figura a seguir ilustra a força e a criatividade desse movimento, que marcou a história política brasileira.

Figura 2 - Movimento dos Cara Pintadas no Fora Collor



Fonte: Site aventurasnahistoria.uol.com.br/ acesso em 22/06/2024.

Assim, o governo de Collor de Melo, o primeiro presidente eleito após a ditadura ficou marcado por políticas econômicas polêmicas, pois implementou o Plano Collor que entre outras medidas estabeleceu o confisco da poupança de milhares de brasileiros, além de escândalos como os que envolveram seu tesoureiro de campanha Paulo César Farias e as acusações de Pedro Collor de Melo, irmão do presidente.

Estes eventos e aliados à recessão econômica levaram à uma grande instabilidade política que culminou com a renúncia do presidente na segunda instância de votação de seu Impeachment no Senado Federal, evitando a prisão do presidente, entretanto, Fernando Collor perdeu e teve seus direitos políticos cassados por oito anos, período em que o ex-presidente fixou residência nos Estados Unidos da América (EUA).

Nos anos finais do século XX, o governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), foi marcado por estabilização e reformas, ocorreram mudanças na economia, na política e nas questões sociais. Aas políticas educacionais foram voltadas à modernização, à ampliação do acesso, redefinição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e expansão do ensino superior privado, redução dos níveis de analfabetismo. Nesse contexto, as manifestações estudantis, lideradas principalmente pela UBES, tiveram papel central na defesa da escola pública e gratuita, na resistência às desigualdades educacionais, contra o aumento das mensalidades dos cursos superiores, na campanha pela meia entrada, passe livre, entre outras pautas.

CAPÍTULO 2

SOCIOLOGIA, ENSINO MÉDIO e JUVENTUDE: UM TRIO EM MOVIMENTO

A trajetória da educação brasileira possui uma história de quase 500 anos, e quando mencionamos educação, reportamos ao espaço escolar que está associado à história social e à história cultural vivenciada por todos. Dayrell (1996, p. 07) destaca que [...] “a educação das pessoas se dá na dinâmica histórica do desenvolvimento civilizatório e que a educação escolar tende a retomar e reproduzir a experiência humanizadora de nosso momento histórico”.

Desde a colonização e organização do território brasileiro pelos portugueses, a educação foi considerada, além de excludente, vista como meio de sobrevivência e dominação cultural. Em Saviani (2011, p. 99) “a maioria, portanto, educava-se pelo trabalho; só uma minoria tinha acesso à forma escolar de educação”. Percebe-se o sentido da educação restrita e limitada, sem a intenção de especialidade educacional e humanização.

Neste contexto histórico, há de se refletir que a educação no Brasil foi ofertada de maneira desigual, e que mesmo depois de muitos séculos e lutas, a educação caminha a passos lentos para garantir o que está postulado na teoria da Constituição Cidadã (1988). Segundo Tardivo & Santos (2022, p.88) “a educação destinada à classe trabalhadora é marcada pela luta de classes, e, quando essa classe trabalhadora consegue ter acesso à educação escolar, ao conhecimento sistematizado, o conteúdo do ensino é esvaziado”. Caracterizando um conhecimento longe de ações transformadoras.

Devido estes fatores arraigados, onde os ricos herdaram o que há de melhor na sociedade, incluindo o acesso à educação, entende-se “os vencedores de 1930 preocuparam-se desde cedo com o problema da educação. Seu objetivo principal era o de formar uma elite mais ampla, intelectualmente mais bem preparada” (Fausto, 2015, p. 287).

Nesta conjuntura estrutural, a educação brasileira, em especial o ensino médio, foi marcada por transformações. Na primeira LDB brasileira de 1961 apenas os primeiros quatro anos da formação escolar eram de oferta pública o que colocava o ensino médio como um sonho distante da maioria da população. A inclusão do ensino médio no âmbito da educação básica e sua progressiva obrigatoriedade demonstram o conjunto das lutas sociais travadas na sociedade e que culminaram com marcos legais.

A educação brasileira é amparada com leis e políticas públicas que visam melhorar a qualidade do ensino, a acessibilidade, e permanência na escola. A mais recente e com muitas consequências para os estudantes ocorreu na década passada, em 2017, a homologação da

proposta do novo Ensino Médio com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em todo o território brasileiro.

Deixando a cargo dos Estados e Municípios as suas especificidades. No caso do Estado de Mato Grosso a proposta foi implementada nas escolas no ano de 2022, com alterações em 2023 e novas perspectivas para 2024 e 2025, sendo as mudanças mais visíveis: a redução da duração das aulas de 1 hora para 45 minutos e a instituição de escolas cívicas militares, a retirada dos itinerários formativos como Projeto de Vida e disciplinas eletivas. Contudo, no ano de 2025 houve o retorno das duas aulas de História e Geografia para o ensino médio.

Embora já estivesse prevista na LDB vigente – Lei 9.394/1996 a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por um governo de viés neoliberal trouxe uma série de distorções aos componentes curriculares da educação básica. Ao instaurar novamente a dicotomia entre formação geral propedêutica e formação profissional a BNCC restaura um instrumento utilizado pela ditadura militar: a criação de um currículo que visava a formação de profissionais para atendimento das demandas do mercado, cuja formação era aligeirada, e outro filão que deveria seguir seus estudos em nível superior.

Através da Lei nº13.415/17, de 16 de fevereiro de 2017, instituiu-se a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral que, dentre as suas medidas, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, retirando a obrigatoriedade de Sociologia, Artes, Filosofia e Educação Física do Ensino Médio e colocando itinerários formativos com ênfase em áreas de conhecimento, a saber: Linguagens; Matemática; Ciências da natureza; Ciências humanas; e a formação técnica e profissional. [...] O ensino da Sociologia passa a compor o itinerário das Ciências Humanas e segue as orientações da Base Nacional Comum Curricular referente ao Ensino Médio, que incluem os estudos e práticas de Educação Física, Arte, Sociologia e Filosofia, entretanto, deixam lacunas no seu entendimento e interpretações (Moraes, 2017, p.5-6).

No entanto, todas essas reformas e transformações que ocorrem no campo educacional, acarretam pontos positivos e negativos na perseverança de um ensino-aprendizagem de qualidade e que atenda os interesses universais. O ensino médio de forma ampla, mesmo com a implementação de novas políticas públicas como o Programa Pé-de-Meia (2023), a expansão do ensino técnico e profissionalizante, ainda impõem grandes desafios aos jovens estudantes, como, a desigualdade educacional, o déficit de aprendizagem, a falta de estrutura nas escolas públicas e a preocupação com o mercado de trabalho.

Neste percurso da história educacional, destacamos as Ciências Sociais, sobretudo a Sociologia, como área que estimula o protagonismo juvenil ao incentivar o estudante a

compreender sua realidade, questionar estruturas sociais e atuar de forma transformadora no espaço escolar e na sociedade.

É imprescindível mencionar o destaque dessa disciplina, que vai além da simples compreensão. Sua inserção na história da educação remonta à Idade Contemporânea final do século XVIII, e seus ensinamentos ultrapassam fronteiras ao ampliar horizontes e abrir mentalidades por meio das discussões promovidas por seus estudiosos. Para Viana (2011, p.12) “a Sociologia é uma ciência e, portanto, carrega em si os elementos característicos do pensamento científico em geral, e sua particularidade reside em seu objeto de estudo, a sociedade e nos procedimentos metodológicos criados para analisá-la.”

O ensino de Sociologia deve ser entendido como parte integrante e de fundamental importância para a compreensão da sociedade e das relações estabelecidas entre os sujeitos que compõem esse espaço social, que desde a colonização é resultado de processos históricos, sociais e culturais. Para Marcaro (2024, p. 82) “o Brasil não se constituiu apenas pelo encontro casual ou amontoado de pessoas e povos.” A Sociologia neste sentido, contribui para uma formação crítica dos jovens estudantes e para a sua repercussão enquanto cidadão da sociedade brasileira.

Quando nos reportamos ao ensino de Sociologia, devemos compreendê-lo como um instrumento de reflexão sobre a sociedade em que vivemos. Segundo Brunetta, et al (2020, p. 406) “mas do que ensinar a teoria pela teoria – numa ênfase conteudista – ou temas dos presentes apresentados com rigor, trata-se de estimular nas/nos estudantes a imaginação sociológica, examinando criticamente as situações cotidianas.”

A Sociologia no Brasil surge em um contexto de mudanças sociais e políticas e o fato de sua etimologia estar ligado à sociedade revela que suas percepções ocorrem em um processo coletivo, pois os fatores sociais repercutem em toda a população.

No espaço escolar, a Sociologia promove a formação de jovens estudantes críticos, questionadores e engajados na promoção de mudanças. Assim,, a Sociologia é fundamental não apenas para os jovens estudantes, mas todos os grupos que constituem a sociedade brasileira, para de forma coletiva insistir na efetividade por melhorias na sociedade para todos.

Esta pesquisa, buscou compreender a participação dos jovens estudantes nos grêmios estudantis, suas motivações e desafios. As percepções e repercussões políticas e sociais dessa experiência se consolidou a partir da aplicação do questionário realizado na E. E. 13 de Maio, com a turma de jovens estudantes do ensino médio, 2º ano A.

A escolha da turma do ensino médio 2º A, deve-se ao fato de que nela há sete integrantes ativos do grêmio estudantil e também por serem responsáveis, com senso crítico e consciência

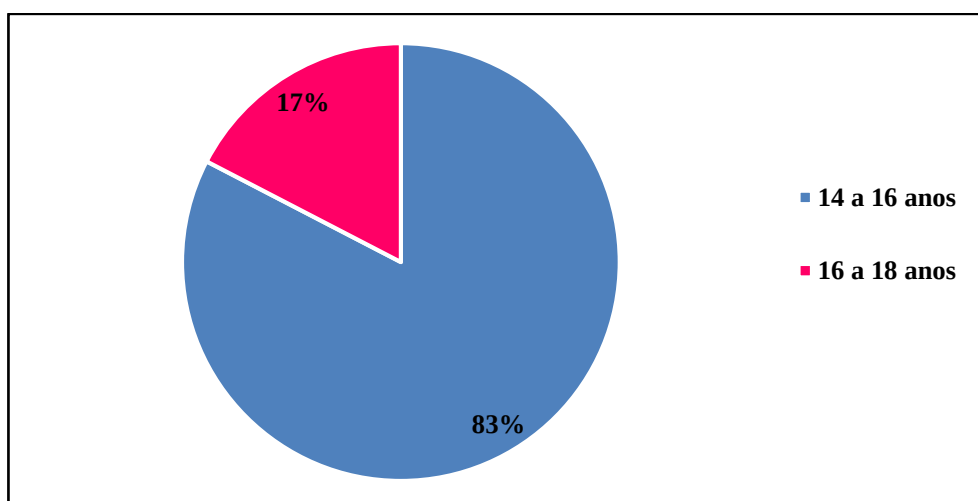
nas ações desenvolvidas na escola. Esta análise buscou não apenas descrever os dados quantitativos obtidos na pesquisa sobre o Grêmio Estudantil, mas também refletir criticamente sobre suas repercussões políticas e sociais, tanto no contexto escolar quanto na sociedade.

Antes da aplicação do questionário, realizou-se uma visita à escola nesta turma de 2º ano para apresentar a proposta da pesquisa. Nessa ocasião, foi feita uma explanação aos jovens estudantes sobre o objetivo da pesquisa, destacando tratar-se de uma análise vinculada ao curso de Mestrado, sendo o objeto de estudo a entidade Grêmio Estudantil.

A pesquisa foi de livre iniciativa e dependeu da vontade dos estudantes em participar. Como a maioria dos participantes é menor de idade, foi necessário o consentimento dos responsáveis por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), além da assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos próprios estudantes.

No dia da aplicação do questionário, previamente combinado com a gestão escolar dia 24 de outubro de 2025, na turma do 2º ano A, do período matutino, composta por 33 matrículas, estavam presentes 28 estudantes; 05 faltaram. Desses, apenas 23 concordaram em participar da pesquisa. A maioria dos jovens estudantes tem idade entre 15 e 18 anos, integrando a categoria juventude, compreendida como sujeitos entre 15 e 29 anos (Estatuto da Juventude). Para dar início à análise dos gráficos, vamos na essência compreender as percepções e repercussões a partir dos dados coletados.

Gráfico 1 – Qual a sua idade?



Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

O gráfico 01, ilustra a faixa etária dos jovens estudantes pesquisados. Esse dado foi fundamental para compreender o momento de vida em que se encontram, bem como as formas

pelas quais se relacionam com o protagonismo juvenil e a participação política no ambiente escolar. De acordo com Menegozzo (2017, p.19), um dos conceitos de juventude é: “finalmente, essa etapa intermediária pode não estar associada a critérios biológicos ou psicológicos, mas a um conjunto determinado de papéis – um conjunto de direitos e deveres social e historicamente estabelecidos – reservados a grupos sociais específicos.”

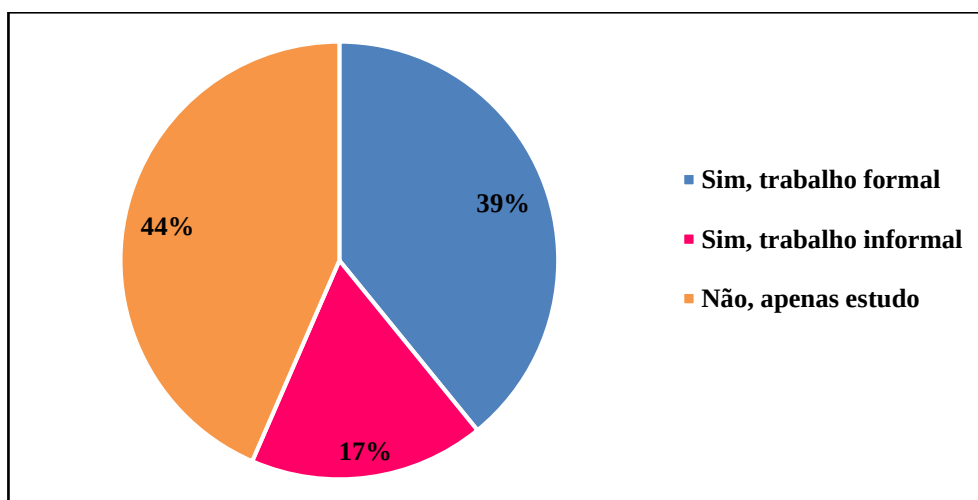
Essa faixa etária, indica que a maioria dos participantes estão numa fase de maior maturidade escolar e social, (83%) dos estudantes têm entre 14 e 16 anos. Estão cursando a última etapa da educação básica, numa fase de conteúdos curriculares mais complexos e participativos. Cidadania, protagonismo juvenil e participação política, fazem parte das experiências cotidianas.

Na mesma perspectiva, Groppo interpreta “a juventude trata-se de uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. É uma categoria que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos “estruturantes” das redes de sociabilidade” (Groppo, 2016, p. 10).

Também é uma fase marcada por transições, desafios e habilidades para conquistas futuras perante uma sociedade marcada pela desigualdade social. Conforme aponta Dayrell (2014), reconhecer os jovens estudantes como sujeitos sociais e históricos é essencial para que a escola dialogue com suas experiências, interesses e modos próprios de ser e pensar o mundo.

Entre os participantes, 07 são integrantes do Grêmio Estudantil que atuam de forma ativa na dinâmica escolar, denominado “Águias Douradas”, sendo que, entre os membros do grêmio, a composição é majoritariamente feminina.

Gráfico 2 - Você exerce alguma atividade remunerada atualmente?



Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

O gráfico 02, exibe sobre atividade remunerada. Essa questão foi necessária, devido as formulações de leis para os jovens estudantes, na Constituição (1988), na LDB (2006), nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013), umas das finalidades do Ensino Médio, é a “preparação para o mundo do trabalho.”

No quesito trabalho, a maioria dos participantes respondeu que precisam trabalhar, seja de maneira formal ou informal. A análise mostrou que esse grupo convive com um duplo desafio: estudar e trabalhar.

Nessa trajetória percebe-se que a educação no Brasil se consolidou de forma seletiva e elitizada, sendo que para o jovem estudante da classe trabalhadora é voltada para o mercado de trabalho e para o jovem estudante da elite dominante é voltada para perpetuar a dominação. Essa questão vai se materializando para as progressões no meio educacional.

Os domínios e especificidades dentro dos currículos e dos modelos educacionais ofertados, refletem esta situação. Havia os cursos superiores e os cursos técnicos, o que influenciava na destinação de quem se beneficiaria: sendo os cursos superiores destinados a elite e os cursos técnicos para as classes trabalhadoras, destes desencadearia a mão de obra barata, pois necessitavam de trabalho para sobreviver, nesse viés Oliveira (2022, p. 16) “destacamos a política educacional e seu papel como reprodutora da ideologia da classe dominante e de formadora de mão de obra para suprir as necessidades do capital”.

Entre o trabalho formal e informal somam-se um total de (56%), o que mostra a manobra da sociedade capitalista sobre a formação da classe trabalhadora para o mercado de trabalho. Corrochano (2014), aponta que a relação dos jovens estudantes com o trabalho é marcada por desigualdades e é justamente nesta etapa da educação básica, o ensino médio, onde fica mais evidente os jovens estudantes da classe trabalhadora que necessitam conciliar o trabalho com os estudos.

Essa percepção sobre a atividade remunerada, reforça a dinâmica do sistema capitalista num contexto marcado pela desigualdade social e baixa renda das famílias. Tais condições, não apenas econômicas, proporcionam motivações aos jovens estudantes para inserir precocemente no mercado do trabalho, seja para suprir suas necessidades, ter independência financeira sobre os seus “desejos” ou até mesmo auxiliar na renda familiar.

Essa realidade nos conduziu a um convite de reflexão: qual é o sentido do trabalho para esse grupo de estudantes. Que tipo de experiência está sendo disseminada na sociedade brasileira.

Ao exercerem um trabalho remunerado, esses jovens estudantes não conseguem dedicar-se apenas aos estudos, tornando o espaço escolar um lugar de conflitos, disputas e

contradições, reforça Corrochamo (2014, p.206-207) “de toda maneira, o trabalho, em suas diferentes formas, faz parte da realidade de parcela considerável dos estudantes de Ensino Médio do país.”

Dayrell e Carrano (2014, p.127) destacam “um dos grandes desafios da contemporaneidade passou a ser a construção da unidade social em sociedades marcadas por significativas diferenças e desigualdades pessoais e coletivas”.

Nesse viés foi importante destacar e refletir sobre as desigualdades sofridas ao acesso à educação, nesse percurso que o ensino médio permaneceu elitizado, com poucas oportunidades para as classes populares. Estas circunstâncias levam os jovens estudantes a questionar e a pensar sobre sua realidade estudantil e destas reflexões emergem as lutas pela educação levando à formação de movimentos organizados para pleitear mudanças, ofertas e acesso à educação.

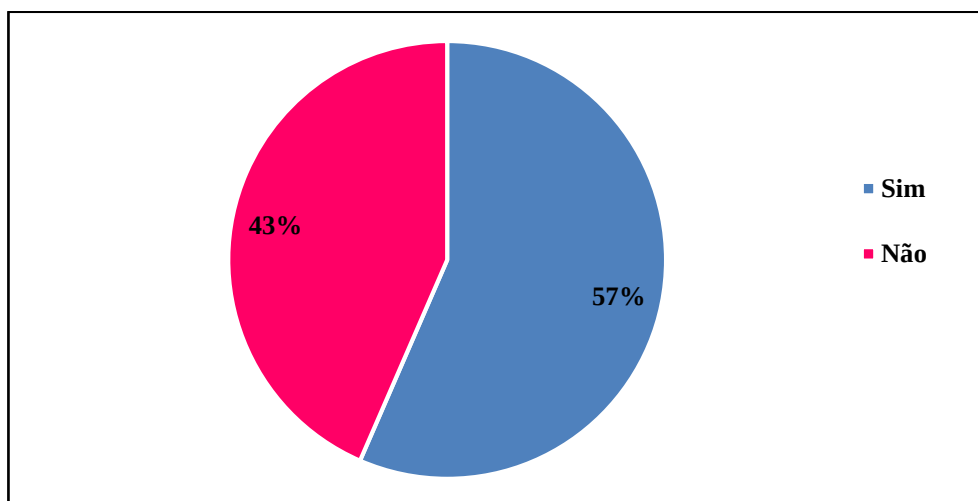
O período militar trouxe a reforma educacional materializada pela Lei 5692/1971 que fraturou o ensino médio retirando conteúdos considerados subversivos como a Sociologia e a Filosofia e instaurando a formação profissional de forma compulsória, desencadeando mais desigualdades e dificuldades para os estudantes que pertencem a classe baixa.

Os jovens estudantes convivem com as relações de embate entre a classe dominante e a classe trabalhadora, no espaço escolar tornou-se evidente as contradições sociais presentes nas instituições de ensino. É perceptível a distinção voltada aos interesses das classes dominantes, reforça Saviani:

A questão era, pois, a seguinte: como compreender a educação nesse movimento histórico? Tratava-se de percebê-la como também determinada por contradições internas à sociedade capitalista, na qual se inseria, podendo não apenas ser um elemento de reprodução, mas um elemento que impulsionasse a tendência de transformação dessa sociedade (Saviani, 2011, p. 96).

Nesta questão também reconhece uma atenção familiar, onde uma parte singela de (44%) que se dedica apenas aos estudos, de modo a evitar a necessidade de trabalhar nesta última etapa da educação básica. No, entanto esses dados sobre a atividade remunerada dos jovens estudantes indicaram uma reflexão sobre as diferentes condições socioeconômicas e o impacto que essas condições exercem na formação educacional dos jovens estudantes com acesso e permanência, na construção da autonomia e do protagonismo juvenil.

Gráfico 3 - Se você trabalha, ajuda no custeio da casa?



Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

O gráfico 03, analisou a questão do trabalho e ajuda nas despesas familiares. Este fator está relacionado com a faixa etária desses jovens estudantes do ensino médio. Essa fase é marcada por estudo, trabalho e também a busca por autonomia.

Uma percepção é que mais da metade que trabalha, precisa ajudar nas despesas familiares, numa proporção de (57%). Enquanto (43%) declararam que não contribuem financeiramente. Há, portanto, uma maioria relativa de jovens que assumem algum grau de responsabilidade econômica no núcleo familiar.

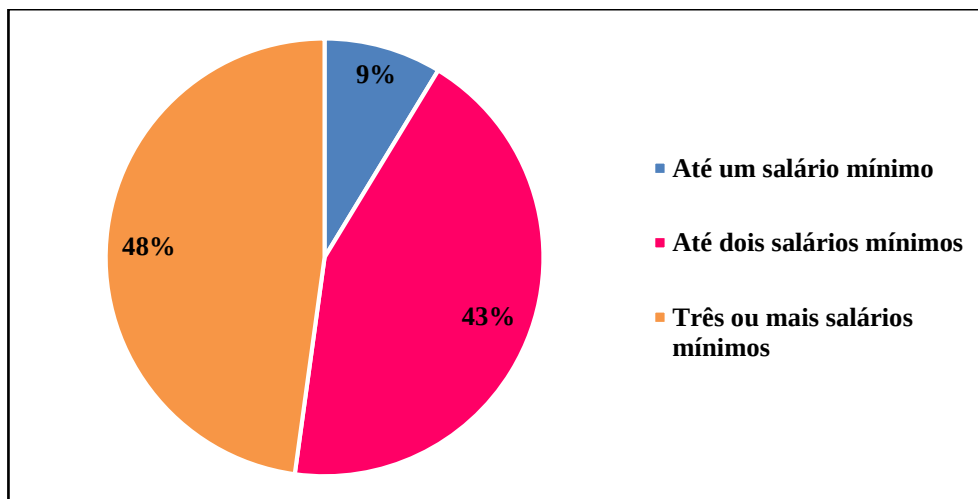
Na nossa sociedade, mesmo com ascensão de políticas públicas de juventude, ainda é necessário novas oportunidades para os jovens estudantes da classe trabalhadora. Dayrel & Carrano (2014, p. 114) destacam que [...] “ainda assistimos a uma realidade em que as políticas públicas ainda não lograram superar as desigualdades sociais que ainda persistem e que afetam diretamente as trajetórias de vida de milhões de jovens”.

Nesse contexto o gráfico 03, evidencia que mais da metade dos pesquisados buscam um trabalho precoce, seja de maneira informal, ou jovem aprendiz, eles contribuem financeiramente com as despesas familiares. Mesmos os jovens estudantes que não precisam ajudar nas despesas da casa, não quer dizer que não precisam de um emprego, na maioria das vezes lhes faltam oportunidades.

O resultado do gráfico 03, reforça uma preocupação para todos os jovens estudantes, independente de já exercerem uma atividade remunerada ou contribuírem nas despesas familiares, o que demonstra o peso da necessidade econômica em suas trajetórias. Como destaca Corrochano (2014), embora a necessidade de renda seja um fator importante, não deve ser atribuída exclusivamente a fatores econômicos para o ingresso precoce no campo do trabalho,

outros aspectos, como a estrutura familiar, o gênero e a escolaridade dos pais, também influenciam essa decisão.

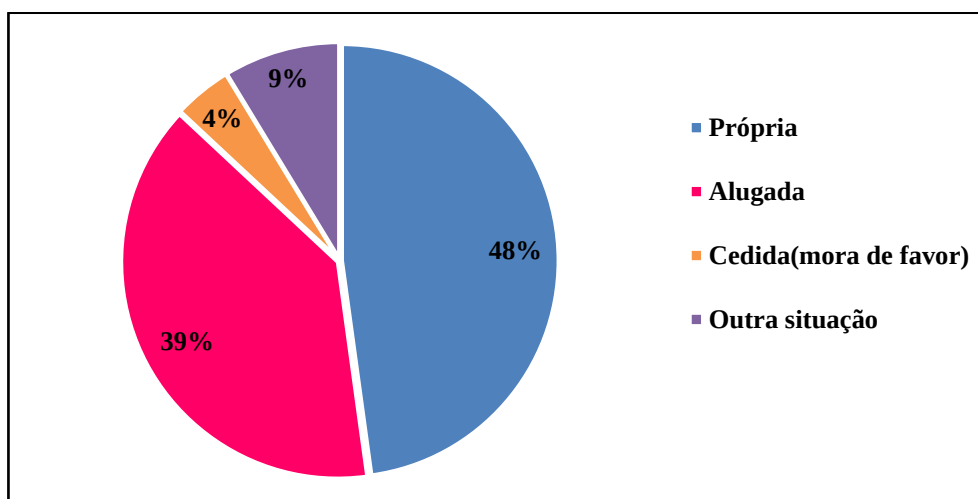
Gráfico 4 - Qual a renda mensal do seu grupo familiar?



Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

Quanto a renda familiar, o gráfico 04, aponta que a maioria (48%) possui uma renda igual ou superior a três salários mínimos, o que pode indicar classe média baixa, ou classe baixa, sendo que outro grande grupo (43%) vive com até 2 salários mínimos, compondo as classes baixas ou populares, fatores que são gerados pela instabilidade do trabalho, o alto custo de vida e a fragilidade das políticas públicas. Já (9%) indicaram receber até 1 salário mínimo, compondo a renda familiar para sobreviver numa sociedade capitalista, estes compõem os grupos em situação de vulnerabilidade social. Ainda, percebe-se também que as famílias fazem parte da classe trabalhadora, pois vivem do próprio trabalho. O resultado evidencia a desigualdade social, com pouco acesso a bens, escolarização de qualidade e mobilidade social.

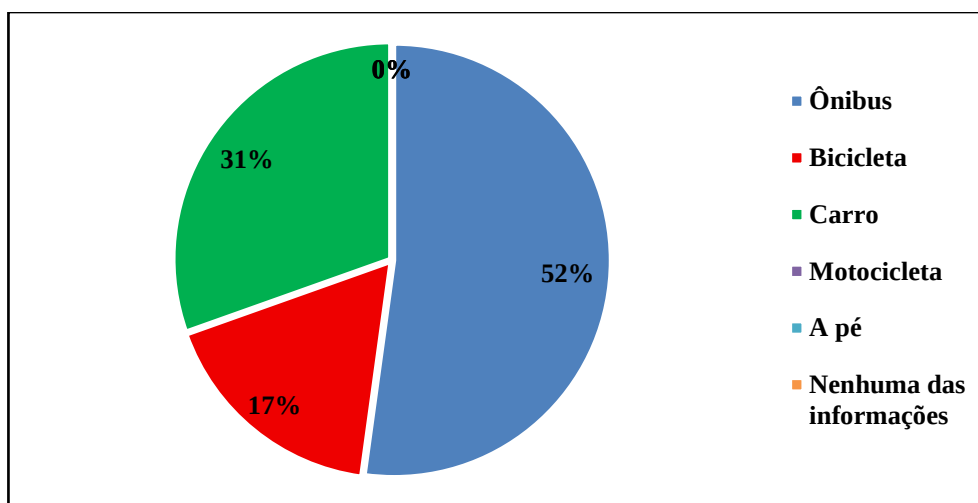
Gráfico 5 - A casa onde você mora é:



Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

A questão relacionada à moradia, a maioria dos participantes respondeu que possui casa própria, o que equivale a (48%). No entanto, grande parte mora em casa alugada, que corresponde a (39%). Isso indica uma dependência do mercado imobiliário e também caracterização de situações de mobilidades, o que é comum em contextos urbanos, procurar aluguel que seja mais acessível, mesmo que seja distante do centro, ou da escola. Uma pequena parcela revelou morar em casa cedida, o que mostra laços de solidariedade, o que ocorre em contextos de classes populares de renda baixa.

Gráfico 6 – Como você costuma vir diariamente à escola?



Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

No gráfico 06, mais de (50%) dos jovens estudantes utilizam o ônibus escolar; transporte cedido pela prefeitura municipal. Contudo, como já mencionamos, esta unidade escolar está localizada bem no centro da cidade. Por isso, parte dos jovens estudantes optam por ir de bicicleta, totalizando um percentual de (17%).

Como já foi mencionado, a escola pesquisada está localizada na região central da cidade de Sorriso, município que dispõe de um sistema de transporte escolar eficiente, responsável por levar e trazer os jovens estudantes sem qualquer custo.

Além desses, (31%) se deslocam em carros particulares, acompanhados por seus responsáveis, o que demonstra a diversidade de meios de transporte utilizados pelos estudantes e a acessibilidade proporcionada pela localização da escola.

Percebe-se que os jovens estudantes que optam por estudar nesta unidade escolar não é apenas uma questão de logística, mas também, um reflexo das condições socioeconômicas e da organização urbana do município de Sorriso-MT.

2.1 Protagonismo juvenil o que pode repercutir na sociedade a partir dos dados coletados

O entendimento relacionado as categorias: protagonismo juvenil e participação política, vão ao encontro de possíveis processos históricos direcionados aos jovens estudantes e suas relações com a sociedade. Estas circunstâncias levaram os jovens estudantes a questionar e a pensar sobre sua realidade estudantil e destas reflexões surgiram as lutas pela educação pública, gratuita e de qualidade, levando à formação de movimentos organizados na busca de melhorias e visibilidade.

Os jovens estudantes, deste século XXI, vem acompanhando e demonstrando o seu anseio nas lutas sociais seja para garantir o acesso à educação, ou participando de forma ativa nos acontecimentos de mobilizações, seja por meio dos movimentos estudantis, das manifestações ou ocupando escolas. Conforme Saviani (2011, p. 137) “à educação, na medida em que é uma mediação no seio da prática social global, cabe possibilitar que as novas gerações incorporem os elementos herdados de modo que se tornem agentes ativos no processo de desenvolvimento e transformação das relações sociais.”

O grêmio estudantil representa um espaço de participação democrática no ambiente escolar. O jovem estudante que se torna membro do grêmio tem grande probabilidade de adquirir o desenvolvimento de habilidades políticas, comunicativas, além de garantir o exercício da cidadania. De acordo com Stamato (2008), o protagonismo juvenil está ligado à capacidade dos jovens de intervir na realidade, ressignificando sua condição e assumindo um papel ativo nos espaços sociais que ocupam, como a escola.

Um desses desafios é o protagonismo dos jovens estudantes quanto à participação efetiva e atuação nos grêmios estudantis, pois as habilidades e desenvoltura adquiridos no espaço escolar, o reflexo será disseminado na sociedade.

Para consolidar essa reflexão, destaca-se novamente o pensamento de Saviani (1999, p. 88) “em síntese, não se trata de optar entre relações autoritárias ou democráticas no interior da sala de aula, mas de articular o trabalho desenvolvido nas escolas com o processo de democratização da sociedade”.

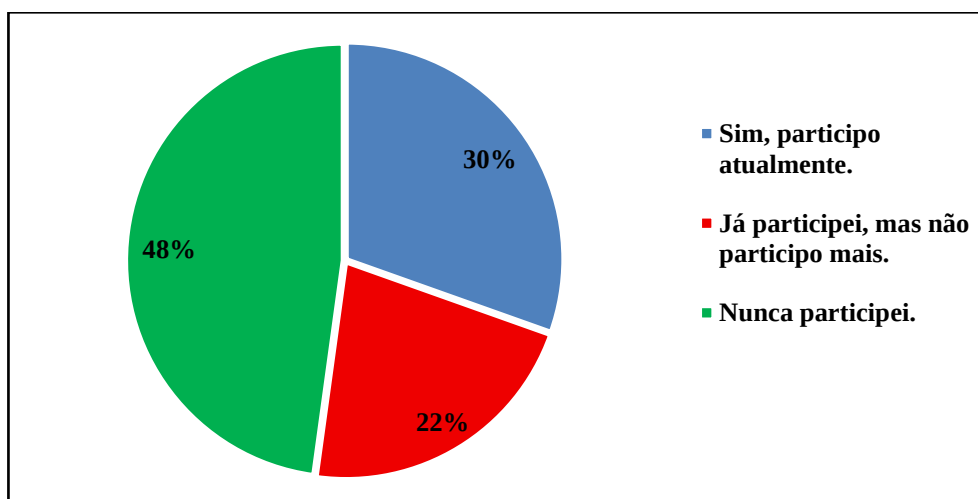
A juventude passou a ocupar um lugar central nas pesquisas do século XXI, demandando interpretações que contemplem a intensidade das lutas e resistências travadas por essa categoria diante dos desafios sociais, educacionais e políticos da atualidade.

A autonomia, que é um objetivo dos movimentos sociais nas sociedades complexas, demonstra mudanças importantes nas formas de representatividade e deixa claro que, na atualidade, as organizações políticas tradicionais parecem não ser o paradigma a ser seguido quando o tema é participação social da juventude (Martins, 2010, p. 63).

No Artigo 206, inciso VI, elencado na Constituição Cidadã, consta que a organização democrática do ensino público, possibilita autonomia para as organizações e instituições educativas a se organizarem de modo democrático, ou seja, garantindo a participação de todos na construção de um ensino de boa qualidade, mediante mecanismos que promovam o envolvimento dos sujeitos na tomada de decisões. (Brasil, 1988).

A partir dessa explanação sobre as narrativas dos movimentos e mobilizações protagonizadas em grande parte por estudantes e suas repercussões na sociedade. Foi iniciada a análise do objeto central deste estudo: o Grêmio Estudantil, espaço de experiência e expressão dos jovens estudantes dentro do espaço escolar.

Gráfico 7 - Você já participou ou participa atualmente de um grêmio estudantil na sua escola?



Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

Uma das motivações relacionadas a essa pesquisa diz respeito as percepções dos jovens estudantes e suas formas de manifestações. Participar ou não do grêmio estudantil nessa

pergunta nos possibilitou um reconhecimento aparentemente pouco disseminador da literatura sobre a importância coletiva da entidade gremista.

O gráfico 07, mostrou um alerta (48%) quase metade dos jovens estudantes nunca participou de um espaço de representação coletiva, a falta de participação evidenciou que muitos jovens estudantes ainda pensam e agem sem perceber as relações e os problemas da realidade social. Esses dados indicaram um desafio significativo na ampliação da cultura participativa dentro da escola.

Por outro lado, 30% participam atualmente, o que demonstra que o grêmio ainda se mantém como espaço ativo de mobilização e representação estudantil.

O dado de (22%) é particularmente relevante, pois aponta para uma possível descontinuidade na permanência dos estudantes nas organizações estudantis. Esse percentual sugere que, embora haja adesão inicial, parte dos jovens não mantém sua atuação, o que pode estar relacionado a fatores como tempo, motivação, mediação institucional ou conflitos internos.

Essa descontinuidade revelou uma contradição, pois o grêmio estudantil é uma entidade com potencial de transformação coletiva, no entanto enfrenta grandes desafios dentro do sistema educacional, que muitas vezes diminui ou inviabiliza o protagonismo dos jovens estudantes.

Essa porcentagem relevou também que a entidade grêmio estudantil não é conhecida por muitos e que existe a necessidade de maior divulgação sobre atividade gremista e como participar desse movimento que pode transformar o espaço escolar e obter novas possibilidades de crescimento e transformações.

Segundo a Secretaria de Educação de Mato Grosso (2023, p.5) “a escola deve assegurar e subsidiar os estudantes na criação e atuação do Grêmio estudantil para contribuir no processo de ensino-aprendizagem por meio de projetos e ações, possibilitando assim uma escola com mais qualidade”. Nesta percepção, quase metade dos jovens estudantes ainda não se reconhece como parte ativa da vida escolar.

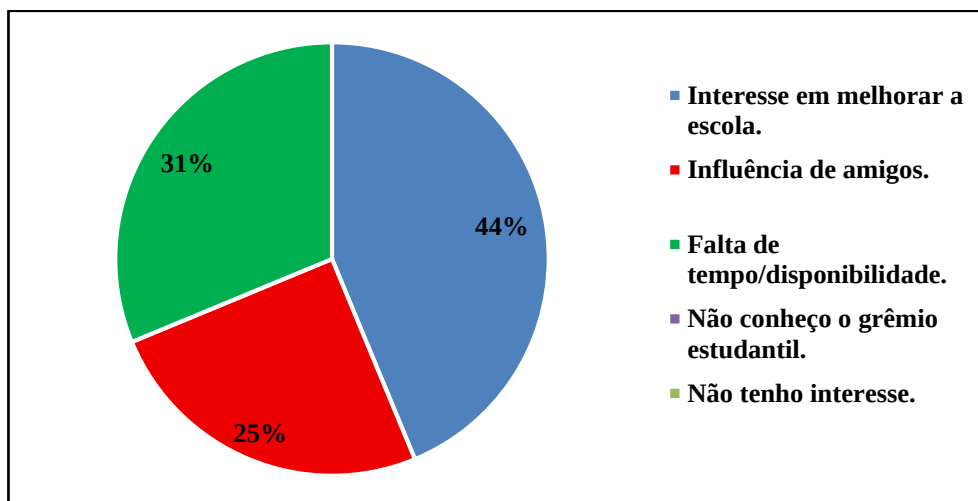
Os grêmios estudantis, criados no início do século XX, consolidaram-se a partir da redemocratização dos anos 1980 como espaços de organização e protagonismo juvenil nas escolas, promovendo atividades culturais, esportivas e políticas e defendendo direitos como a meia-entrada e o passe livre.

Em julho de 1949, os secundaristas fundam sua entidade representativa em âmbito nacional- a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. A UBES foi reorganizada em 1985 e a partir dessa data, tornou-se referência na articulação de grêmios e associações, atuando na

defesa da educação pública e na mobilização contra cortes e precarização das escolas e do ensino.

Em consonância com a UBES, mas em nível municipal temos a Associação Municipal Estudantil (AME) que surgiu nas décadas de 1980 e fortalece a representação estudantil e promove conferências, encontros e campanhas locais.

Gráfico 8 - O que motivou você a participar (ou não participar) do grêmio estudantil?



Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

Neste gráfico 08, duas porcentagens semelhantes chamam a atenção e despertam preocupação: (22%) dos estudantes afirmam não ter interesse em participar do grêmio estudantil, enquanto (22%) dizem não ter tempo disponível.

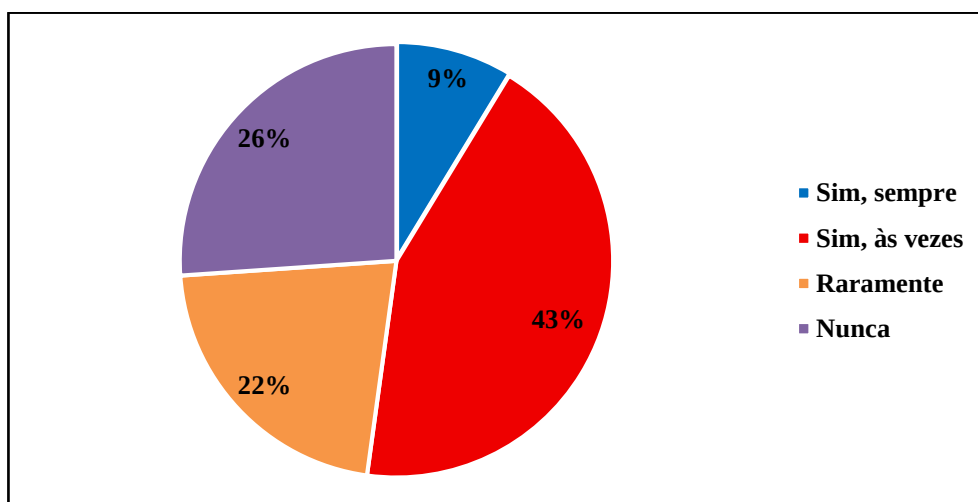
Essa contradição revela que, embora parte dos jovens demonstre engajamento na transformação do espaço escolar, ainda existe um número significativo que desconhece o grêmio estudantil, entendido como um espaço de participação política, de reuniões, decisões e representações coletivas.

Este protagonismo requer a participação ativa dos estudantes na vida política e social no meio em que vivem. Essa tendência foi identificada por Eunice (2021, p.143) “não podemos mais viver em uma sociedade em que a agenda política ignora o protagonismo das nossas juventudes, que, nos últimos anos, têm dado provas suficientes do seu poder de mobilização e de transformação da nossa sociedade em seus mais diversos segmentos”.

Se a escola é um dos ambientes que proporcionam essas relações, é de lá que devem sair as iniciativas. Poerner (1968, p.8) destaca que, “sendo o alistamento e o voto obrigatórios para todos os brasileiros a partir dos 18 anos, é natural e é de desejar que os estudantes se interessem, desde cedo, pela política do seu País”.

Os resultados evidenciaram a necessidade de que os jovens estudantes sejam reconhecidos como protagonistas no ambiente escolar, com maior visibilidade e incentivo à participação. É importante organizar-se coletivamente, participar da política, ingressando nos movimentos estudantis, como por exemplo: grêmios e ativismo. Exercendo também o sufrágio universal tanto em âmbitos: Federal, Estadual e Municipal.

Gráfico 9 - Você já se sentiu mais confiante para expressar sua opinião depois de participar de atividades do grêmio?



Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

O que se observa no gráfico 09, é uma possível falta de transparência quanto à função do Grêmio Estudantil no espaço escolar. É primordial que essa entidade exerça seu papel como espaço de conhecimento, expressão e diálogo. No entanto, ainda falta muito para que possa cumprir de fato seu papel formativo.

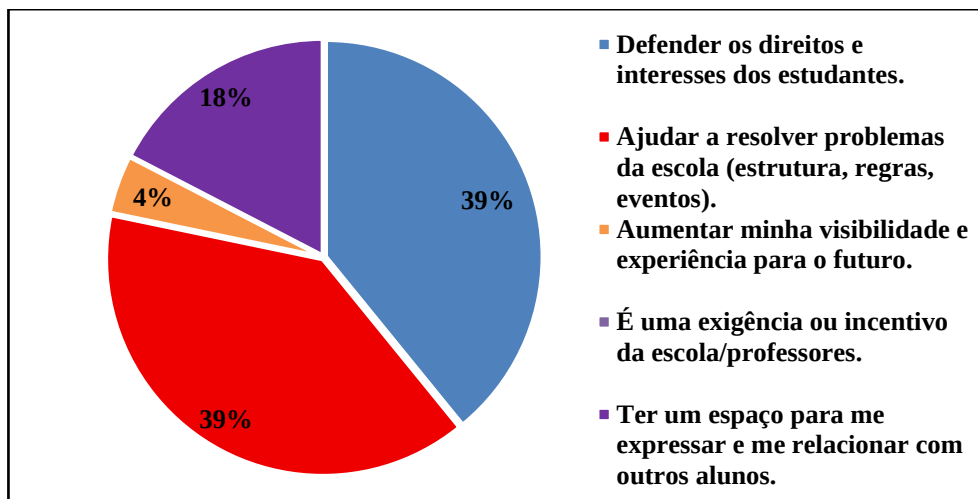
A maioria dos jovens estudantes respondeu que sente confiança apenas de forma parcial ou ocasional. Dayrell e Carrano (2014, p. 109) “nesse âmbito, reiterar a noção de juventude nas pesquisas e nas ações públicas é uma forma de dar visibilidade às questões, demandas e necessidades dos jovens, entendidos de uma forma mais ampla.”

Enquanto apenas, (9%) sente de fato total confiança para se expressar sua opinião enquanto membro gremista. Uma outra porcentagem de (43%), responderam sim, às vezes, desencadeando uma insegurança ao expressar e até mesmo envolver-se nas atividades gremistas.

Essa análise sobre a confiança de expressar a sua opinião, nos convidou a proporcionar mais momentos de experiências com oratória, comunicação e dinâmicas com os jovens estudantes. Surge, então, uma reflexão: qual é o sentido do Grêmio Estudantil no espaço escolar? Onde estão as vozes e a representatividade? A entidade Grêmio Estudantil precisa ser

fortalecida, com incentivos ao protagonismo juvenil, à autonomia, ao senso crítico e à confiança para argumentar?

Gráfico 10 - Qual o principal motivo para você participar do grêmio estudantil?



Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

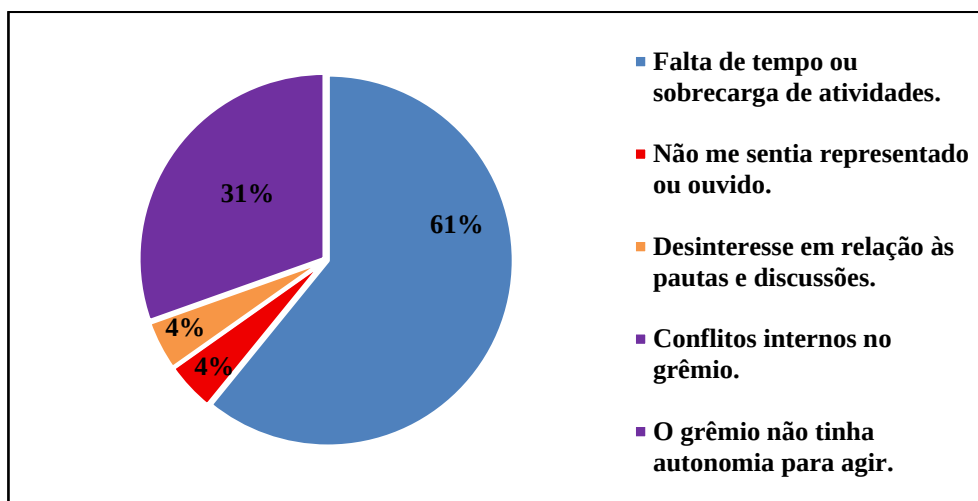
Essa questão sobre participar do grêmio estudantil, surgiu na motivação de aprofundar a pesquisa. O gráfico mostrou um percentual semelhante nas respostas de duas perguntas. Observe que (39%) dos jovens estudantes apontam como principal motivo para participar do grêmio estudantil a defesa dos direitos e interesses dos estudantes, enquanto outros (39%) afirmam participar para ajudar a resolver problemas da escola.

Já (18%) veem no grêmio sendo um espaço para se expressar e se relacionar com outros colegas, e apenas 4% participam com a intenção de aumentar a visibilidade e adquirir experiências para o futuro. Nesta análise faz-se necessário um olhar atento da gestão em relação ao grêmio presente no espaço escolar.

É evidente essa observação no manual de orientação da Secretaria de Educação (2023, p.8) “é de suma importância a Gestão da escola trazer o estudante a fazer parte da sua gestão e auxiliando no desenvolvimento da educação pública de qualidade e de sucesso.” Os jovens estudantes ao se ingressarem no grêmio estudantil passam a compreender o papel social da escola podendo inclusive despertar novos motivos para sua participação.

Nos últimos anos, com a percepção da política polarizada, poucos jovens estudantes têm demonstrado capacidade de organização e luta em prol de direitos conquistados, pois o que se reconhece é que os direitos tem sido muitas vezes desconsiderado ou vão se tornando invisíveis na sociedade, acentuando desmotivação pra a juventude.

Gráfico 11 – Se você já se afastou do grêmio, qual o principal motivo para isso?

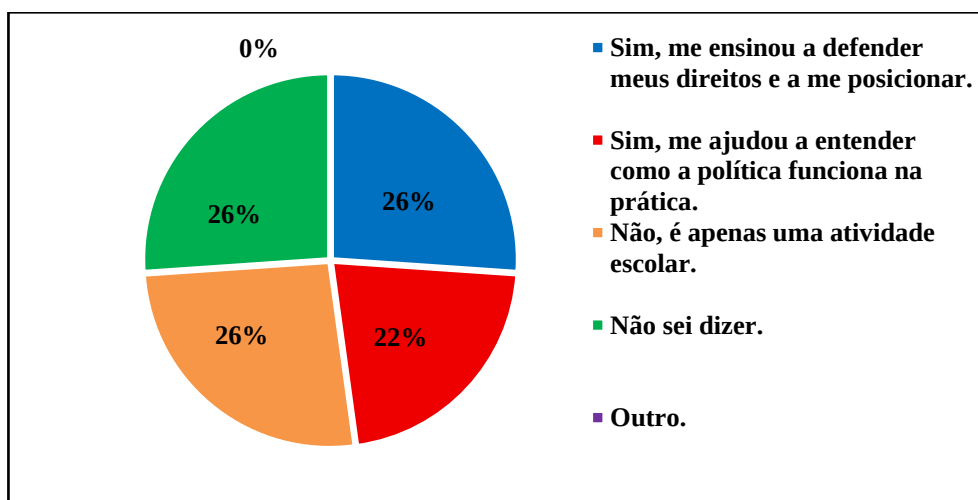


Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

Nesta questão, o gráfico 11 revelou que, (61%) dos estudantes apontam a falta de tempo ou a sobrecarga de atividades como principal motivo para se afastar do grêmio estudantil, enquanto (31%) afirmaram que o grêmio não possuía autonomia para realizar ações. Um percentual menor em torno de (8%) indicam motivos como não se sentir representado e desinteresse pelas pautas propostas.

Observamos uma contradição preocupante e motivo para reflexão, existe o desejo de participação, mas muitos jovens estudantes enfrentam desafios que limitam suas permanências e engajamentos. A falta de tempo indica a sobrecarga de demandas escolares e pessoais. A ausência de autonomia do grêmio sugere que a escola controla ou restringe as ações dos jovens estudantes, enfraquecendo sua representatividade.

Gráfico 12 - Você acredita que a participação no grêmio contribui para a sua formação como cidadão(a)?



Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo

Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

Observa-se no gráfico 12 que, as respostas dos jovens estudantes expressaram percepções distintas sobre o grêmio estudantil e a formação cidadã. Isso nos levou a refletir novamente sobre o desempenho dessa atividade no espaço escolar. As respostas mostraram semelhanças entre os aspectos “sim”, “não sei dizer” e “é apenas uma atividade escolar”. Evidenciou neste aspecto um sentimento de esvaziamento e uma percepção rasa sobre formação cidadã.

O protagonismo juvenil trata-se da ideia de que o jovem estudante é tomado como elemento central da prática educativa, que participa de todas as fases desta prática, desde a elaboração, execução até a avaliação das ações propostas. Participar do grêmio estudantil permite esse protagonismo com as funções desempenhadas pelos membros gremistas.

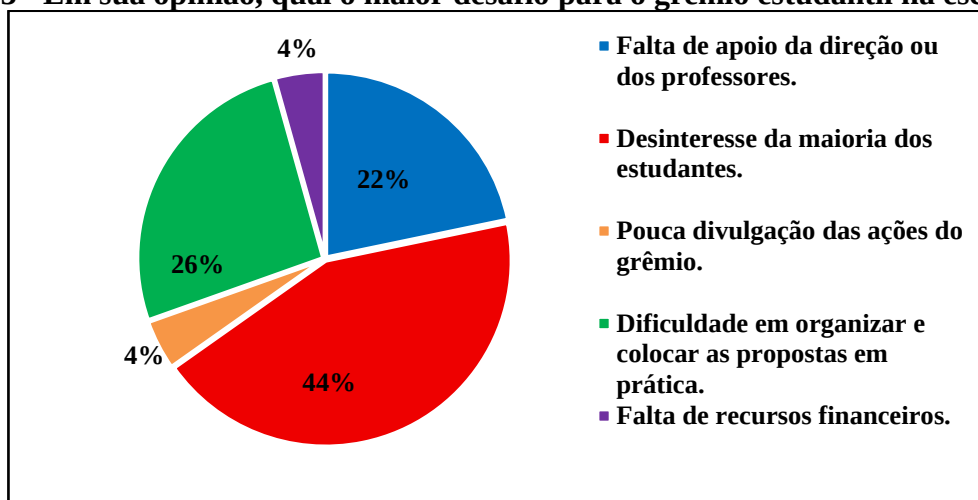
Ainda sobre protagonismo, Dick (2011, p.328) nos apresenta, “a opção é por experiências em que o jovem seja o protagonista ou auxiliado para assumir este protagonismo. É a razão que nos leva, em nossa visão, a considerarmos “estruturas” que apoiem, respeitem e promovam o protagonismo juvenil.”

O gráfico 12, evidenciou também que, o protagonismo juvenil ainda enfrenta obstáculos para se consolidar no ambiente escolar, ou seja, é preciso da consciência de todos os profissionais para o desenvolvimento desse protagonismo juvenil. “O protagonismo juvenil é uma prática educativa, desenvolvida pelos jovens, em que ele é o elemento central que participa de todas as fases do processo educativo, desde a elaboração até a execução e avaliação das atividades propostas” (Tomaz, 2020, p.17).

Nesse sentido, promover o protagonismo juvenil significa reconhecer o jovem estudante como sujeito ativo das transformações escolares e sociais dentro de um processo contínuo. Segundo Groppo (2019, p.80) “para os militantes dos movimentos juvenis de hoje, os anos de 1960 talvez tragam, como “lição”, não apenas o que seus estudantes radicais efetivamente fizeram (e tentaram fazer), mas também o que não fizeram (ou não fizeram na intensidade necessária.”

A participação no grêmio estudantil contribui para a formação cidadã ao oferecer experiências concretas de organização e ação coletiva, cujas lições, à semelhança dos movimentos juvenis históricos, residem tanto no que se faz quanto no que deixa de fazer.

Gráfico 13 - Em sua opinião, qual o maior desafio para o grêmio estudantil na escola?



Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

Essa questão foi muito interessante para analisar os desafios presentes no grêmio estudantil, dentro do espaço escolar. O gráfico 13 revelou que, o maior desafio para participar do grêmio estudantil está no desinteresse da maioria dos jovens estudantes com (44%) seguido pela dificuldade em organizar e colocar as propostas em prática (26%).

Esses resultados mostraram a falta de engajamento e do desinteresse na participação política no espaço escolar. Uma percepção alta de (22%), relataram fatores como: ausência de apoio da gestão escolar/professores e a pouca divulgação das ações promovidas pelo grêmio contribuem para enfraquecer o protagonismo juvenil. O grêmio atualmente enfrenta desafios que limitam seu papel como espaço de formação cidadã e de exercício democrático entre os jovens estudantes.

Com base nos dados apresentados acima, foi possível inferir que há uma carência de divulgação da entidade gremistas no espaço escolar. Desencadeando dúvidas sobre as ações e seus possíveis interesse na participação política.

2.2 Participação política dos jovens estudantes a partir da atuação nos grêmios estudantis

O movimento estudantil politicamente organizado se estrutura no Brasil no limiar do século XX. As entidades secundaristas se organizam por meio dos grêmios estudantis, e os integrantes se destacam pela defesa da educação pública gratuita e pela melhoria na sua qualidade.

As primeiras organizações das lutas e movimentos foram protagonizadas por jovens estudantes no Brasil. Com o intuito de compreendê-las a partir de alguns aspectos inerentes ao

contexto educacional e social que de certo modo influenciou e influencia na organização estrutural da sociedade, evidenciando os anseios das mobilizações e lutas do movimento estudantil em consonância com alguns fatores que corroboraram para as mudanças políticas para a população brasileira.

Os jovens estudantes lutam por benefícios específicos, que podem ser de caráter individual ou com intuito coletivo. São exemplos de mobilizações, o direito a meia-entrada em eventos culturais e esportivos, o passe livre, voto facultativo aos 16 anos, estatuto da juventude e participação em políticas públicas os quais se estendem tanto aos estudantes da educação básica, ensino técnico e superior.

Para atenuar as narrativas sobre repercussões tanto na sociedade quando na política vivenciados pelos jovens estudantes vamos adentrar na história e fazer uma retrospectiva para relembrar como se deu a participação dos estudantes nos movimentos e manifestações que marcaram a sociedade brasileira.

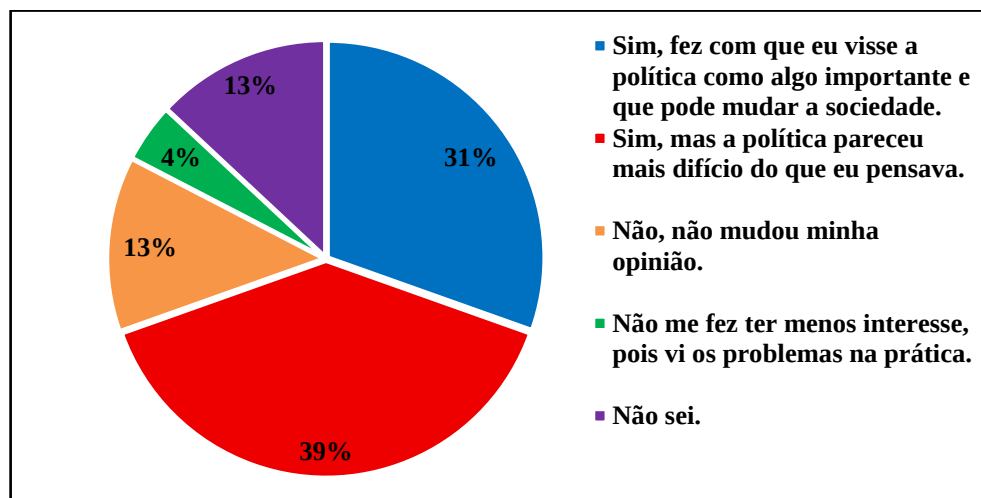
Todavia a narrativa histórica da participação de jovens estudantes em manifestações e movimentos sociais, têm uma trajetória de lutas, resistências bem anteriores. Em meados do século passado, em 1947, os estudantes tiveram grande participação na campanha, O Petróleo é Nosso, na qual nacionalistas, estudantes e o então presidente Getúlio Vargas, defendiam que todo petróleo encontrado em solo brasileiro não fosse explorado por empresas estrangeiras. Esse movimento avançou até a criação da Petrobrás em 1953.

As lutas pela volta à democracia nas décadas 1970 e 1980 que culminaram na defesa das Diretas Já, uma campanha a favor de eleições diretas para presidente da República nos anos de 1984. Nesse episódio, houve a participação efetiva de estudantes universitários e secundaristas, inclusive, liderados pela UNE e pela UBES.

Outros destaques que podemos mencionar foi a participação dos estudantes evidenciada no movimento dos Caras-Pintadas em 1992 na intenção de desencadear o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, e mais recente neste século XXI as manifestações ocorridas em 2013, e a ocupação das escolas públicas em 2016, os jovens estudantes atuaram ativamente frente as bandeiras de lutas coletivas.

Diante do exposto e devido a necessidade de mudança numa perspectiva de entender a participação dos jovens estudantes nos grêmios estudantis e as repercussões para sua atuação política e social, recorreremos as organizações estudantis como a oportunidade de se ingressarem nesses movimentos como a UNE, a UBES, a União Estadual dos Estudantes (UEE), e os Grêmios Estudantis, para concretizar mudanças e sonhos.

Gráfico 14 - Em que medida a sua atuação no grêmio influenciou sua visão sobre o papel da política na sociedade?



Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

O gráfico 14 revelou percepções diversas dos estudantes sobre como a atuação no grêmio estudantil influenciou sua visão política. Nota-se que (31%) afirmaram ter passado a ver a política como algo importante e capaz de transformar a sociedade, o que indicou um avanço na consciência cidadã e no reconhecimento do papel da participação política.

No entanto, o dado de (39%) consideraram a política mais difícil do que imaginavam, isso mostrou que, embora haja interesse, ainda há desencanto e obstáculos à participação efetiva, o que nos fez pensar também nessa polarização política cheia de significados e distantes das realidades desses jovens estudantes. Para Menegozzo (2017, p. 302), “este aspecto sugere que há fatores profundos presentes nas últimas décadas a condicionar a experiência da juventude na política e que precisam ser melhor identificados e compreendidos”.

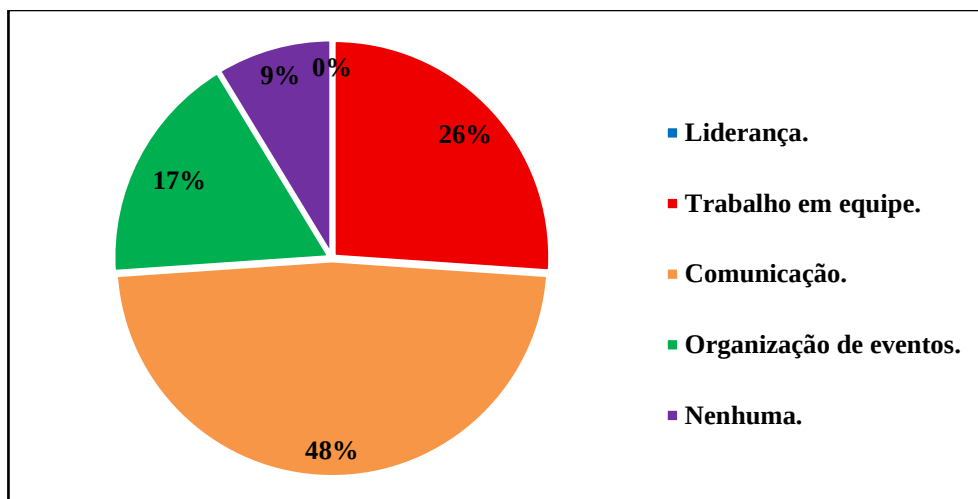
Neste viés podemos mencionar “[...] a enorme insatisfação popular com as formas tradicionais de participação política, tornando notável que a população – em especial, os jovens – desejava melhorar a qualidade da democracia brasileira, de forma a sentir representadas pelos governos. [...]” (Tomaz, 2020, p.26-27).

As respostas que expressaram desinteresse ou ausência de mudança de opinião reforçaram a necessidade de a escola fortalecer os espaços de diálogo e participação política, para que o grêmio seja realmente um instrumento de protagonismo e não apenas uma atividade obrigatória e formal.

Segundo Dayrell e Carrano (2014, p.128) “o desafio para eles e elas é que se constituem como sujeitos éticos e autônomos em seus múltiplos territórios existências”. Esses territórios

de vivência, que podem ser o espaço escolar, a efetiva participação no grêmio e na sociedade em si, influenciam diretamente na formação e na percepção dos jovens como sujeitos sociais.

Gráfico 15 - Quais as habilidades ou aprendizados você acredita que os estudantes podem desenvolver ao participar de um grêmio estudantil?



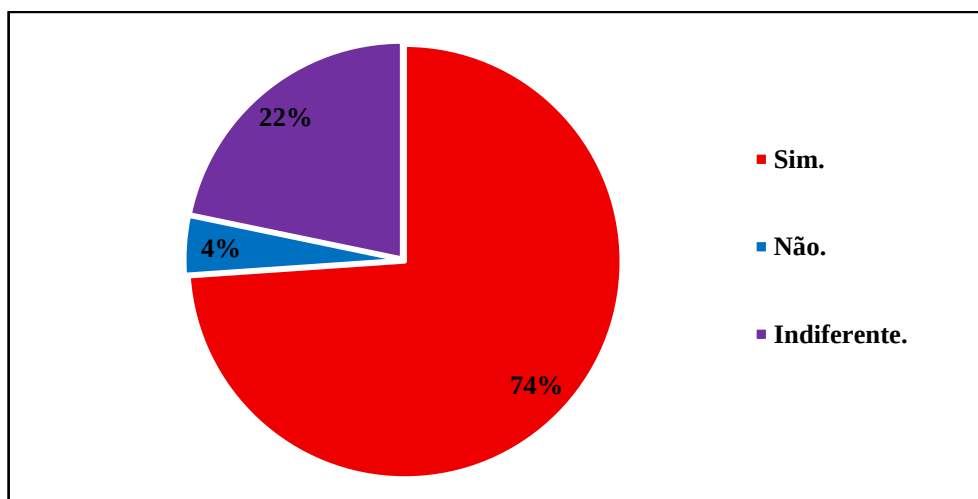
Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

O gráfico 15, evidenciou que a maioria dos estudantes (48%) acreditam que a principal habilidade desenvolvida no grêmio foi a comunicação, seguida de (26%) trabalho em equipe, enquanto que (17%) acreditam na organização de eventos e (9%) nenhuma habilidade ou aprendizagem. “Enfim, podemos afirmar que a sociabilidade para os jovens parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade” (Dayrell e Carrano, 2014, p. 118).

Esses resultados revelaram que a experiência no grêmio é percebida mais como uma experiência coletiva e colaborativa do que como um espaço de liderança individual, já que neste item liderança não houve nenhuma resposta.

Essa análise do gráfico 15, reforçou a importância do grêmio como ambiente de aprendizado social e político, onde os jovens estudantes exercitam a participação democrática, o diálogo. De acordo com orientativo ebook – Seduc-MT, “o Grêmio Estudantil desempenha um papel fundamental na escola, possibilitando que os estudantes sejam protagonistas, que tenham liderança e capacidade de tomada de decisões” (Mato Grosso, 2025, p.12). As poucas respostas atribuídas às habilidades e aprendizagens sugerem que há necessidade de fortalecer e divulgar as funções da entidade gremista.

Gráfico 16 - Você gostaria que fosse criado um jornal digital escolar para divulgar as atividades e descobertas do grêmio?



Fonte: Questionários/Pesquisa de Campo
Elaborado pela autora (Gonçalves, 2025).

A intenção de confeccionar o material pedagógico na forma de um jornal digital escolar surgiu a partir das percepções do espaço escolar, com o propósito de proporcionar algo que gerasse curiosidade. O jornal digital está diretamente relacionado às experiências e ao cotidiano do ambiente escolar entre os jovens estudantes.

Entre todas as questões dos questionários, uma resposta surpreendente, com um percentual de (74%) dos respondentes disseram sim para a confecção desse material pedagógico. Nesta análise, observou que os estudantes reconhecem o jornal digital escolar como um meio de comunicação que pode auxiliar na promoção, divulgação das ações gremistas, quanto da sua importância no espaço escolar.

Enquanto que (22%) acharam indiferente e uma pequena parcela disse não. Nesse percentual “indiferente” e “não”, mantêm as preocupações sobre a função do grêmio, e dos meios de comunicação. O desinteresse, mesmo que nessa minoria, deduz que os jovens estudantes são apolíticos e não demonstram estímulo de participação.

A produção desse material pedagógico foi importante para analisar o engajamento dos estudantes nos grêmios com participação efetiva. Justificou-se essas ações com o objetivo de ampliar o protagonismo juvenil e a participação política dos estudantes nos bastidores do espaço escolar e na sociedade.

Esse jornal digital servirá como modelo a partir de uma perspectiva crítica junto as ações gremistas, os membros atuantes do grêmio poderão continuar na confecção desse material nos bastidores do espaço escolar ao longo dos próximos anos letivos. Para Berbel (2011, p. 28), “Quando acatadas e analisadas as contribuições dos alunos, valorizando-as, são estimulados os

sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos, entre outras.”

Diante do exposto, com base nos gráficos apresentados sobre as categorias-chave deste estudo: Grêmio Estudantil, participação política, protagonismo juvenil e juventude, destacamos a urgência da efetivação, divulgação das atividades gremistas no espaço escolar para fortalecer as experiências vivenciadas por toda a comunidade escolar.

Os resultados mostraram que, embora haja interesse, membros atuantes e o reconhecimento por parte dos jovens estudantes que o grêmio promove transformações, persiste o desafio da ampliação, participação efetiva e da consciência política dos jovens estudantes.

É necessário continuar promovendo o protagonismo juvenil para que se torne uma prática diária no espaço escolar. Que esse protagonismo eleve o sentimento de pertencimento, autonomia, comunicação e responsabilidade social, contribuindo para a formação de jovens estudantes, atuantes e comprometidos com a transformação da escola onde estudam e da sociedade em que vivem.

3.3 Novas formas de sociabilidade juvenil e os dilemas do mundo contemporâneo

Muitos são os olhares e as indagações sobre as novas formas de sociabilidade da juventude na contemporaneidade, e as respostas, ainda estão em construção, acompanhando as transformações que ocorrem na sociedade e os impactos que essas mudanças proporcionam para essa categoria. Muitos autores/pesquisadores buscam conhecer e interpretar as experiências manifestadas por esse grupo social.

Questionamentos são propostos a todo momento sobre a categoria juventude: Quem são os jovens da contemporaneidade? Qual a função desses jovens na sociedade? Como as transformações sociais influenciam a participação e as formas de atuação dos jovens? Quais são os novos desafios que acompanham esse grupo social? Como a sociabilidade pode contribuir com os jovens nas rotinas diárias em meio a era da velocidade?

Nas últimas décadas verificamos que a palavra juventude está em ascensão, particularmente em decorrência da sua importante e crescente participação nos eventos sociais, políticos e culturais que norteiam a sociedade. “A juventude passa a ser percebida como parte dos *recursos latentes* de que a sociedade dispõe, e a vitalidade da própria sociedade depende de seu engajamento” (Weisheimer, 2015, p.94).

Para Groppo (2016, p. 10) “a juventude trata-se de uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. É uma categoria

que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos “estruturantes” das redes de sociabilidade.” Assim, o conceito de juventude é socialmente construído, sendo constantemente moldado pelas relações de sociabilidade que se desenvolvem conforme a sociedade brasileira vai se constituindo em cada contexto histórico.

Nas palavras de Helena Wendel “de um modo geral, pode-se dizer que a “juventude” tem estado presente, tanto na opinião pública como no pensamento acadêmico, como uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da contemporaneidade” (Abramo,1997, p.29). Sendo essa categoria bastante articuladora no protagonismo de construção e mudanças das perspectivas sociais.

Essa categoria vem despertando interesse em muitos estudiosos para pesquisarem e analisarem a juventude e suas repercussões no meio social. “É possível constatar, segundo a literatura, que em diversos lugares do mundo, os jovens continuam pleiteando demandas coletivas focadas em problemas da vida cotidiana, como emprego, salário, serviços de transporte, educação e saúde.” (Tomaz ,2020, p. 22).

A sociabilidade está presente em todos os momentos da nossa vida e é na fase da juventude que ela se manifesta de forma mais intensa. Sposito (1996, p.15) "aponta a importância da sociabilidade e dos espaços de conformação da identidade da juventude, ressaltando suas formas de convivência nas ruas dos bairros.” Ela se caracteriza pela forma de como as pessoas interagem no dia a dia, nas suas relações cotidianas, seja no caminho para a escola, trabalho, pelos espaços da cidade, e inclusive nos momentos de lazer.

Nessa fase da juventude a sociabilidade promove crescimento e facilita sua inserção na sociedade contribuindo para o desenvolvimento pessoal e profissional. “Enfim, podemos afirmar que a sociabilidade para os jovens parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade” (Dayrell e Carrano, 2014, p. 118).

A sociabilidade juvenil sempre esteve ligada aos contextos sociológicos presentes nas transformações cotidianas, sejam elas sociais, econômicas, culturais ou políticas nos quais os jovens estão inseridos. Sposito (1996, p. 100) destaca que “é preciso considerar que o momento da juventude é rico em manifestações de sociabilidade, sendo as dimensões expressivas muito mais marcantes do que as orientações de caráter instrumental”.

Nesse sentido, a sociabilidade contribui para a formação cidadã da juventude, incentivando sua participação nos movimentos sociais e estudantis com disposição para promover mudanças na sociedade. Como mencionam Dayrell e Carrano (2014, p. 109) “nesse âmbito, reiterar a noção de juventude nas pesquisas e nas ações públicas é uma forma de dar

visibilidade às questões, demandas e necessidades dos jovens, entendidos de uma forma mais ampla.”

Neste texto, trouxemos informações sobre a sociabilidade da juventude deste século XXI, no percurso da era da velocidade, abarrotado de comunicações e informações que constantemente passam por novidades, vivendo um momento de experiências peculiares dessa sociedade digital. As tecnologias e principalmente as redes sociais determinam por algoritmos maneiras momentâneas de viver e as relações sociais onde a juventude está inserida.

A Juventude contemporânea cresce em meio a dispositivos móveis, redes sociais e plataformas digitais que moldam sua forma de interagir, aprender e construir conhecimento. Atualmente o jovem não depende exclusivamente da escola para obter informações, pois conta também com o Google, o YouTube e as redes sociais como fontes rápidas de acesso ao conhecimento.

Para Sales (2014, p. 230) “na contemporaneidade parece haver uma demanda generalizada para a incorporação das tecnologias digitais nas práticas mais cotidianas. Operações bastante corriqueiras têm tido uma intensa presença das tecnologias.” No entanto, essa abundância de informações não necessariamente resulta em conhecimento sólido, também expõe os jovens às fake news, a dispersão, a superficialidade e a dificuldade de filtrar conteúdos confiáveis são desafios constantes.

A Juventude percorre características atuais de uma sociedade fluida, volátil, onde o acesso à informação ocorre de maneira instantânea, mas nem sempre acompanhado de reflexão crítica. Esses fatores desencadeiam para a juventude um grande número de informações e muitas vezes o jovem não consegue filtrar de fato o que irá utilizar como aprendizagem para a vivência cotidiana, sendo muitas vezes direcionado para o consumismo e perspectivas alienadas.

Ao nos referirmos ao universo juvenil, em geral, sem recortá-lo sob ótica da classe social, tendemos a considerar os jovens consumistas ou alienados. Se recuperamos a extração de classe, sobretudo para qualificar os alunos da escola pública, acrescentamos, na maioria das vezes, o atributo de violentos ou marginais (Sposito, 2020, p. 99).

A criticidade hoje está associada a interesses mais pessoais, do que coletivos. O que têm atraído o jovem do século XXI são conteúdos que não exigem reflexão crítica. O que torna o processo de ensino – aprendizagem muito desafiador nas instituições escolares, pois o mesmo

vai na contramão da lógica do mercado digital imediatista. Diante disso, torna-se essencial uma compreensão com perspectivas de mudanças sobre o perfil do jovem contemporâneo e os desafios que enfrentam.

Outro aspecto relevante é a linguagem utilizada pela juventude, na escola, na família e na sociedade, com a utilização constante das redes sociais, ela transforma o modo como os jovens se comunicam, se interagem no dia a dia, trazendo expressões abreviadas, emojis e uma gramática muitas vezes fragmentada. O que afeta tanto a vida acadêmica como profissional. Percebe-se nas palavras de Sales:

Símbolos compartilhados no ciberespaço geram significados e referenciam atitudes e posturas das pessoas tanto quanto sinais e gestos do encontro físico. Poderíamos dizer que os jovens de hoje são nativos digitais, uma geração nascida na era da internet (Sales, 2014, p. 234).

Essa pluralidade de inquietações, questionamentos sobre a nova sociabilidade juvenil está relacionada aos diversos segmentos e também as necessidades que os jovens possuem nas vivências diárias como as representações socialmente construídas em torno desta fase da vida. Dessa forma “a abordagem das gerações por sua dimensão dialética permite perceber que, sociologicamente, a juventude é um veículo de ligação entre o passado e o futuro; por meio dela, a sociedade se renova permanentemente” (Weisheimer, 2015, p. 94).

Para compreender melhor essa articulação da juventude, é importante considerar a relação entre participação e formação cidadã:

Falar em participação implica levar em conta dois princípios complementares. Ela envolve o que se pode denominar de formação teórica para a vida cidadã – aprendizagem de valores, conteúdos cívicos e históricos da democracia, regras institucionais etc. – e, também, a criação de espaços e tempos para a experimentação cotidiana do exercício da participação democrática na própria instituição escolar e em outros espaços públicos” (Dayrell e Carrano, 2014, p. 120).

A juventude está diretamente ligada aos contextos de cada época e em uma trajetória social marcada por desigualdades, contradições e conflitos e o jovem é parte integrante dessa história. Nas palavras de Dayrell e Carrano (2014, p.111), “consideramos que a categoria juventude é parte de um processo de crescimento totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social”.

Tradicionalmente, a juventude se expressava por meio de encontros presenciais em espaços como escolas, praças e centros culturais. Com o avanço acelerado das tecnologias com

as plataformas digitais os jovens possuem habilidade para utilizar essas ferramentas, melhorando a intensidade de conexão e transcendendo os limites do mundo físico. De acordo com Sales (2014, p.230), “As redes sociais digitais são um capítulo especial nesse cenário e parecem ocupar boa parte das práticas sociais contemporâneas chegando às vezes, a configurar-se como o que alguns denominam de “vício”.”

Acredito que esse seja um dos grandes desafios enfrentados pela juventude: ter a necessidade de acompanhamento e domínio do mundo digital acelerado para suas realizações profissionais.

O cenário atual está cada vez mais tecnológico com as plataformas digitais, as ferramentas virtuais que redefinem as formas de trabalho, os movimentos, as organizações diárias, pois, exigem dos jovens habilidades como adaptação, criatividade, e pensamento crítico.

Essa relação ao mundo digital não é sobre estar o tempo todo conectado, mas sim saber utilizá-lo de maneira estratégica e consciente para se destacar em um mercado de trabalho competitivo e em constante transformação.

Diante dos avanços pelos quais a sociedade transita, principalmente nesses últimos anos, novos elementos têm redefinido as formas de sociabilidade da categoria juventude. Neste contexto, Dayrell; Carrano (2014, p.127) destacam “um dos grandes desafios da contemporaneidade passou a ser a construção da unidade social em sociedades marcadas por significativas diferenças e desigualdades pessoais e coletivas”.

A expansão das tecnologias digitais, a globalização e as mudanças sociais promovem um mundo acelerado com o uso crescente das redes sociais e das tecnologias de comunicação o que tem proporcionado novas maneiras de interação, mas também traz desafios relacionados à privacidade, à construção de identidade e à exclusão digital.

Conforme dispõe essa garantia social fundamental, o Art. 205 da Constituição Federal de 1988 estabelece que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 2024, p.63).

Devemos reconhecer os esforços dessa categoria juventude que muito têm a dizer de si, dos seus sonhos, de seus projetos e saberes, embora seja necessário também entender que essa categoria está rodeada de dificuldades e desafios.

À educação, na medida em que é uma mediação no seio da prática social global, cabe possibilitar que as novas gerações incorporem os elementos herdados de modo que se tornem agentes ativos no processo de desenvolvimento e transformação das relações sociais (Saviani, 2011, p. 137).

Para consolidar a representação da lei, Saviani (2011) corrobora nessa perspectiva de que a educação dever ser compreendida como um processo necessário para o desenvolvimento da sociabilidade da juventude na transformação da sua realidade vivenciando os dilemas estruturais do mundo contemporâneo.

3.4 A intensidade da resistência das lutas travadas nas primeiras décadas do século XXI

Os jovens estudantes, deste século XXI, vem acompanhando e demonstrando o seu anseio nas lutas sociais seja para garantir o acesso à educação, ou participando de forma ativa nos acontecimentos de mobilização por meio dos movimentos estudantis, manifestações ou ocupando escolas.

Nestes últimos anos, mesmo após a promulgação da Constituição Federal (1988) o reconhecimento da educação como um processo de formação cidadã e a preparação dos jovens estudantes do ensino médio para a inserção no mercado de trabalho frequentemente tem sido acompanhado por tensões sociais, minimizando a acessibilidade aos direitos já conquistados.

Poderíamos partir de um dado: o Ensino Médio está sendo repensado, ressignificado. Onde? Na prática das escolas, nas salas de aula, na criatividade dos professores, no material didático que cada docente cria e incorpora. Há um currículo de Educação Básica reinventado na prática escolar. Quem são os sujeitos dessa reinvenção do currículo? Os sujeitos da ação educativa: os docentes e os jovens-adultos educandos. O núcleo da transformação do Ensino Médio está na reinvenção dos currículos, da concepção e da prática da educação (Dayrell, 2014, p.54).

Os jovens estudantes enfrentam um ambiente desafiador, são guiados por tecnologias aceleradas, por algoritmos, porém repleto de oportunidades, porque fazem parte desse mundo globalizado, e ainda lidam também com pressões sociais intensas relacionadas as expectativas elevadas de sucesso acadêmico e profissional.

Estes fatos estão relacionados com o próprio avanço das economias capitalistas e da constante pressão que exercem sobre a classe trabalhadora, Netto (2019). Mesmo com esse cenário desafiador muitos jovens estudantes estão tendo consciências do seu papel na sociedade atual, o desejo de participar das estruturas que moldam a sociedade vem crescendo, em áreas

como a política e meio ambiente, o engajamento ativo em lutas e movimentos sociais combinam narrativas na promoção de uma sociedade, como estabelece a nossa Lei maior.

Nessa trajetória, os jovens estudantes moldam e são moldados pelas circunstâncias das inovações do mundo contemporâneo. Os jovens estudantes estão percorrendo um caminho para formar a sua personalidade, o pertencimento e a constituição da própria identidade, neste caso a identidade juvenil e ainda podem sofrer desafios.

Dito de outro modo, a condição juvenil é dialética porque está assentada sobre uma relação de contradição entre sociedade e juventudes. Esta contradição se expressa, historicamente, em ações de institucionalização da juventude, seguidas ou precedidas de ações ou resistências dos indivíduos e grupos, que são considerados ou se assumem como jovens (Groppo, 2011, p.20).

Um desses desafios é o fortalecimento dos jovens estudantes quanto à participação efetiva e atuante nos grêmios estudantis, pois as habilidades e desenvoltura adquiridos no espaço escolar, o reflexo será dispersado na sociedade. Para consolidar essa reflexão, destaca-se o pensamento de Saviani

Em síntese, não se trata de optar entre relações autoritárias ou democráticas no interior da sala de aula, mas de articular o trabalho desenvolvido nas escolas com o processo de democratização da sociedade. E a prática pedagógica contribui de modo específico, isto é, propriamente pedagógico, para a democratização da sociedade na medida em que se compreende como se coloca a questão da democracia relativamente à natureza própria do trabalho pedagógico (Saviani, 1999, p. 88).

A juventude passou a ocupar um lugar central nas pesquisas do século XXI, demandando interpretações que contemplem a intensidade das lutas e resistências travadas por essa categoria diante dos desafios sociais, educacionais e políticos da atualidade. Apesar de muitos desafios diante das contradições do sistema, os jovens têm encontrado disposição para protagonizarem mudanças. Nas palavras de Eunice Fávero:

Não podemos mais viver em uma sociedade em que a agenda política ignora o protagonismo das nossas juventudes, que, nos últimos anos, têm dado provas suficientes do seu poder de mobilização e de transformação da nossa sociedade em seus mais diversos segmentos (2021, p.143).

Na contemporaneidade, o movimento estudantil continua a desempenhar um papel importante, tanto nas lutas sociais como na consciência política; “os conflitos sociais também

podem se manifestar de diversas formas, por meio de passeatas, greves ou até por luta armada com vistas a uma revolução” (Santos, 2014, p. 545).

Nestas primeiras décadas deste século, grandes momentos de caráter político-social, eclodiram em várias cidades brasileiras e contaram com a participação em sua maioria de jovens estudantes de todo o país. Muitos episódios caracterizados como protestos que combatiam o aumento das tarifas dos transportes públicos urbanos, em especial a passagem de ônibus. Na cidade de Salvador ficou conhecido como a Revolta do Buzu, já em Florianópolis, a Revolta da Catraca.

Outro evento que culminou num importante movimento através das redes sociais que o qual se destacou como Movimento do Passe livre (MPL), que ocorreu no ano de 2013 também conhecido como as “Jornadas de Junho de 2013”. De acordo com Tomaz (2020, p.62) “essas manifestações juvenis, no Brasil contemporâneo, possuem formas pouco formais e institucionalizadas de participação, sobretudo quando a atuação juvenil se dá no âmbito da política.” No início o objetivo inicial da manifestação era protestar contra o aumento das tarifas de transporte público, uma medida que afeta sempre os menos favorecidos.

Os protestos no Brasil de 2013, que também foram conhecidos como Manifestações dos 20 centavos, Manifestações de Junho ou Jornadas de Junho, apontaram tanto para a explicitação da crise de legitimidade do sistema político como para a defesa dos direitos sociais básicos, como educação, saúde e transporte (Tomaz, 2020, p.27).

Nessas primeiras décadas do século XXI, o cenário político era visivelmente conturbado e conflituoso, em meio a crises econômicas, sociais, políticas e educacionais, manifestações ocorriam na maioria dos Estados brasileiros.

Entre março de 2015 e março de 2016, muitas pessoas foram às ruas contra e a favor do governo de Dilma Rousseff. O impeachment da presidenta aconteceu, e, no dia 31 de agosto de 2016, ela é deposta do cargo presidencial, tomando posse Michel Temer. As manifestações nas ruas continuavam” [...] (Tomaz, 2020, p. 25).

Desde 2016, após o golpe que retirou a presidenta Dilma Rousseff, o então vice presidente Michel Miguel Elias Temer Lulia assumiu o governo. Temer em exercício do seu mandato assinou a MP nº 746/ 2016 que em fevereiro de 2017 foi convertida na Lei Federal nº 13.415 desencadeando de forma abrupta a nova reforma do ensino médio.

Considerando que esta reforma ocasionou mudanças significativas, de modo a introduzir situações que comprometeriam a formação humana e cidadã do jovem estudante, pois vários

componentes curriculares de formação humana e social foram reduzidos, deixando somente os componentes como linguagem e matemática como obrigatórias e com cargas horárias maiores.

Esta reforma reforçou mais uma vez a dicotomia existente na educação no Brasil, quando novamente priorizou o ensino técnico para os jovens filhos da classe trabalhadora. Assim, mudou-se a forma de oferta do ensino médio, entretanto, manteve-se o paradigma norteador da educação no Brasil, ou seja, educação que prepara o jovem filho da classe trabalhadora para o mercado de trabalho e o jovem da classe dominante para seguir dominando.

O protesto estudantil vivenciado no país contra a reforma do ensino médio, agora Novo Ensino Médio (NEM), contou com a atuação de estudantes em sua maioria secundaristas das escolas públicas com olhar atento e crítico.

O que culminou na ocupação de muitas escolas públicas, principalmente nas grandes capitais, com a narrativa de que a reforma do ensino médio poderia aumentar as desigualdades educacionais e dificultar a permanência e o ensino de qualidade para todos.

As ocupações das escolas em 2016, conhecido também como a Primavera Secundarista, pode ser considerado um dos maiores movimentos de ocupações de espaços escolares da história brasileira

Além da instituição do (NEM), o mandato de Temer é destacado por características neoliberais, com ajustes fiscais, principalmente para a área educacional. Com o fim do seu mandato de governo, e com novas eleições Jair Messias Bolsonaro, venceu a disputa no segundo turno, e no dia 01/01/2019, toma posse como Presidente do Brasil, e suas medidas foram dar continuidade nos projetos de Temer, mantendo o (NEM) e cortes de verbas e sua ação da escola cívico-militar e como foi considerado a participação do estudante quanto a isto.

Por fim, em 2019, novamente os jovens estudantes voltaram às ruas em defesa da educação pública de qualidade e contra os cortes de verbas do Governo Federal. Entendemos que os jovens estudantes não reivindicam apenas melhorias educacionais, mas promovem debates críticos sobre a democracia, os direitos sociais, humanos e justiça, mostrando que a função principal dessa categoria é serem agentes de mudança social.

Consideramos que o movimento estudantil se faz presente no processo de construção da história do Brasil, de modo a contribuir por meio de ações coletivas com as transformações sócio-políticas e econômicas do país, lutando por acesso e permanência de uma educação que trabalhe pela luta, conquista e permanência de direitos com objetivo de reduzir desigualdades e promover justiça social.

CAPÍTULO 3

DIVULGAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DA JUVENTUDE: O USO DO JORNAL EM SALA DE AULA

O presente capítulo apresenta o gênero textual jornal, as suas características e seu uso na sala de aula. Apresentamos o material pedagógico jornal digital escolar “Vozes da Juventude”, de forma a contemplar as suas especificações, desde o planejamento, a produção e a sua testagem junto ao público-alvo. O material pedagógico foi pensado e estruturado para os estudantes do ensino médio, objetivando abordar temas socialmente relevantes para a construção do conhecimento, a saber, grêmio estudantil, movimento estudantil, protagonismo juvenil e participação política.

No caso deste jornal escolar digital a organização do conteúdo buscou integrar os conhecimentos históricos e a análise do questionário aplicado aos estudantes do 2º ano A. O jornal caracteriza-se como um gênero interpretativo, que ultrapassa a simples exposição de informações ao propor leitura crítica da realidade vivenciada pelos jovens estudantes.

E de forma especial uma seção dedicada ao objeto de estudo desta pesquisa, o grêmio estudantil como espaço de visibilidade do protagonismo juvenil, reforçando a função social da escola a formação cidadã e a participação democrática.

Embora possua uma linguagem específica e com características bem delimitadas, o jornal aborda assuntos de interesse das pessoas. Por isso, seu uso é bastante recomendado no trabalho em sala de aula pois apresenta uma grande versatilidade de temas. Vamos? “Querido e gentil leitor”.

3.1 Da manchete ao rodapé: as características e classificações dos gêneros jornalísticos

As ciências da comunicação e particularmente o jornalismo é um campo do conhecimento complexo e autônomo o que significa dizer que possui metodologias próprias na análise de seus efeitos. Por isso tomamos por ponto de partida de nossa análise um dos aspectos mais relevantes utilizados por pesquisadores de textos jornalísticos: a classificação segundo o gênero e a tipologia.

Um gênero jornalístico se refere às características de construção da mensagem dentro de uma estrutura pensada pelo veículo de comunicação e que de acordo com suas intencionalidades discursivas podem ser informativos ou opinativos.

Nesta pesquisa, nos apoiamos nos critérios jornalísticos de José Marques de Melo e Franciso de Assis, para classificar quanto ao gênero e a tipologia. No jornalismo nos referimos

aos gêneros como os sentidos do texto, como a forma de produzir uma matéria se pautada nos fatos ou se também a partir da opinião de um analista ou de um personagem.

Autores consagrados nos estudos de comunicação divergem quanto à classificação dos gêneros. Luiz Beltrão, Marques de Melo e Manuel Chaparro são três dos principais nomes a classificar tais gêneros. A seguir apresentamos a tabela com as classificações de gêneros propostas pelos três autores, segundo (Costa, 2010):

Figura 3 - Classificação de gêneros e tipologias jornalísticas

Luiz Beltrão (1980)	José Marques de Melo (2003)	Manuel Chaparro (1998)
1. jornalismo informativo notícia reportagem história de interesse humano informação pela imagem 2. jornalismo interpretativo - reportagem em profundidade 3. jornalismo opinativo editorial artigo crônica opinião ilustrada opinião do leitor	1. jornalismo informativo nota notícia reportagem entrevista 2. jornalismo opinativo editorial comentário artigo resenha coluna crônica caricatura carta	1. comentário 1.1 espécies argumentativas artigo crônica cartas coluna 1.2 espécies gráfico- artísticas caricatura charge 2. relato 2.1 espécies narrativas reportagem notícia entrevista coluna 2.2 espécies práticas roteiros indicadores agendamentos previsão de tempo cartas-consulta orientações úteis

Fonte: Costa (2010, p.2-3).

Em nossa pesquisa o autor base é Marques de Melo, sendo que para ele sobressaem se dois gêneros jornalísticos: o informativo e o opinativo. O interpretativo estaria circunscrito ao domínio dos dois primeiros, ora um ora outro. Sobre os gêneros jornalísticos Seixas (2013) explica que:

Certamente, a noção de gênero jornalístico diz respeito ao texto, ao discurso, à narratividade, se quisermos. Categorias como função e finalidade, tratadas também como propósito ou intencionalidade, narração, dissertação e “relato” são importantes. Entretanto, ao mesmo tempo em que são frequentemente questionadas na geração de classificações dentro da comunicação e dos campos de origem, não são tensionadas com noções e categorias das teorias do jornalismo, que pensam a instituição, a lógica do fazer-jornalístico, seu processo produtivo, suas propriedades (Seixas, 2013, p.166).

O jornalismo nasceu a partir do gênero opinativo. Esta frase resume o início da história do jornalismo no Brasil e do próprio gênero em questão, que no decorrer dos anos e de transformações políticas, sociais e culturais, sofreu uma transição para o gênero informativo. Atualmente os veículos de imprensa mesclam os dois gêneros, porém, os textos de cunho opinativo perderam grande espaço em detrimento de conteúdos informativos.

Para Melo; Assis (2009, p. 35), os gêneros jornalísticos equivalem a uma das parcelas do universo processual da comunicação:

O campo da comunicação é constituído por conjuntos processuais, entre eles a comunicação massiva, organizada em modalidades significativas, inclusive a comunicação periodística (jornal/revista). Esta é estruturada, por sua vez, em categorias funcionais, como é o caso do jornalismo, cujas unidades de mensagem se agrupam em classes, mais conhecidas como gêneros, extensão que se divide em outras, denominadas formatos, os quais, em relação à primeira, são desdobrados em espécies, chamadas tipos (Melo; Assis, 2009, p. 35).

Para entender este processo histórico, é necessário voltar para a origem da imprensa brasileira. Segundo Romancini; Lago (2007, p. 23) “o primeiro jornal impresso no país foi a Gazeta do Rio de Janeiro”. Apesar de se intitular como não oficial, contraditoriamente produzia um jornalismo que defendia os interesses da corte. Chegando a ser, inclusive, nas palavras do autor, bajulador, subserviente e “chapa branca”.

De acordo com José Marques de Melo o jornalismo passou a assumir uma identidade mais próxima ao gênero opinativo no início. “Com o fim da censura prévia, o Jornalismo passa a assumir sua identidade - a de uma atividade comprometida com o exercício do poder político, com a difusão de ideias, combativo de princípios e defensor de pontos de vista. Desse modo, ainda conforme Marques de Melo, o Jornalismo se caracteriza, no seu início, pela expressão de opiniões – opinativo – e não hegemonicamente pela informação - informativo – como perceberemos mais tarde” (Melo apud Barrichello, 2019, p. 2).

O jornalismo informativo começou a ganhar espaço quando as pessoas que detinham o poder na época buscaram formas de impor limites à liberdade de imprensa, e desenvolver ferramentas de censura. Os poderosos perceberam que ao fazer uso do gênero opinativo, os jornais teciam críticas, denúncias e ataques generalizados a qualquer um. Foi a partir do século XIX que o gênero informativo ganhou mais relevância, sobretudo pelo fato de que a imprensa norte americana passou a enxergar a informação como um produto, que como tal podia ser vendido.

Passadas as turbulentas modificações que a sociedade brasileira viveu nos últimos anos do século XIX, abre-se espaço para que o jornalismo – que naqueles tempos encontrava-se quase que exclusivamente na mídia impressa – consolide-se como empresa que vende informação. O texto opinativo perde espaço, já que não havia mais necessidade do discurso ideológico para derrubar a Monarquia e instaurar a República (Scherer, 2014, p.2).

Importante é salientar também que dentre o gênero opinativo existem diversas tipologias jornalísticas como notícias, artigos, colunas, reportagens e entrevistas. Sobre as entrevistas opinativas temos a definição de que:

[...] são as entrevistas obtidas de pessoas que têm autoridade para falar sobre assuntos nos quais se especializaram. No caso de tramitação de emenda constitucional sobre o divórcio, o jornalista procuraria juristas, desembargadores, juízes e sacerdotes. Se se tratar de matéria ligada a intoxicações provocadas por inseticidas, ouvirá químicos, médicos, agrônomos e sanitaristas. Técnicos, jogadores e dirigentes esportivos serão ouvidos sempre que tiver de explicar o bom ou mau desempenho de uma equipe em campeonatos (Erbolato, 2002, p. 165).

Quando nos referimos às tipologias jornalísticas estamos tratando das estruturas de produção e dos seus elementos constitutivos. Um jornal está repleto destas estruturas e cada uma delas cumpre uma função diferenciada no processo discursivo a que se propõe o veículo de comunicação. Manuel Chaparro chama as tipologias de “espécies jornalísticas”. Há outras nomenclaturas como formas jornalísticas, mas adotaremos o termo tipologia quando fizermos referência aos diferentes tipos de matéria encontrados nas revistas pesquisadas.

Dentre as tipologias mais comuns encontradas em jornais temos: notícia, reportagem, entrevista, nota, editorial, coluna, artigo e charge. Cada uma delas apresenta características e funções discursivas diferentes às quais explicamos brevemente.

- a) **Notícia:** Segundo Erbolato (2002), é a essência do jornalismo pois é a partir dela que se derivam outras tipologias. A notícia possui uma estrutura básica composta pelo título, lead (síntese do fato) e corpo do texto. Geralmente compõe o gênero informativo, mas excepcionalmente pode ser opinativa.
- b) **Reportagem:** Mais extensa que a notícia possui estrutura semelhante, mas possibilita uma abordagem mais pormenorizada e aprofundada. É muito usada em revistas por ser mais extensa. Pode ser informativa ou opinativa e dependendo do veículo pode trazer em seu interior elementos de entrevistas.
- c) **Entrevista:** É uma tipologia essencialmente informativa baseada no relato feito a partir

de perguntas que o jornalista faz ao entrevistado. Pode ser no formato *ping pong* que é quando há uma mescla entre perguntas e respostas, ou pode ser bibliográfica. Uma modalidade bastante conhecida é a coletiva onde diversos veículos de comunicação fazem perguntas ao entrevistado.

- d) Nota:** Consiste em uma notícia resumida. A diferença é que na nota apenas um dos aspectos da notícia é abordado e não a totalidade. Essa tipologia é muito usada na internet, principalmente em redes sociais por ser curtíssima e direta.
- e) Editorial:** É um texto geralmente opinativo que reflete o pensamento do veículo de comunicação. Em cada edição do jornal ou da revista o editorial pode abordar um aspecto relevante e apresentar qual a visão do veículo sobre o tema.
- f) Coluna:** É uma tipologia que geralmente aparece fixa nos jornais e quase sempre está associada a um tema também fixo. As colunas mais conhecidas são de política, economia, esporte e social. É comum o autor desta tipologia ser chamado de colunista.
- g) Artigo:** Consiste em texto geralmente opinativo produzido por especialista em determinado assunto. Tais textos expressam a opinião de seus autores e é comum que os jornais e revistas deixem isso registrado para os leitores.
- h) Charge:** Conforme Manuel Chaparro são espécies gráfico-artísticas. Elas consistem em ilustrações feitas a partir de uma realidade contextual e que podem ou não apresentar sátira ou ironia entre os elementos e personagens criados. O clássico jornal O Pasquim revolucionou as charges nos anos 1960 usando-as de forma criativa para transgredir ao regime autoritário vigente no Brasil.

Na distribuição do conteúdo nas páginas do jornal aparecem outros elementos estilísticos que variam em cada veículo, dentre eles temos:

- a) Manchete:** É o título da notícia principal do jornal. É sempre a matéria de capa grafada com fonte maior que as demais.
- b) Chapéu:** Pequeno texto designativo que tematiza o título.
- c) Linha fina:** Texto que vem logo abaixo do título e traz aspectos relevantes da notícia ou reportagem.
- d) Olho:** Elemento gráfico usado para dar destaque a alguma declaração importante dentro de uma notícia, reportagem ou entrevista.

No exemplo a seguir extraído do jornal A Gazeta podemos ver algumas tipologias jornalísticas. No alto da página do lado esquerdo vemos o editorial, ao lado dele vemos uma charge e logo abaixo temos dois artigos. Na página ao lado temos a coluna “a parte” e mais dois artigos de opinião.

figura 4 - Exemplo de tipologias jornalísticas no jornal A Gazeta

The image displays a collage of newspaper layouts from 'A Gazeta', illustrating various typographic typologies. The layouts include:

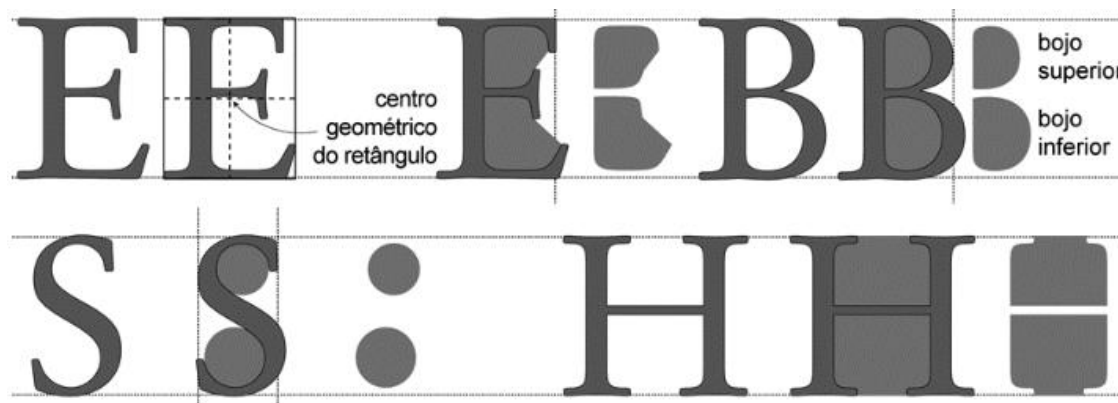
- EDITORIAL:** A section titled 'Normal não é' with a large headline and a sub-headline 'MAURO AMPLIA RGA PRA 5,40%'. It features a cartoon illustration of a person being pulled in multiple directions.
- opinião:** A section with a large, bold headline 'opinião' and a sub-headline 'VOCÊ TINHA QUE FALAR EM COMEÇAR A NO PARQUE ROY MATTEGOSI!'. It includes a cartoon illustration of a person being pulled in multiple directions.
- aparte:** A section with a large, bold headline 'aparte' and a sub-headline 'O que estamos votando é uma simpatia, de 6,20% para 5,4%. Isso é letargia, não é?'. It features a large number '6' and a cartoon illustration of a person being pulled in multiple directions.
- Quem tem mais, tem dois:** A section with a large, bold headline 'Quem tem mais, tem dois' and a sub-headline 'O Brasil é um país de dois tempos: o tempo da festa e o tempo da luta'. It includes a cartoon illustration of a person being pulled in multiple directions.
- NRF 2026 e a liderança no varejo:** A section with a large, bold headline 'NRF 2026 e a liderança no varejo' and a sub-headline 'A NRF 2026 é o maior evento de varejo do Brasil'. It features a cartoon illustration of a person being pulled in multiple directions.
- Vacinação: cuidado para todas as fases da vida:** A section with a large, bold headline 'Vacinação: cuidado para todas as fases da vida' and a sub-headline 'A vacinação é o melhor caminho para a saúde pública'. It includes a cartoon illustration of a person being pulled in multiple directions.
- Desafios da governança para 2026:** A section with a large, bold headline 'Desafios da governança para 2026' and a sub-headline 'A governança é o desafio mais complexo do Brasil'. It features a cartoon illustration of a person being pulled in multiple directions.
- O que estamos votando:** A section with a large, bold headline 'O que estamos votando' and a sub-headline 'A eleição é o momento de escolher o futuro do Brasil'. It includes a cartoon illustration of a person being pulled in multiple directions.

Fonte: www.gazetadigital.com.br (acesso em 23 de janeiro de 2026).

Outro aspecto muito relevante em publicações jornalísticas diz respeito ao esquema de fontes tipográficas. Elas causam efeitos e sensações nos leitores e dependendo de seu uso podem favorecer ou dificultar a leitura. Silva; Silva (2010, p.18) nos explicam que: “legibilidade refere-se à clareza com que o leitor identifica as letras individuais e leiturabilidade diz respeito ao maior ou menor conforto visual que o mesmo tem durante o tempo em que lê”. Em suma a legibilidade diz respeito a percepção visual do leitor que pode atrair ou gerar repulsa. Já a leiturabilidade relaciona-se com a compreensão textual.

A percepção visual expressa pela legibilidade ancora-se no princípio da estabilidade que segundo Silva; Silva (2010) é o equilíbrio visual do grifo tipográfico, o seu desenho, conforme vemos no exemplo a seguir.

Figura 5 - Exemplos relacionados ao princípio da estabilidade



Fonte: Silva; Silva (2010).

Neste sentido a escolha pelas tipografias no jornal devem recair sobre fontes que garantam maior conforto visual facilitando e estimulando a leitura. Por isso a família Times e Arial costumam ser as mais usadas nas publicações.

3.2 O uso do jornal como recurso educacional

O jornal é um veículo de comunicação que reúne diferentes gêneros textuais, especialmente os de caráter informativo, opinativo e interpretativo, com a finalidade de informar e formar o leitor sobre os acontecimentos.

Enquanto recurso educacional se mostra uma ferramenta enriquecedora capaz de desencadear a aproximação entre conteúdos curriculares, reflexão crítica e a realidade social, favorecendo que aprendizagem aconteça de forma contextualizada.

O uso do jornal digital escolar como recurso educacional possibilita a articulação entre o conhecimento escolar e a realidade social vivida pelos estudantes. O jornal digital escolar favorece uma linguagem dinâmica com os estudantes e dentro dessa dinâmica todos podem se conectar: professores, estudantes, funcionários da escola, pais e a comunidade.

Para Faria, (2002, p. 141) “ele será um veículo para destacar problemas e realizações e, finalmente, reforçar a identidade escolar”. Ao utilizar o jornal como recurso educacional, o professor propicia a leitura reflexiva e estimula o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes. Ademais, “ele também possibilita a prática do ato da escrita e da leitura como suporte de composição da experiência de vida, que se mobiliza para comunicar (Borges, 2020 p. 45).

No planejamento das aulas, ao incluir gêneros jornalísticos nas atividades rotineiras, o jornal pode dinamizar com outras atividades. De acordo com Faria (2002, p.141) “considerando-se que os jornais, pela sua própria natureza, abordam um amplo leque de

assuntos e, para isso, também apresentam uma grande diversidade de textos, ele é um dos instrumentos ideais da interdisciplinaridade.” O jornal digital escolar é um recurso valioso que promove a construção do conhecimento e a expressão dos alunos Borges (2020).

Dessa forma a escola associa competências e habilidades, favorecendo a interdisciplinaridade, estimulando a interpretação, a argumentação e a compreensão dos recursos midiáticos, tornando uma atividade interativa, moderna e de grande aceitação por parte dos estudantes.

O jornal digital escolar vai além de um simples complemento ou recurso educacional, propõe-se como um instrumento de formação questionadora e como um atrativo de leitura, com potencial para contribuir de maneira duradoura não apenas para os jovens estudantes, mas para toda a comunidade escolar. Para Araújo,

A forma de ensinar está subordinada ao conteúdo que será ensinado. Sendo assim, o professor não deve seguir indiscriminadamente apenas um livro didático, mas lançar mão de vários textos de vários autores, bem como outros materiais didáticos, tais como: quadrinhos, filmes, artigos de revistas e jornais, blogs, músicas, entre outros que sejam pertinentes (Araújo, 2012, p.119).

Segundo o autor, a proposta pedagógica deve ir além do livro didático, o professor deve incorporar em suas aulas práticas, metodologias que tornem o conteúdo mais compreensível para o estudante. Neste sentido, o jornal digital escolar por caracterizar um gênero interpretativo que ultrapassa a simples exposição de informações, e ao propor leitura crítica da realidade vivenciada pelos jovens estudantes, torna-se um recurso educacional potente para a construção do conhecimento dos estudantes.

O Jornal digital escolar, como articulado por Faria (2002), comporta formas prestigiadas de comunicação, dimensões linguísticas, ética, estética e política. Além de enriquecer os conhecimentos acerca da história dos movimentos sociais e suas ramificações. Vale destacar, que o jornal digital escolar “enquanto apoio metodológico apresenta-se como um recurso quase completo, por permitir ao aluno dialogar com os diversos temas da Sociologia, a partir de conhecimentos prévios e outros adquiridos na escola, numa perspectiva interdisciplinar e interativa” (Borges, 2020, p.45).

Nesse contexto, o jornal assume uma função pedagógica – recurso educacional que, articula formação crítica, tradição escolar e leitura sociológica da realidade, contribuindo para a compreensão do espaço escolar e para o fortalecimento do protagonismo estudantil.

Diante disso, o jornal digital escolar se constitui um material didático que articula múltiplas linguagens, estimula a leitura crítica e favorece o desenvolvimento das competências

comunicativas, sendo amplamente valorizado por pesquisadores da área educacional, principalmente das áreas de Linguagens e das Ciências Humanas Sociais Aplicadas (CHSA). Logo, o jornal “é ainda um instrumento complexo que contribui com uma educação humanizada, que colabora com o processo de humanização de educandos, educadores e outros participantes (Ijuim, 2013, p. 20).

O jornal digital escolar em sala de aula pode se tornar um suporte complementar na forma de material pedagógico, pois reúne habilidades que estimulam a participação coletiva, a leitura crítica e o diálogo, além de permitir compreender como os estudantes se organizam, convivem e transformam, primeiramente, o espaço escolar e, em seguida, a sociedade da qual fazem parte. Na perspectiva de Faria, tem-se:

Nos dias de hoje, em que o individualismo é uma característica marcante entre os jovens, estimular o convívio e a interação é imperativo. Significa também dizer que não deve produzir um jornal para o aluno e sim com o aluno, em que ele se aproprie do processo, embora com a mediação do professor (Faria, 2002, p.149).

O jornal tem seu potencial interdisciplinar, pois integra saberes das ciências humanas e sociais aplicadas, da linguagem e também das tecnologias digitais. Suas características singulares enquanto recurso educacional, que aproximam teoria e prática, incentiva a autoria estudantil e fortalece a participação dos jovens estudantes no espaço escolar. Assim,

Considerando a escola uma instituição mediadora entre a cultura e a população que atende, os jornais escolares constituem veículos que colaboram nesta mediação. Uma vez que o universo, a cultura, a vida são globais - não segmentados - o veículo jornal tem a possibilidade de abrigar saberes, informações, conhecimentos de forma una e múltipla - complexa -, pois a vida não é uma substância, mas um fenômeno de auto-ecoorganização extraordinariamente complexo que produz autonomia (Ijuim, 2001, p. 36).

O jornal digital escolar é uma ferramenta pedagógica muito importante, pois ele pode estimular a leitura, escrita e o senso crítico, além de fortalecer o protagonismo juvenil e a comunicação dentro da escola. Por meio dele, é possível divulgar as ações do grêmio estudantil, compartilhar ideias, conquistas e incentivar a participação de todos.

Desde sua consolidação no século XVII, com a Gazette de France editada por Théophraste Renaudot, o jornal assumiu um papel central na circulação pública da informação, estruturando-se em princípios como objetividade, impessoalidade e relevância social (Faria, 1996).

Na atualidade, neste século XXI, mesmo diante da era da velocidade, o jornal mantém sua expressão com seu potencial educativo, pois continua a oferecer aos sujeitos sociais a possibilidade de ter o conhecimento, leitura, interpretação e o posicionamento.

O jornal digital escolar oferece a oportunidade de associar a atividade teórica à prática, destacando habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), além de melhorar a aprendizagem, exercitar a leitura, a escrita, o pensamento crítico, a formação coletiva, a autonomia e a responsabilidade na transmissão das informações que serão divulgadas.

Ademais, o campo jornalístico-midiático faz parte dos estudos da BNCC e está ligado aos diferentes meios de comunicação que usamos no dia-a-dia, como os jornais, rádio, televisão, sites e redes sociais. Este campo complementa a proposta do material pedagógico, como já mencionamos, o jornal, sendo uma notícia curta, de ampla divulgação promove criticidade no que vemos, ouvimos ou assistimos pois nos ajuda a entender como as notícias, informações são produzidas e divulgadas.

Trata-se, em relação a este Campo, de ampliar e qualificar a participação das crianças, adolescentes e jovens nas práticas relativas ao trato com a informação e opinião, que estão no centro da esfera jornalística/midiática. Para além de construir conhecimentos e desenvolver habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos que circulam no campo, o que se pretende é propiciar experiências que permitam desenvolver nos adolescentes e jovens a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas, incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos e possam produzir textos noticiosos e opinativos e participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa (Brasil, 2018, p. 510).

De acordo com Oliveira (2024, p. 45), “para que um determinado material possa ser considerado didático, é necessário que ele possibilite e proporcione uma certa aprendizagem específica”. Dessa forma, a opção pelo jornal digital escolar como material pedagógico reúne essas características, pois o jornal é didático, crítico e promove o protagonismo juvenil. E sobretudo, devido ao jornal despertar curiosidade e instigar a construção do conhecimento temos:

Discussões acerca de temas da atualidade, conduzindo os estudantes ao questionamento e à reflexão, além de motivar tanto para o hábito da leitura como para o da produção textual, numa perspectiva multidisciplinar de construção do conhecimento (Borges, 2020, p.57).

Desta forma, o jornal digital escolar é um dos meios de comunicação que, devido à sua praticidade, possui um bom alcance de receptores. A escolha desse material pedagógico também partiu da habilidade elencada na BNCC do ensino médio de Língua Portuguesa de número 36.

Conhecer e analisar diferentes projetos editoriais – institucionais, privados, públicos, financiados, independentes etc. –, de forma a ampliar o repertório de escolhas possíveis de fontes de informação e opinião, reconhecendo o papel da mídia plural para a consolidação da democracia (Brasil, 2018, p. 511).

O jornal é um instrumento de formação cidadã, ampliando a compreensão dos jovens estudantes sobre seus direitos, deveres e possibilidades de atuação nos movimentos coletivos, tornando-os mais conscientes sobre o papel da comunicação no espaço escolar e na sociedade.

3.3 Vozes da Juventude a nossa proposta de jornal escolar

O material pedagógico jornal digital escolar “Vozes da Juventude” é fruto do processo de aulas do Mestrado, das reflexões advindas das produções teóricas dos capítulos, articulando conteúdos estudados, conceitos sociológicos explorados nas disciplinas e reflexões desenvolvidas durante a pesquisa. Juntamente com aplicação de um questionário que buscou compreender a participação dos jovens estudantes nos grêmios estudantis, suas motivações, desafios e as repercussões para sua atuação política e social.

Para a confecção do material pedagógico nesse formato, realizou-se uma atividade de campo com a aplicação de um questionário composto por 17 perguntas, direcionado à turma do 2º ano A da Escola Estadual 13 de Maio. Dentre essas questões, uma dizia respeito à opinião dos estudantes acerca da produção de um jornal digital escolar que divulgasse assuntos relacionados ao grêmio estudantil, além de questões atuais da instituição.

O resultado evidenciou que a maioria dos participantes (73,9%) gostou da ideia de criar um jornal digital escolar, demonstrando grande interesse em utilizar esse espaço como meio de expressão e aprendizado, neste processo, foi então confeccionando o material pedagógico. Para Berbel (2011, p. 28) “quando acatadas e analisadas as contribuições dos alunos, valorizando-as, são estimulados os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos, entre outras.”

O jornal não é apenas um material pedagógico final, mas uma síntese metodológica que integra os capítulos desta pesquisa, desde a interação acadêmica com as aulas, as novas referências bibliográficas, a prática pedagógica, resultando em um material já editado e pensado

para dialogar diretamente com as experiências dos jovens estudantes e também com a realidade escolar.

A elaboração deste material pedagógico jornal digital escolar surgiu da necessidade de analisar a relação dos jovens estudantes com os grêmios estudantis, explorando como o protagonismo juvenil se manifesta no espaço escolar. Contou também com o objetivo de fortalecer a formação crítica dos estudantes ao se envolverem com o material, sendo uma novidade no espaço escolar.

O material pedagógico estimula a compreensão histórica e também o engajamento consciente nas práticas de participação estudantil, desenvolvendo o protagonismo juvenil. Na perspectiva de Dayrell e Carrano (2014, p. 128) temos, “antes mesmo de se pensar quais atividades educativas deveriam ser oferecidas aos jovens, deveríamos nos colocar a questão de como contribuir para que esses sejam diretores de suas próprias vidas”.

No espaço escolar e na sociedade muitos acontecimentos importantes são processos, que podem ser de curta ou de longa duração, sendo fundamental que os jovens estudantes tomem conhecimentos desses fatos. Nesse sentido, eles devem agir e pensar estratégias de forma coletiva, que possibilite uma transformação real para um grupo maior, seja no espaço escolar, na comunidade, no município, estado e até mesmo no país.

A participação desses jovens estudantes não se restringe a ações pontuais, mas se insere em processos contínuos de lutas, mandatos políticos, movimentos, organizações e conquistas de direitos. Ao reconhecerem-se como agentes históricos e sociais, esses jovens estudantes ampliam sua percepção sobre cidadania, participação política e grêmio estudantil e protagonismo juvenil.

A definição do título do jornal digital escolar está ancorada no percurso teórico metodológico desenvolvido no curso de mestrado, especialmente na linha de pesquisa II sobre a temática: Juventudes e Questões Contemporâneas.

O material foi desenvolvido no processador de textos Microsoft Word⁷. O título “Vozes da Juventude”, o jornal digital escolar como material pedagógico reflete esse embasamento ao

⁷ O Microsoft Word, lançado em 1983, é um programa de processamento de texto da suíte Microsoft Office amplamente utilizado para criar, editar e formatar documentos de texto. Oferece uma interface intuitiva e recursos avançados de formatação, como estilos, fontes, parágrafos, tabelas e imagens. Além das funcionalidades básicas de edição de texto, inclui recursos como revisão de texto, correção ortográfica e gramatical, notas de rodapé, índices, cabeçalhos e rodapés. Com recursos de colaboração, como edição simultânea e compartilhamento de arquivos em nuvem, é utilizado em ambientes de negócios, acadêmicos e pessoais (Gomes, 2024, p.4).

reconhecer os jovens estudantes como sujeitos históricos, sociais e participantes dos processos educativos, como defendem Paulo Freire (1996) e Juarez Dayrell (2014).

Após sua confecção, o jornal foi editado em uma plataforma adequada para impressão em formato de jornal menor e compacto, voltado aos usos didáticos escolares. Com suas especificidades, apresenta-se mais visual, de fácil leitura, com linguagem direta, adequada ao público jovem do ensino médio.

O presente material pedagógico teve a intenção de constituir uma atividade didática, moderna, interativa e reflexiva no espaço escolar, “pautada na escolha de temas e conceitos considerados relevantes e uma metodologia que tenha como propósito tornar o conteúdo claro para o aluno” (Araújo, 2012, p. 119).

O jornal é composto por conteúdos informativos sobre a participação dos estudantes em movimentos estudantis, narrativas de grandes manifestações, em momentos de significativa importância histórica para a sociedade brasileira, como a fundação da UNE, o movimento O Petróleo é Nosso, a Ditadura Militar, o Fora Collor e, a Reforma do Novo Ensino Médio.

Além de apresentar uma das colunas que pode ser considerada a mais importante, a aplicação real do questionário fechado aos estudantes do 2º ano A. O material também dedica um espaço ao protagonismo juvenil, por meio do grêmio estudantil, destacando sua força e participação no espaço escolar. Por fim, uma seção dedicada ao entretenimento, atividades interativas que auxiliam na fixação dos conteúdos e na aquisição de curiosidades.

A organização dos conteúdos buscou integrar conhecimentos históricos e sociológicos que norteiam a composição e atuação do grêmio estudantil no espaço escolar e fora dele. Evidenciando o grêmio estudantil como espaço de visibilidade do protagonismo juvenil, reforçando a função social da escola a formação cidadã e participação democrática.

Dessa forma, o jornal digital escolar assume uma configuração plural, reunindo gêneros informativos, opinativos, interpretativos e atividades interativas, reafirmando-se como um recurso educativo capaz de articular conhecimentos, experiência escolar e tradição jornalística. Segundo Alves Filho (2011, p. 65), “toda vez que escolhemos um gênero, também fazemos opção por um conjunto de valores, crenças e saberes associados a cada gênero. [...] trazer à tona aspectos sociais, culturais e políticos associados”.

O principal objetivo nesta constituição e na confecção desse material pedagógico foi de conhecer o funcionamento do grêmio estudantil nesta unidade escolar, identificando se há participação ativa dos jovens estudantes e como essa integração, entidade gremista pode dialogar com o jornal. O despertar com as motivações, curiosidades, o que aprendem, quais são

as experiências relevantes que só o grêmio estudantil pode proporcionar, o que os afasta, e também conhecer as repercussões sociais e políticas da atuação estudantil.

A experiência com o jornal digital escolar, ao incorporar os resultados do questionário aplicado aos estudantes do 2º A, demonstrou sua capacidade de aproximar teoria e prática, promover autoria e fortalecer o protagonismo estudantil, junto ao grêmio estudantil, reafirmou-se como instrumento de participação e formação cidadã na rotina diária escolar.

No questionário, foram incluídas questões sobre as mudanças que um jovem estudante pode vir a alcançar ao participar da entidade gremista, tais como a ampliação da capacidade de comunicação ao expressar suas opiniões e o impacto dessa participação política na formação cidadã, destacando as perspectivas e percepções sobre as repercussões desses fatores em sua vida política e social.

Essa pesquisa evidenciou situações que também são materializadas tanto no espaço escolar como na sociedade brasileira, como as desigualdades sociais, as contradições e os conflitos de conquistas e direitos para os jovens estudantes.

As respostas no questionário destacaram as histórias e experiências dos jovens estudantes, mostrando suas compreensões e entendimentos sobre juventude, grêmio estudantil, movimento estudantil, protagonismo juvenil e participação política.

Essas palavras, que se tornaram categorias-chave deste trabalho de pesquisa, foram analisadas, a partir das respostas no questionário fechado aplicado aos estudantes. A partir de suas compreensões e percepções a análise buscou entender as realidades tanto no espaço escolar quanto no espaço mais amplo da sociedade em que esses jovens estudantes transitam. Contudo, apenas reforçou uma percepção esvaziada acerca dos movimentos estudantis, das políticas e da própria democracia.

O jornal digital escolar foi confeccionado a partir dos assuntos discutidos nos textos junto aos resultados da pesquisa de campo com as reflexões e os aspectos desejáveis a partir das experiências e percepções no espaço escolar sobre a entidade gremista, o movimento estudantil, o protagonismo juvenil e a participação política, permitindo achados reveladores.

A proposta do jornal buscou, portanto, promover um aprendizado significativo, aproximando os conteúdos escolares e também as vivências concretas dos jovens estudantes. Ao mesmo tempo, contribuir para o fortalecimento da participação ativa no espaço escolar, estimulando a leitura crítica, o senso de responsabilidade e o exercício da cidadania.

A partir do questionário aplicado aos estudantes, foi possível identificar evidências relevantes como a importância de ter espaço de fala, a dificuldade de engajamento de todos e a inserção do grêmio como espaço de cidadania. E mesmo as poucas porcentagens, mostraram

que, mesmo entre quem não participa diretamente, há reconhecimento do papel do grêmio na vida escolar.

Decisões didáticas dizem respeito às escolhas de conjuntos de notícias que possam favorecer o processo de aprendizagem, levando em conta critérios que são relevantes para o funcionamento das notícias, como: perfil dos leitores, temática, função comunicativa e eventos deflagradores, dentre outros (Alves Filho, 2011, p. 109).

Nessa proposta do jornal digital escolar busquei abordar temas essenciais à formação crítica dos jovens estudantes. Os conteúdos selecionados para o jornal divulgam temas de interesses coletivos como o movimento estudantil, suas bandeiras e seus repertórios em cada momento da sociedade brasileira.

Por isso, inclui no jornal uma linha histórica do movimento estudantil, contemplando marcos como a fundação da “UNE em 1937”, a campanha “O Petróleo é Nosso”, as mobilizações contra a “Ditadura Militar”, o movimento das “Diretas Já” e as transformações contemporâneas, como a “Nova Reforma do Ensino Médio”. Cada um desses acontecimentos foi selecionado para demonstrar a força histórica do protagonismo estudantil.

O jornal digital escolar também apresenta uma seção dedicada ao nosso objeto de pesquisa o “Grêmio Estudantil”, explorando suas funções, áreas de atuação e o potencial de desenvolvimento político e social que ele oferece aos jovens estudantes nas atividades rotineiras no espaço escolar. Além disso, incluí reflexões sobre a juventude em ascensão como categoria social marcada por tensões, demandas e potências que emergem no cenário contemporâneo, defendidas por Juarez Dayrell (2014) e Luís Antônio Groppo (2020).

Os jovens estudantes na contemporaneidade estão inseridos nas condições históricas de sua época. Dessa percepção junto aos contextos sociais e políticos eles protagonizam eventos marcantes na sociedade. Esses eventos podem ser narrativas de mobilizações e assembleias, capazes de gerar mudanças para a população em geral.

A juventude não constitui um grupo homogêneo, mas uma categoria histórico e social marcada por contradições de uma trajetória econômica capitalista da sociedade brasileira. Segundo Foracchi (2018) e Tomaz (2020) ainda que existam elementos geracionais comuns, cada juventude expressa sua condição de modo particular, conforme o contexto histórico e as relações sociais que constitui dado período e momento.

As experiências dos jovens estudantes não são estáticas; elas caminham junto às transformações sociais, políticas, econômicas e culturais de cada tempo histórico e de cada

experiência, materializando-se nas relações sociais, que muitas vezes reduzem as oportunidades de transformação para os jovens estudantes.

3.4 Repercussão do jornal entre os jovens estudantes

A testagem do material pedagógico, o jornal digital escolar “Vozes da Juventude”, foi realizada na Escola Estadual 13 de Maio, no município de Sorriso – MT, entre os dias 16 de novembro e 4 de dezembro de 2025, pois dependia da disponibilidade de professores para cederem suas aulas para a sua concretização, totalizando aproximadamente 21 horas-aula. O jornal foi testado com a mesma turma que participou do questionário fechado, 2º ano A. A programação constituiu-se como um momento singular e de muitos significados acompanhando todo o processo desta pesquisa, do seu início até o momento aqui compreendido como conclusão.

Na primeira semana a programação ocorreu ao longo das aulas no período matutino. A testagem do material pedagógico foi organizada e pensada para 20 horas/aulas, num total aproximado de 04 dias, já que o ensino médio conta com 06 aulas por dia. A organização se deu em momentos articulados. Esse planejamento permitiu aos estudantes compreenderem o papel histórico e social da categoria juventude, pois são estes jovens estudantes que contemplam o futuro da nossa sociedade, mencionei alguns direitos e políticas públicas de Juventude, como exemplo: o Estatuto da Juventude (2013).

Compartilhar esse material foi, sem dúvida, um momento memorável, pedagógico e de muita gratidão. O material pedagógico foi testado no espaço escolar, nesta turma específica do 2º ano A, para que os jovens estudantes e a comunidade escolar refletissem sobre a participação nos grêmios estudantis e as repercussões para sua atuação política e social.

Na segunda semana, foi apresentada uma contextualização histórica do movimento estudantil brasileiro, iniciando-se com a fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1937, e avançando por marcos significativos da história política e social do país, como a campanha o Petróleo é Nosso, o período da Ditadura Militar, o movimento pelas Diretas Já e as recentes discussões em torno da Reforma do Novo Ensino Médio. Esse percurso permitiu aos estudantes compreenderem o papel histórico da juventude como sujeito coletivo de transformação social.

Utilizou-se a lousa para a construção coletiva de uma linha do tempo, contemplando as principais bandeiras historicamente protagonizadas pela juventude e pelos movimentos estudantis. A atividade despertou curiosidade e ampla participação dos estudantes,

intensificada, inclusive, a partir da discussão de episódios marcantes, como a morte do estudante secundarista Edson Luís, bem como da fundação da UNE, analisada à luz da perspectiva de Arthur José Poerner, especialmente em sua obra *O Poder Jovem*. Durante a manhã, observou-se, o envolvimento dos estudantes, marcado por interesse, entusiasmo e empolgação, evidenciando o potencial do material pedagógico como instrumento didático mobilizador no espaço escolar.

Durante a atividade, os estudantes manifestaram curiosidade em conhecer os resultados do questionário aplicado, especialmente os percentuais referentes às respostas obtidas. Em razão do tempo, não foi possível dialogar detalhadamente sobre cada questão junto aos estudantes. Até porque a análise dos dados foi realizada a partir da consideração de múltiplos lugares de fala, como a condição de estudante de escola pública, a classe social, o envolvimento com o grêmio estudantil, e as habilidades e conhecimentos prévios sobre política.

No terceiro dia, foi realizada uma explicação aprofundada sobre o grêmio estudantil, suas funções, atribuições e possibilidades concretas de participação no cotidiano escolar. Com o livro em mãos, “Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo”, organizada por Juarez Dayrell, Paulo Carrano e Carla Linhares Maia, relatei as experiências do livro e mostrei aos jovens estudantes que eles podem de fato fazer transformações no espaço escolar e não apenas pequenas reformas.

Destacou-se o protagonismo juvenil como elemento fundamental para o fortalecimento da democracia no espaço escolar, evidenciando como o engajamento em movimentos representativos contribui para a formação de lideranças responsáveis e comprometidas com o bem de todos.

Por fim, o último momento, o jornal digital escolar foi apresentado em formato PDF, pois o editorial não havia sido concluído. O jornal foi exibido na televisão da sala de aula. Os estudantes demonstraram reação imediata: espanto e euforia coletivos. Todos falaram ao mesmo tempo e os sorrisos se multiplicaram, revelando envolvimento com os temas ilustrados, curiosidades e identificação com a proposta.

A etapa final, junto ao último momento, consistiu na realização de um caça-palavras e de um quiz, inseridos na última página do jornal. Essas atividades lúdico-pedagógicas foram recebidas com entusiasmo, favorecendo a fixação dos conteúdos e proporcionando um ambiente de aprendizagem participativo e motivador, consolidando o êxito da aplicação do material pedagógico.

Nesse sentido, após a testagem do material pedagógico, conclui-se que o jornal digital escolar se constituiu como um recurso complementar capaz de provocar espanto e interesse

entre os jovens estudantes. Embora não tenha sido extenso, o material fez uso de imagens de repercussão histórica na sociedade brasileira, e ainda apresentou registros de estudantes respondendo ao questionário fechado em sala de aula.

Percebeu-se no desenvolvimento das aulas que o jornal despertou o interesse e a curiosidade dos estudantes, pois em relatos os mesmos disseram que se sentiram motivados a ler o jornal e a participar das atividades.

Ademais, por se tratar de um recurso novo, e principalmente apresentar acontecimentos e notícias do cotidiano estudantil, como no caso as atividades gremistas. Desse modo, podemos afirmar que o material pedagógico, jornal digital escolar ‘Vozes da Juventude’, teve boa aceitação por parte dos estudantes, e provou ser um recurso educacional, pedagógico relevante para dinamizar práticas inovadoras e promover o engajamento dos estudantes.

Devido a boa aceitação dos estudantes, o material ficará como um recurso digital e também como modelo para que durante o ano letivo, os estudantes atuantes no grêmio estudantil possam desenvolver o próprio jornal digital escolar, com intenções de tornar interdisciplinar e permanente, inclusive em outras unidades das escolas públicas do Estado de Mato Grosso.

Dessa forma, a confecção do jornal digital escolar contemplou o objetivo de fortalecer a participação estudantil e ampliar a circulação das ações do grêmio ao longo do ano letivo. Para consolidar essa iniciativa, ficam disponibilizados à escola dois arquivos: a versão em PDF, correspondente à edição inaugural produzida no âmbito da pesquisa, e o modelo editável, preparado para servir como referência de formatação e identidade visual nas futuras edições.

O jornal será atualizado durante o ano letivo, a depender das dinâmicas dos planejamentos rotineiros das unidades escolares. Pode ocorrer a cada bimestre ou de forma semestral pelos integrantes do grêmio estudantil, que poderão adaptar textos, notícias e imagens conforme as demandas e acontecimentos da comunidade escolar. Sua divulgação ocorrerá de forma digital, garantindo acesso ampliado e continuidade mesmo sem recursos de impressão.

Ao propor deixar o jornal digital escolar como modelo para que os estudantes produzam o próprio jornal, favorece a aprendizagem ativa e coletiva, ademais,

O jornal escolar, como método pedagógico, permite uma continuação do processo de aprendizagem. Os conhecimentos abordados passam a ser praticados e refletidos, por meio da releitura que vai desde a escolha e a reflexão sobre um determinado conteúdo exposto, necessário para a produção dos textos, até a sua finalização editorial. E mesmo depois de produzido, há o momento de socialização do conhecimento, com a impressão do jornal e sua divulgação para todos os integrantes da escola (Borges, 2020, p.49-50).

A proposta visa preservar a tradição formativa do jornal, favorecer a autoria juvenil, registrar o cotidiano escolar e fortalecer o protagonismo democrático dos estudantes. Dessa forma, o “Vozes da Juventude” se integra à rotina institucional como um espaço permanente de expressão, memória e participação e experiência.

Verificou-se, a partir dessa experiência, o interesse e a participação efetiva dos estudantes em questões relacionadas ao grêmio estudantil, os assuntos escolhidos para o jornal tiveram o objetivo de fortalecer o protagonismo juvenil e a participação política dos jovens no espaço escolar e na sociedade.

Além disso, observou-se o possível desenvolvimento de habilidades de liderança, como o incentivo à adesão de novos integrantes a ingressar no grêmio estudantil. Reforço que a manifestação espontânea dos jovens estudantes mostrou a importância do material pedagógico, no sentido de fortalecer os laços entre espaço escolar, o grêmio estudantil, a participação política e protagonismo juvenil.

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho, no âmbito do mestrado profissional de Sociologia (PROFSOCIO), contribuiu de maneira significativa para o aprofundamento das reflexões acerca das percepções dos jovens estudantes no espaço escolar, principalmente quando chegam ao ensino médio com suas múltiplas trajetórias e experiências de mundo, bem como suas habilidades de engajamento e protagonismo.

Ao longo do percurso formativo, foi possível dialogar com os estudos teóricos e com a experiência vivenciada na trajetória educacional, reconhecendo as inquietações e os desafios no que diz respeito à participação efetiva dos jovens estudantes nos movimentos estudantis, com ênfase na entidade gremista. Os diálogos somaram-se a novas leituras de cunho marxista, sociológico e histórico que compreendem a juventude como uma categoria social, histórica, plural e em constante transformação.

O espaço escolar é considerado uma base para que os jovens estudantes possam despertar o interesse para se tornarem protagonistas com consciência crítica e atuação política, permitindo sua visibilidade na sociedade. Dessa forma, há grande probabilidade de que o jovem estudante que se envolve e participa do grêmio estudantil desenvolva diferentes habilidades, consciência política, compreensão de direitos e deveres e vivencie a participação democrática, inclusive por meio dos processos eleitorais. Essas experiências podem constituir os primeiros passos de uma trajetória política, com possibilidades futuras de atuação em diferentes espaços de representação, seja como vereador, prefeito, deputado ou mesmo em cargos de maior projeção, como a presidência.

Este trabalho teve como objetivo geral compreender as motivações, desafios e repercussões da participação gremista para a atuação política e social dos jovens estudantes. Esse objetivo foi contemplado por meio do estudo de campo, com a aplicação do questionário fechado junto aos estudantes do 2º ano A do ensino médio da E.E. 13 de Maio.

Quanto aos objetivos específicos, ao conhecer a percepção dos jovens estudantes sobre o grêmio estudantil, a pesquisa evidenciou que a participação ou não nas atividades gremistas está diretamente relacionada às condições de sociabilidade, pertencimento e a falta de conhecimento.

No intuito, de responder a um dos objetivos específicos e fortalecer a participação no grêmio estudantil, desenvolveu-se o material pedagógico “Vozes da Juventude” no formato jornal digital escolar, capaz de dialogar com a teoria, a prática e o protagonismo juvenil. Na atualidade é necessário reinventar e ressignificar as práticas docentes.

Devido à boa aceitação dos estudantes, o material ficará como um recurso digital e também como modelo para que durante o ano letivo, os estudantes atuantes no grêmio estudantil possam desenvolver o próprio jornal digital escolar, com a intenção de torná-lo interdisciplinar e permanente na unidade escolar. E também nas escolas públicas do Estado de Mato Grosso.

O jornal digital escolar objetivou fortalecer os laços de ensino-aprendizagem no espaço escolar, promover a participação e o protagonismo dos estudantes, bem como suprir a necessidade de se ter um material pedagógico inovador que complemente o livro didático, abordando questões políticas e sociais de forma dinâmica e interativa.

Dessa forma, o presente material mostrou-se ser um recurso educacional valioso, que articula objetivos de aprendizagem, conhecimentos prévios e participação ativa dos estudantes. Assim, o material pedagógico reafirmou o grêmio estudantil como a voz do protagonismo juvenil no espaço escolar, onde o estudante é o autor da sua história.

No desenvolvimento da pesquisa, dedicamos uma escrita à sociabilidade juvenil que é um elemento central na formação da identidade dos estudantes pois possibilita o desenvolvimento do sentimento de pertencimento, comunicação, formação da identidade e da vivência de experiências coletivas mediadas pelas relações no espaço escolar. Segundo Paulo Freire (1996) se não há diálogo no espaço escolar, não é possível uma educação emancipadora, que favoreça o desenvolvimento da autonomia e pensamento crítico.

Um ponto ainda importante de se mencionar são as respostas obtidas no questionário, sobre o esvaziamento, o desencanto, a falta de tempo e o interesse nas atividades gremistas. Esse resultado pode estar associado a diferentes fatores como, a falta de representatividade coletiva no grêmio da escola, que assegurem os interesses dos estudantes ou a falta de tempo e disponibilidade dos estudantes, pois uma parcela dos estudantes afirmou que necessitam trabalhar para ajudar na renda da casa, o que pode resultar na dificuldade de participação nas atividades gremistas.

Logo, as repercussões políticas e sociais da atuação gremista, os dados indicaram que a participação no grêmio favorece o desenvolvimento de habilidades diversas. Comunicação, trabalho em equipe e organização de eventos. Fazer parte dos membros do grêmio na unidade escolar também desperta interesse na política, em pensar que nesse processo podem ocorrer mudanças significativas para a categoria juventude e também para a sociedade, não é um processo simples como muitos também questionaram, “a política é algo difícil”, mas precisa ter um ponta pé.

Entretanto, a baixa participação nas atividades do grêmio indica, a necessidade de maior divulgação sobre o potencial da juventude na sociedade contemporânea, uma vez que a

participação nas ações gremistas, no espaço escolar, tem a tendência da inserção da juventude no campo da política como já mencionamos. Ademais, é neste espaço que os estudantes têm a oportunidade de desenvolver o protagonismo juvenil, sobretudo, em questões sociais relevantes à sua condição juvenil.

A pesquisa também evidenciou a importância histórica e social dos movimentos estudantis e manifestações no Brasil, compreendidos como expressões coletivas de participação juvenil. Tais movimentos, protagonizados em sua maioria por estudantes, mobilizam pautas e bandeiras relacionadas principalmente à educação e aos direitos sociais.

Por fim, com as análises realizadas, foi possível identificar que a sociabilidade juvenil dialoga diretamente tanto com o grêmio estudantil quanto com o material pedagógico, estabelecendo uma conexão significativa no espaço escolar. A sociabilidade se desenvolve à medida que os estudantes aprendem a conviver, dialogar e negociar entre si, e o grêmio estudantil assegura esse espaço ao possibilitar que os jovens exercitem a participação, a liderança e o protagonismo.

Em síntese, a articulação com o jornal digital escolar configura-se como um instrumento pedagógico potente, pois permite a expressão de opiniões, a construção coletiva e o compartilhamento de vivências e experiências. Os jovens estudantes não apenas informam os acontecimentos do cotidiano escolar, mas produzem sentidos sobre suas realidades, ampliando o alcance de suas vozes e fortalecendo sua atuação no espaço escolar e na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT NBR 10520:2023. **Informação e documentação: citações em documentos – apresentação**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2023.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: PERALVA, Angelina e SPOSITO, Marília (orgs). *Juventude e contemporaneidade*. **Revista Brasileira de Educação**, n.5/6, mai/dez. 1997, p. 25-36.

ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2011.

ANJOS, Diego dos (org.) et al. **Movimento estudantil: conflitos, organizações e mobilização**/ Organizadores: Diego dos Anjos; Maria Angélica Peixoto; Nildo Viana. Rio de Janeiro: Rizoma, 2019.

ARAÚJO, Fernanda Oliveira de. Em torno do conceito de Indústria Cultural. In: RAMALHO, José Rodorval, SOUSA; Rozenval de Almeida e (orgs). **Sociologia para o Ensino Médio: conteúdos e metodologias**. Campina Grande: Editora da UFCG, 2012. p.119-125.

BARICHELO, Júlia; MISTURA, Rebecca; BERTOL, Sônia; BERTONCELLO, Wagner. **Jornalismo Opinativo: Uma Análise dos Gêneros Opinativos no Jornal Folha de São Paulo**. Portal Intercom. Porto Alegre, 2019.

BERBEL, N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://is.gd/FJbgqq>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BITENCOURT, Circe Maria. "Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História" In: _____. (Org.). **O Saber Histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.

BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

BORGES, Ricardo de Moura. **O Corujinha: a experiência de uso de um jornal escolar como ferramenta de auxílio no ensino-aprendizagem em Sociologia**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Sociologia) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Decreto n.º 709, de 19 de fevereiro de 2024. Institui o Programa Escolas Estaduais Cívico-Militares**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 20 fev. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação: PNE 2014–2024 – linha de base**. Brasília, DF: Inep, 2015.

BRASIL. Decreto-lei n. 4.105, de 11 de fevereiro de 1942. **Reconhece a União Nacional dos Estudantes como entidade coordenadora e representativa dos corpos discentes dos estabelecimentos de ensino superior**. Diário Oficial da União - Seção 1 - 13/2/1942, Página 2253 (Publicação Original).

BRUNETTA, Antônio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro. (Org.). **Dicionário do ensino de Sociologia**. 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

INSTITUTO SOU DA PAZ. **Caderno grêmio em forma**. Grêmio estudantil. Disponível em: <http://www.soudapaz.org/Portals/0/Downloads/caderno.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

CARVALHO, José Murilo de. **“Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi”**. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

CATTO, André. G1.o portal de notícias do globo. **Aumento da desigualdade 10% mais ricos ganham 31 vezes o salário dos mais pobres nas regiões metropolitanas, diz estudo**. Atualizado em 13/04/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/04/13/aumento-da-desigualdade-10percent-mais-ricos-ganham-31-vezes-o-salario-dos-mais-pobres-nas-regioes-metropolitanas-diz-estudo.ghtml/> acesso em 07/06/2024.

COLARES, W. **Grêmio estudantil: representação do estudante e valorização da escola**. Teófilo Otoni: Gráfica Frota, 2007.

COLLINS, Randall. **Quatro tradições sociológicas**/Randall Collins; tradução de Raquel Weiss- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, - (Coleção Sociologia).

CONCEIÇÃO, Marcus Vinícius. Regime de Acumulação Conjugado e o Maio de 1968: **Crise e Rebelião Estudantil na França**. Tese de doutorado. Goiânia: UFG, 2019.

COSTA, Lailton Alves da. Jornalismo brasileiro: a teoria e a prática dos gêneros jornalísticos nos cinco maiores jornais do Brasil. **Encipecom**. Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

COVEM, Eliani. A nova face do movimento estudantil no Brasil: Do enfrentamento à gestão autônoma. In: VIANA, Nildo. [Org] **Movimento estudantil em foco**/ 1.ed.- Goiânia: Edições Redelp; NEMOS – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais, 2020. p. 49-72. DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (organizadores). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**/ Juarez Dayrell, organizador. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

DICIO. Dicionário online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/policlassista/> acesso em 12/06/2024.

DICK, Hilário. Articulações juvenis católicas da América Latina. In: SOUZA, J. T. P. de; GROppo, L. A. (orgs.). **Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo**. Florianópolis: UFSC, 2011.

DORATIOTO, Franciso Fernando Monteoliva. **De Getúlio a Getúlio: O Brasil de Dutra a Vargas, 1945 a 1954/ FILHO, José Dantas** – São Paulo: Atual, 1991.

ELIAS, Norbert (1897-1990), **Escritos & Ensaio; Estado, processo, opinião pública/** Norbert Elias; organização e apresentação, Frederico Neiburg e Leopoldo Waizbort; Tradução textos em inglês, Sergio Benevides- textos em alemão, Antônio Carlos dos Santos- textos em holandês- João Carlos Pijnappel- Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.2006.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo. Redação, captação e edição no jornal diário.** 5ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula.** São Paulo: Contexto,1996.

FARIA, Maria Alice. **O jornal na sala de aula.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JR., Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2002.

FAUSTO. Boris. **História do Brasil/** 14. ed. Atual. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FÁVERO, Eunice T. **Infâncias e juventudes: proteção de direitos e violações /** São Paulo: EDUC, 2021.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. **A UNE em tempos de autoritarismo.** / Maria de Lourdes de A. Fávero. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FORACCHI, Marialice M. **A juventude na Sociologia Moderna /** Marialice M Foracchi - 2ª ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 2003.

GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social.** 5 ed. Lisboa: Presença, 2005.

GOMES, Ingridy Fernanda de Lucena Cardoso. **A Importância do Microsoft Office na Produção de Documentos Acadêmicos e Oficiais na Área de Secretariado Executivo.** Trabalho de Conclusão de Curso (Área Temática: Tecnologia Secretarial) - Universidade Federal da Paraíba Centro de Ciências Aplicadas e Educação, 2024.

GOULART, D. C. Movimentos sociais e o ensino de sociologia. In: BRUNETTA, A. A.; BODART, C. N.; CIGALES, M. P. (orgs.). **Dicionário do ensino de sociologia.** Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020. p. 242.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v.16, n.47, maio/agosto.2011.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais Paradigmas clássicos e contemporâneos.** Maria da Glória Gohn. – 10. Ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2012. [1997].

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GROPPO, Luís Antônio. Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo. In: SOUZA, J. T. P. de; GROPPPO, L. A. (orgs.). **Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo**. Florianópolis: UFSC, 2011.

GROPPO, Luís Antônio. Universidade e comunidade na perspectiva dos movimentos estudantis dos anos 1960. In: DOS ANJOS, Diego; PEIXOTO, Maria Angélica; VIANA, Nildo (org.). **Movimento estudantil: conflitos, organizações e mobilizações**. Rio de Janeiro: Rizoma, 2019. p. 79–90.

IJUIIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências humanas: um roteiro de viagem**. [S. l.]: Livros Labcom book, 2013. Disponível em: http://www.labcomifp.ubi.pt/ficheiros/20131017-201307_jorgeijuim.pdf. Acesso em: 20 de jan de 2026.

ISTOÉ. **A voz de serra na une**. Disponível em: http://istoe.com.br/85393_A+VOZ+DE+SERRA+NA+UNE/. Acesso em 10/06/24.

JORNAL DO BRASIL. A verdade do movimento estudantil. Apud: POERNER, A. J. **O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

KONDER, Leandro. **O que é dialética** / Leandro Konder. — São Paulo: Brasiliense, 2008. — (Coleção Primeiros Passos: 2).

LACERDA, Gislene Edwiges de. **A história em disputa: movimento estudantil e a transição democrática brasileira**/ 1 ed. – Curitiba: Editora Appris, 2019.

LIMA FILHO, I. P. Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais (UFC)**, v. 45, p. 103-118, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2421>. Acesso em: 1 maio 2025.

MAIA, Lucas. TELES, Gabriel. Reflexões sobre a organização Estudantil. In: ANJOS, Diego dos (org.) et al. **Movimento estudantil: conflitos, organizações e mobilização**/ Organizadores: Diego dos Anjos; Maria Angélica Peixoto; Nildo Viana. Rio de Janeiro: Rizoma, 2019. p. 113-143.

MARTINS, Francisco André Silva. **A voz do estudante na educação pública: um estudo sobre participação de jovens por meio do grêmio estudantil**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MATO GROSSO (Estado). **Lei n.º 12.388, de 8 de janeiro de 2024. Institui o Programa Escolas Estaduais Cívico-Militares no Estado de Mato Grosso e dá outras providências**. Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, n. 28.657, p. 7, 9 jan. 2024.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **E-book Grêmio Estudantil Matogrossense: a voz do protagonismo estudantil**. 3. ed. Cuiabá: SEDUC-MT, 2023.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Grêmios Estudantis Matogrossenses: a voz do estudante na educação pública**. 4ª. ed. Cuiabá: SEDUC-MT, 2025.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. O processo de produção do capital (livro 1). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MARX, K.; ENGELS, F. **Burgueses e proletários** (Manifesto do Partido Comunista). In: FERNANDES, Florestan (Org.). K. Marx, F. Engels: História. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1989 [1848]. p. 365-375.

MARX, Karl. **O capital**. Barueri: Camelot Editora, 2023.

MASCARO, Alysson Leandro. **Sociologia do Brasil**. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

MATTOS, A. L. **Ressurgimento do movimento estudantil: realidade ou ficção?** In: Educação, Porto Alegre, v. 16, nº 25, p. 79-91, 1993.

MELO, José Marques de; ASSIS, Franciso de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **R. de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 39, p. 39-56, jan./abr., 2009.

MENEZES, Luciane de Souza. **Grêmios estudantis: quais sentidos na atualidade?** 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2020.

MENDONÇA, Helena Andrade. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** [recurso eletrônico] / Organizadores, BACICH, Lilian, MORAN José. – Porto Alegre: Penso, 2018 e-PUB p. 212- 246.

MENEGOZZO, Carlos Henrique. **Juventude e Política: ensaios e entrevistas**. São Paulo: Outras Expressões, 2017.

MORAES, A. Ensino de sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 31, n. 85, p. 359-382, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v31n85/04v31n85.pdf>. Acesso em: 1 maio 2025.

MULDER, Michele. **Maggie e a guerra do chocolate**. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

MÜLLER, Angélica; MAIA, Felipe. Especial Fora Collor – 20 anos. **Revista juventude.br**, p. 52-73, 2012. Disponível em: <URL>. Acesso em: 5 jan. 2025.

NETTO, Miguel Rodrigues. **O movimento sindical frente a emergência da cidadania empresarial no contexto da reestruturação produtiva**. (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2019.

OLIVEIRA, A. C. de. **Como se faz um produto educacional**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2024.

OLIVEIRA, Elane Rodrigues de. Políticas educacionais para a educação do campo: a participação do Estado e dos Movimentos Sociais. / Luiz Bezerra Neto; Elane Rodrigues de Oliveira [Orgs.] **Marxismo e Educação**: contribuições para a discussão sobre o papel do Estado numa concepção marxiana. São Carlos: Pedro & João. Editores, 2022. P. 17 a 27.

PAULA, Ricardo Zimbrão Affonso de. **Capitalismo: definições** / — São Luís: EDUFMA, 2020.

POERNER, Arthur José, 1939- **O poder jovem**: história da participação política dos estudantes brasileiros / Arthur José Poerner. - 5. ed. ilustrada, rev., ampl. e atual. - Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

ROLLSING, C. B. Cultura juvenil, território e trabalho: olhares sobre a noite no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre. In: OLIVEIRA, V. H. N.; PIMENTA, M. M. (orgs.). **Juventudes e territórios**. Porto Alegre, RS: GEPJUVE, 2023. p. 27-37.

ROMANCINI, R.; LAGO, C. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SALES, Shirlei Rezende. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: Alguns desafios para o currículo do ensino médio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (org). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, Leonardo Bis dos. O conflito social como ferramenta teórica para interpretação histórica e sociológica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 9, n. 2, p. 541-553, maio-ago. 2014. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-81222014000200015>. Acesso em: 11 de junho de 2024.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 32. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

SEDUC. **E-book Grêmio Estudantil Matogrossense**: A voz do protagonismo estudantil, 2021. 1a Edição.

SILVA, Sérgio Luciano da; SILVA, Sérgio Antônio. **Quatro princípios ópticos para a construção de glifos**: estabilidade, obstrução, densidade e demarcação InfoDesign – Revista Brasileira de Design da Informação / Brazilian Journal Information Design São Paulo | v. 7 | n. 1 [2010], p. 11 – 21 | ISSN 1808-5377.

SEGRANFREDDO, S. **UNE- Instrumento de Subversão**. Rio de Janeiro: GRD, 1963.
VIANA, Nildo. **O Movimento Estudantil em Foco**. Goiânia: Edições. Redelp, 2020.

SEIXAS, L. **Teorias do jornalismo para gêneros jornalísticos**. São Paulo: Galáxia, nº 25, 2013.

SOARES, Jammerson Gomes. **Protagonismo juvenil em ação: a aplicação de oficinas na escola como ferramentas de formação política para integrantes do grêmio estudantil.** 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, 2023.

SOUZA, Janice Tirelli Ponte de; GROPPPO, L. A. (orgs.). **Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo.** Florianópolis: UFSC, 2011.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: **da escravidão à Lava Jato.** Jessé Souza. - Rio de Janeiro: Leya, 2017.

STAMATO, M. I. C. **Protagonismo juvenil: uma práxis sócio-histórica de ressignificação da juventude.** 2008. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SPOSITO, Marília Pontes. Juventude: Crise, Identidade e Escola In. DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre Educação e Cultura/** Juarez Dayrell organizador, - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

TARDIVO, Pamela. SANTOS, Maria Cristina dos. Políticas educacionais para a educação do campo: a participação do Estado e dos Movimentos Sociais. / Luiz Bezerra Neto; Elane Rodrigues de Oliveira [Orgs.] **Marxismo e Educação:** contribuições para a discussão sobre o papel do Estado numa concepção marxiana. São Carlos: Pedro & João. Editores, 2022. P. 81 a 93.

TELES, Gabriel. Movimento Estudantil e Luta de Classes. In: ANJOS, Diego dos (org.) et al. **Movimento estudantil:** conflitos, organizações e mobilização/ Organizadores: Diego dos Anjos; Maria Angélica Peixoto; Nildo Viana. Rio de Janeiro: Rizoma, 2019.

TOMAZ, Adriana da Silva Lisboa. **Protagonismo Juvenil e democracia:** o legado das ocupações das escolas no Rio de Janeiro e seus desdobramentos. 1. ed.-Curitiba: Appris, 2020.

VIANA, Nildo. **Introdução à Sociologia.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

WEISHEIMER, Nilson. Marialice Foracchi e - **a formação da sociologia da juventude no Brasil.** *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 77, p. 91-117, 1º sem. 2014- publicada em dez. 2015.

APÊNDICE 1 – Questionário - 2º ano Ensino Médio – E. E. 13 de Maio

QUESTIONÁRIO PARA A COLETA DE DADOS

Questionário de pesquisa para estudantes do 2º ano Ensino Médio – E. E. 13 de Maio

Tema: A participação dos jovens estudantes nos grêmios estudantis e as repercussões para sua atuação política e social

01 - Sexo

- ☐ Feminino
☐ Masculino
☐ Prefiro não responder

02 - Qual a sua idade?

- ☐ 14 anos
☐ 15
☐ 16 anos
☐ 17 anos
☐ 18 anos

03 - Você exerce alguma atividade remunerada atualmente?

- ☐ Sim, trabalho formal
☐ Sim, trabalho informal
☐ Não, apenas estudo

04 – Se você trabalha, ajuda no custeio da casa?

- ☐ Sim ☐ Não

05 - Qual a renda mensal do seu grupo familiar?

- ☐ até um salário mínimo
☐ até dois salários mínimos
☐ três ou mais salários mínimos

06 – A casa onde você mora é:

- ☐ Própria
☐ Alugada
☐ Cedida (mora de favor)
☐ Outra situação

07 - Como você costuma vir diariamente à escola?

- ☐ Ônibus escolar
☐ Bicicleta
☐ Carro
☐ Motocicleta
☐ A pé
☐ Nenhuma das informações

08 – Você já participou ou participa atualmente de um grêmio estudantil na sua escola?

- ☐ Sim, participo atualmente
☐ Já participei, mas não participo mais
☐ Nunca participei

09- O que motivou você a participar (ou não participar) do grêmio estudantil?

- ☐ Interesse em melhorar a escola
☐ Influência de amigos
☐ Falta de tempo/disponibilidade
☐ Não conheço o grêmio estudantil
☐ Não tenho interesse

10- Você já se sentiu mais confiante para expressar sua opinião depois de participar de atividades do grêmio?

- ☐ Sim, sempre
☐ Sim, às vezes
☐ Raramente
☐ Nunca

11- Qual o principal motivo para você participar do grêmio estudantil?

- ☐ Defender os direitos e interesses dos estudantes.
☐ Ajudar a resolver problemas da escola (estrutura, regras, eventos).
☐ Aumentar minha visibilidade e experiência para o futuro.
☐ É uma exigência ou incentivo da escola/professores.
☐ Ter um espaço para me expressar e me relacionar com outros alunos.

12 - Se você já se afastou do grêmio, qual o principal motivo para isso?

- ☐ Falta de tempo ou sobrecarga de atividades.
☐ Não me sentia representado ou ouvido.
☐ Desinteresse em relação às pautas e

discussões.

- ☐ Conflitos internos no grêmio.
- ☐ O grêmio não tinha autonomia para agir.

13 - Você acredita que a participação no grêmio contribui para a sua formação como cidadão(ã)?

- ☐ Sim, me ensinou a defender meus direitos e a me posicionar.
- ☐ Sim, me ajudou a entender como a política funciona na prática.
- ☐ Não, é apenas uma atividade escolar.
- ☐ Não sei dizer.
- ☐ Outro.

14- Em sua opinião, qual o maior desafio para o grêmio estudantil na sua escola?

- ☐ Falta de apoio da direção ou dos professores.
- ☐ Desinteresse da maioria dos alunos.
- ☐ Pouca divulgação das ações do grêmio.
- ☐ Dificuldade em organizar e colocar as propostas em prática.
- ☐ Falta de recursos financeiros.

15- Em que medida a sua atuação no grêmio influenciou sua visão sobre o papel da política na sociedade?

- ☐ Sim, fez com que eu visse a política como algo importante e que pode mudar a sociedade.
- ☐ Sim, mas a política pareceu mais difícil do que eu pensava.
- ☐ Não, não mudou minha opinião.
- ☐ Não, me fez ter menos interesse, pois vi os problemas na prática.
- ☐ Não sei.

16- Quais habilidades ou aprendizados você acredita que os estudantes podem desenvolver ao participar de um grêmio estudantil?

- ☐ Liderança
- ☐ Trabalho em equipe
- ☐ Comunicação
- ☐ Organização de eventos
- ☐ Nenhuma

17 - Você gostaria que fosse criado um jornal digital escolar para divulgar as atividades e descobertas do grêmio?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Indiferente

ANEXO 1 – Autorização pesquisa Seduc/MT



Governo do Estado de Mato Grosso
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO



DESPACHO Nº 132068/2025/CDES/SEDUC

Cuiabá/MT, 17 de novembro de 2025

Ao (À) COORDENADORIA DE DESENVOLVIMENTO

Assunto: DESPACHO DE AUTORIZAÇÃO GSAEX

Em atenção ao presente pedido de anuência para a realização da pesquisa científica intitulada *"A Participação dos Jovens Estudantes nos Grêmios Estudantis e as Repercussões para sua Atuação Política e Social"*, de autoria da servidora efetiva **Celina Elias Gomes Gonçalves**, CPF:013.192.386-29, Matrícula:278568, lotada na Escola Estadual Arlete Maria Cappellari, atualmente em Licença Qualificação Profissional(LQP), pelo período de 10.06.2024 a 18.03.2026.

CONSIDERANDO a SEDUC-MAN-2025/28576-A ;.

CONSIDERANDO a *PORTARIA Nº 402/2025/GS/SEDUC/MT.

Restituo com **DEFERIMENTO** para a continuidade dos trâmites, cumpridas as disposições legais, de acordo com a justificativa e demais documentações apresentadas neste Processo.

Cordialmente,

LUCIMEIRE ALVES CASSIANO
SECRETARIO ADJUNTO
GABINETE DO SECRETARIO ADJUNTO DE GESTAO DE PESSOAS

FLAVIA EMANUELLE DE SOUZA SOARES
SEC ADJ EXECUTIVO
GABINETE DO SECRETARIO ADJUNTO EXECUTIVO



Assinado com senha por LUCIMEIRE ALVES CASSIANO - 17/11/2025 às 13:50:28 e FLAVIA EMANUELLE DE SOUZA SOARES - 17/11/2025 às 21:10:23.
+0 Pessoas - Para verificar todas as assinaturas consulte o link de autenticação.
Documento Nº: 32221264-9762 - consulta à autenticidade em
<https://www.sigadoc.mt.gov.br/sigae/public/app/autenticar?n=32221264-9762>



SIGA

ANEXO 2 – Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE MATO GROSSO - UNEMAT



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O FORTALECIMENTO DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA DOS JOVENS A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO NOS GRÊMIOS ESTUDANTIS

Pesquisador: Celina Elias Gomes Gonçalves

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 85105824.0.0000.5166

Instituição Proponente: UNEMAT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.299.284

Apresentação do Projeto:

Este projeto propõe-se a pesquisar o fortalecimento da participação política dos jovens nos grêmios estudantis como parte integrante do Movimento Estudantil no Brasil, o qual é considerado um importante movimento social, sendo os movimentos sociais um instrumento de luta e consolidação de direitos. A pesquisa é na área de Mestrado Profissionalizante. A escola onde ocorrerá a pesquisa é Escola Estadual 13 de Maio, Sorriso MT. Os sujeitos da pesquisa para o desenvolvimento deste projeto são os estudantes das turmas de 2º do ensino médio da escola supracitada. Esta pesquisa trará uma contribuição para a ciência no sentido de analisar e compreender a importância da participação dos estudantes nos grêmios e sua interação com os colegas e posterior atuação política na sociedade, levando a possíveis formulações de políticas públicas de juventude e educacionais mais inclusivas e participativas. Para o programa de Mestrado Profsocio, o projeto, considera-se relevante devido ao fortalecimento, crescimento e aperfeiçoamento da Sociologia nas discussões sobre o protagonismo juvenil na política. O ambiente escolar é um dos locais mais adequados para que os jovens possam despertar o interesse para se tornarem líderes democráticos com consciência política, permitindo sua atuação na sociedade. Esta será uma pesquisa qualitativa que buscará analisar o fortalecimento da consciência política dos jovens por meio da participação nos grêmios estudantis. A pesquisa utilizará a metodologia do método do materialismo histórico dialético.

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavallhada III

CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)98120-0113

Fax: (65)99989-7459

E-mail: cep@unemat.br

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT



Continuação do Parecer: 7.299.284

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar o fortalecimento da consciência política dos jovens a partir da participação nos grêmios estudantis.

Objetivo Secundário:

Contextualizar o processo histórico dos grêmios estudantis no movimento estudantil no Brasil. Analisar a atuação dos grêmios estudantis no fortalecimento da consciência política da juventude e na promoção de valores democráticos. Difundir as estratégias de conscientização política que evidenciem a relevância dos grêmios estudantis.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

- A pesquisa apresenta garantia de que danos previsíveis serão evitados, como preconiza a resolução 466/2012.

A pesquisa apresenta, como preconiza a resolução 466/2012:

- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- Garantia de que danos previsíveis serão evitados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta:

- Respeito aos participantes da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- Garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- Relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados de acordo com as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS-Conselho Nacional de Saúde.

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavallhada III

CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)98120-0113

Fax: (65)99989-7459

E-mail: cep@unemat.br

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT



Continuação do Parecer: 7.299.284

Recomendações:

Não há recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso CEP/UNEMAT após análise do protocolo em comento, de acordo com a resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS, é de parecer que não há restrição ética para o desenvolvimento da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2443826.pdf	26/11/2024 19:34:43		Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	26/11/2024 19:32:49	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	26/11/2024 19:29:47	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito
Outros	COLETA_DADOS_JOVENS.pdf	26/11/2024 19:26:56	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito
Outros	DECLARACAO_DE_RESOLUCAO.pdf	26/11/2024 19:19:30	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DE_RESPONSABILIDADE_DA_PESQUISADORA.pdf	26/11/2024 19:18:10	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DE_RESPONS_ORIENTADOR.pdf	26/11/2024 19:15:19	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_PAIS.pdf	26/11/2024 19:13:35	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO_JOVENIS.pdf	26/11/2024 19:10:57	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMO_DAS_INSTITUICOES.pdf	26/11/2024 19:08:18	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito
Outros	CURRICULO_LATTES_ORIENTADOR.pdf	26/11/2024 19:06:37	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito
Outros	CURRICULO_LATTES_PESQUISADOR A.pdf	26/11/2024 19:05:21	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavallhada III

CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)98120-0113

Fax: (65)99989-7459

E-mail: cep@unemat.br

**UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE MATO GROSSO - UNEMAT**



Continuação do Parecer: 7.299.284

Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAO_INFRAESTRUTURA.pdf	26/11/2024 19:01:55	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	26/11/2024 19:00:07	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA__EXECUCAO.pdf	26/11/2024 18:59:11	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito
Outros	DECLARACAO_PESQUISA_NAO_INCIALDA.pdf	26/11/2024 18:56:02	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito
Outros	OFICIO_DE_SOLICITACAO.pdf	26/11/2024 18:41:42	Celina Elias Gomes Gonçalves	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CACERES, 16 de Dezembro de 2024

**Assinado por:
Raul Angel Carlos Olivera
(Coordenador(a))**

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavallhada III

CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)98120-0113

Fax: (65)99989-7459

E-mail: cep@unemat.br

APÊNDICE 2 – MATERIAL PEDAGÓGICO “VOZES DA JUVENTUDE”



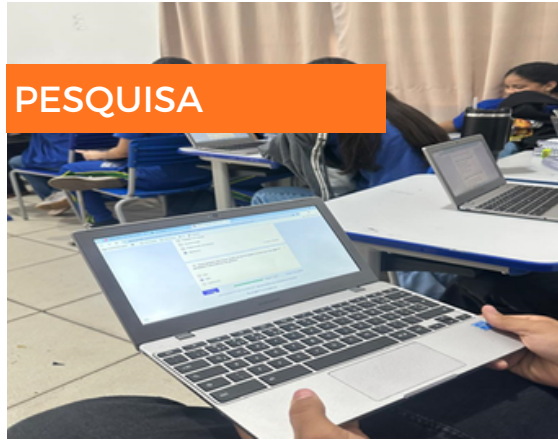
EDUCAÇÃO



GRÊMIO ESTUDANTIL

PAG. 3

Foto/Reprodução: SEDUC-MT



PESQUISA

Pesquisa destaca participação estudantil

A aplicação de um questionário ao 2º ano A do Ensino Médio mostrou que os estudantes demonstram interesse pelas ações do grêmio estudantil. Os resultados indicam a importância de ampliar a participação e fortalecer a comunicação dentro da escola, contribuindo para a criação do jornal digital escolar.

PAG. 3

Foto: Celina Elias



Foto/Reprodução: Acervo pessoal

Trajetória na Educação

Celina Elias Gomes Gonçalves é professora efetiva da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC-MT), na disciplina de História. É licenciada em História e especialista em História Cultural, Identidade, Tradições e Fronteiras pela Universidade de Brasília (UnB/DF). Mestra do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Sociologia (PROFSOCIO) pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/MT).

E. E. 13 de Maio
Melhor dia? Hoje!
Professora Mestra Celina Gomes
Assunto: jornal – Vozes da juventude
Sorriso – MT – 2026

CURIOSIDADE



Campanha O Petróleo é nosso. - Foto/reprodução: Jornal A verdade

O movimento estudantil marcou pautas sociais e políticas, como a campanha “O petróleo é nosso” em 1947.

PAG. 2



Editorial

CURIOSIDADE

Vozes da Juventude



CELINA ELIAS
EDITOR CHEFE

O Movimento Estudantil (ME) na sociedade brasileira, está presente em diferentes frentes de luta, desde o Brasil Colônia até as recentes mobilizações contemporâneas. É fundamental reconhecer a força do Movimento Estudantil, durante o Brasil República, o movimento foi se estruturando de maneira organizada e coletiva, ganhando maior proporção a partir da fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1937.

O movimento estudantil é um movimento social, formado por estudantes, e que estes formam um grupo social seletivo com laços de identidade e o sentimento de pertencimento, o que logo gera lutas, resistências e também consciência. Em Viana (2020, p. 13) afirma que “No caso do movimento estudantil, os interesses que geram objetivos são os derivados de sua condição estudantil, embora os interesses pessoais estejam presentes e influenciem os objetivos dos movimentos sociais”.

O movimento estudantil tem historicamente algumas bandeiras de luta. Em contextos de conturbações sociais e políticas, foi a voz organizada dos estudantes que protagonizou e lutou pelos caminhos democráticos. O direito à educação é a principal bandeira do ME.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O movimento estudantil também organizou a Passeata dos Cem Mil, que contou com a participação de diferentes grupos sociais, além de jovens estudantes, tinham trabalhadores, religiosos, artistas, eles se reuniram em 26 de junho de 1968 em protesto contra a ditadura.



Fotografia do dia 21 de junho de 1968 durante uma manifestação estudantil contra a ditadura, que ficou conhecida como “Sexta-feira sangrenta”. O homem que aparece caindo na foto era um estudante de Medicina, que morreu logo depois do registro. (Evandro Teixeira / Flickr/Reprodução)

História do movimento estudantil brasileiro

As manifestações, revoltas e conferências organizadas por estudantes ao longo do século XX e neste início do século XXI destacam a força do ME em torno de pautas sociais, políticas e educacionais. Cada narrativa mencionada neste jornal, representa uma mobilização, um movimento, uma conferência, um marco que se fez memória e permanece na História do Brasil.

Em meados do século passado, em 1947, os estudantes tiveram grande participação na campanha O Petróleo é Nosso, na qual nacionalistas, estudantes e o então presidente Getúlio Vargas, defendiam que todo petróleo encontrado em solo brasileiro não fosse explorado por empresas estrangeiras. Esse movimento avançou até a criação da Petrobrás em 1953.



Campanha O Petróleo é nosso. - Foto/reprodução: Jornal A verdade l



A Campanha que Mudou a História do Brasil. - Foto/reprodução: Site Paulo Gala / Economia & Finanças

No início da década de 1960, os jovens estudantes saíram às ruas para protestar contra a ditadura militar, queriam deter as mudanças que estavam se proliferando na política e na sociedade, pois, as mazelas desse regime acarretaram transformações na estrutura política, na vida econômica e social do país. É importante reconhecer que o movimento estudantil quando começa a agir coletivamente, percebe no curso da luta o desenvolvimento da consciência política por parte dos envolvidos.

Junto ao protesto, realizaram uma homenagem ao estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto, de apenas 17 anos, que foi morto durante uma invasão policial no restaurante estudantil na cidade do Rio de Janeiro, conhecido como Calabouço no mês de março do mesmo ano. O restaurante Calabouço era visto pelos militares como local de subversão.

No dia 1º de abril de 1964, durante a instalação do regime militar no Brasil, a sede da União Nacional dos Estudantes (UNE), no Rio de Janeiro, foi invadida e incendiada por grupos militares. A UNE tornou-se alvo imediato do novo regime, que buscava silenciar movimentos contrários ao golpe, o incêndio marcou o início de um período de perseguições, repressão e violência contra lideranças estudantis.

Outro importante repertório que contou com a participação dos estudantes foi o movimento denominado Caras-Pintadas que aconteceu em 1992. A população vivenciou o primeiro impeachment da história do Brasil, fora Collor, contra o presidente Fernando Collor de Mello.



Fotografia de manifestação de 1992 - Divulgação / Repórter Unesp



Expediente

Editor chefe e responsável
Celina Elias Gomes Gonçalves

Revisora de textos
Celina Elias Gomes Gonçalves

Diagramação
Equipe do Jornal Laboratório Vozes da Juventude

Pesquisa e Levantamento de Dados
Estudantes do 2º ano A - Ensino Médio

Reportagem e Produção de Conteúdo
Mestra Celina Elias Gomes Gonçalves
Orientador: Dr. Miguel Rodrigues Netto

Ilustrações e Elementos Visuais
Equipe Vozes da Juventude

Equipe Vozes da Juventude
Acervo pessoal
Fotos de atividades escolares e eventos estudantis
Imagens históricas – reprodução para fins educativos

Material pedagógico e educativo, sem fins lucrativos, desenvolvido como instrumento de formação cidadã, comunicação escolar e fortalecimento do protagonismo estudantil.

G635j Gonçalves, Celina Elias Gomes.
Jornal Laboratório Vozes da Juventude / Celina Elias Gomes Gonçalves. – Sinop, 2026.
4f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Sociologia/SNP-PROFSOCIO - Sinop - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Sinop.
Orientador: Miguel Rodrigues Netto.

1. Jornal Escolar. 2. Material Pedagógico. 3. Vozes da Juventude. I. Rodrigues Netto, Miguel. II. Título.

UNEMAT / MT- SCB

CDU 070:37 (817.2)

Collor acreditando que sua credibilidade ainda era tolerada pela população, pediu aos brasileiros apoio e que estes usassem vestimentas das cores da bandeira no domingo sobre missão patriótica em sinal de seu apoio. No entanto neste dia 16 de agosto de 1992, milhares de estudantes saíram as ruas, utilizando roupas pretas, em protesto a sua forma de governar o Brasil.



Estudantes "caras-pintadas" em ato contra Collor, em São Paulo, em setembro de 1992. Imagem: Eder Chiodetto / Folhapress - 18.09.1992

O ano era 2016, o então presidente Michel Temer assinou a Medida Provisória (MP) para reformar a última etapa da educação básica o Ensino Médio, expressos na Lei 5692/1971, Decreto 2208/1997 e Lei 13415/2017.



Dirigentes do Sintep-MT nas ruas para cobrar a Revogação do Novo Ensino Médio. - Foto/Reprodução: Jadson Oliveira

Os objetivos da mudança não contaram com a consulta à comunidade escolar, embora a reforma fosse destinada aos próprios estudantes, provocando desestruturações e mobilizações.

A proposta gerou revolta e indignação por parte dos estudantes, sendo considerada autoritária e nada democrática. Essa arbitrariedade desencadeou o maior movimento protagonizado pelos estudantes, que culminou nas ocupações de escolas e universidades públicas, o movimento foi intitulado Primavera Secundarista.

Além disso, a proposta não atendia os caminhos da educação voltados à formação cidadã e crítica, mas, sim, aos interesses da sociedade capitalista, ao priorizar uma formação técnica e ampliar a oferta de mão de obra barata.

Aula hoje é na rua!



Na capital paulista, secundaristas se concentraram no MASP às 9h e caminharam ao longo da manhã desta quarta (15). - Foto: Junior Lima @xuniorl



Áreas de atuação do grêmio estudantil

O grêmio estudantil é o órgão máximo de representação dos estudantes é garantido por meio da Lei Federal nº 7.398/1985, intitulada Lei do Grêmio Livre. Além dessa legislação específica, o direito à participação e à representação estudantil é respaldado por outras normas fundamentais, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Lei nº 8.069/1990 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei nº 9.394/1996.

Ele é constituído por uma chapa que reúne todas as funções que serão desempenhadas por cada membro do grêmio. Essa chapa é eleita por meio de votação e, por ser uma organização sem fins lucrativos, seus integrantes desenvolvem atividades culturais, cívicas, esportivas, sociais, educacionais e políticas.

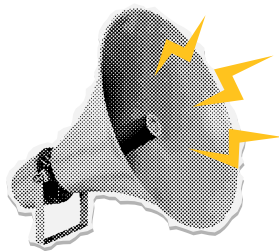
O grêmio estudantil é mais do que uma entidade formal, é um espaço para discutir representatividade, é um local privilegiado para o exercício da democracia e cidadania onde os jovens estudantes aprendem a organizar, dialogar, propor e transformar a realidade no espaço escolar. As iniciativas desenvolvidas pelo grêmio estudantil podem influenciar e encorajar ações de protagonismo.

As ações desenvolvidas pelos estudantes no espaço escolar podem refletir seu comportamento na sociedade. Quem escolhe ser membro de uma entidade estudantil pode promover mudanças nos aspectos social, cultural, ambiental e político. E quem sabe, futuramente, ser um político representando o município, o estado ou até mesmo o país.

O grêmio estudantil pode atuar em diferentes áreas corroborando com ações que fazem toda a diferença no espaço escolar:



Foto/reprodução: SEDUC-MT



EM EVIDÊNCIA

Educação - Confecção de um jornal, debates, comunicação, escrita, assembleias;

Cultura - Datas comemorativas no calendário escolar;

Esporte - Desafios, campeonatos, grupos de esporte;

Cidadania - Diálogo, campanhas, educação participativa e inclusiva;

Sustentabilidade - Horta, reciclagem, campanhas para economizar água e energia, escola limpa.

GRÊMIO ESTUDANTIL



Foto/reprodução: SEDUC-MT



Foto/reprodução: SEDUC-MT

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

CONHECIMENTO

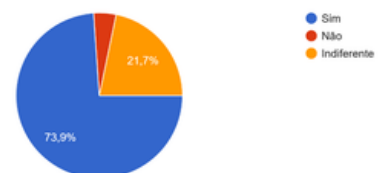
Participação estudantil, o que revelou a pesquisa com a turma do 2º Ano A- matutino – E. E. 13 de Maio - Sorriso-MT

Como parte do processo de elaboração do material pedagógico, a proposta do jornal digital escolar foi pensada para aproximar ainda mais os estudantes da vida escolar. Para isso, aplicamos um questionário fechado à turma do 2º ano A - Ensino Médio - Matutino.

O questionário aplicado aos estudantes continha 17 perguntas no total, porém, para este material pedagógico, optamos por destacar apenas duas delas.

Os resultados revelaram não apenas o interesse dos estudantes pelas ações do grêmio estudantil, mas também apontam caminhos para fortalecer a participação e a comunicação dentro da escola.

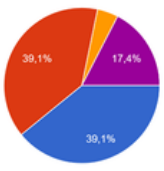
17 - Você gostaria que fosse criado um jornal digital escolar para divulgar as atividades e descobertas do grêmio?
23 respostas



O primeiro gráfico mostra que 73,9% dos estudantes aprovam a criação de um jornal digital escolar para divulgar as atividades, projetos e descobertas do grêmio.

Apenas uma pequena parcela (4,3%) respondeu que não teria interesse, enquanto 21,7% se declararam indiferentes. Esse resultado demonstra que a maioria vê o jornal como uma ferramenta útil para informação, integração e visibilidade das ações do grêmio.

11- Qual o principal motivo para você participar do grêmio estudantil?
23 respostas



Já o segundo gráfico apresenta os principais motivos que levam os estudantes a participarem do grêmio estudantil. As respostas se distribuíram entre dois grandes destaques: 39,1% desejam defender os direitos e interesses dos estudantes, e outros 39,1% querem ajudar a resolver problemas da escola, como estrutura, regras e eventos.

Esses dados reforçam que os jovens estudantes reconhecem o grêmio como um espaço de voz ativa, responsabilidade e transformação. Além disso, 17,4% afirmaram buscar no grêmio um ambiente para expressão e convivência, mostrando que o aspecto social e relacional também tem peso importante.

A partir desses achados relevadores ficou evidente que o jornal digital atende a uma demanda real dos estudantes: ser ouvido, participar e acompanhar de forma transparente as ações do grêmio. Essa iniciativa se torna, assim, um instrumento democrático e pedagógico, fortalecendo a comunicação e o protagonismo juvenil.



Foto: Celina Elias I

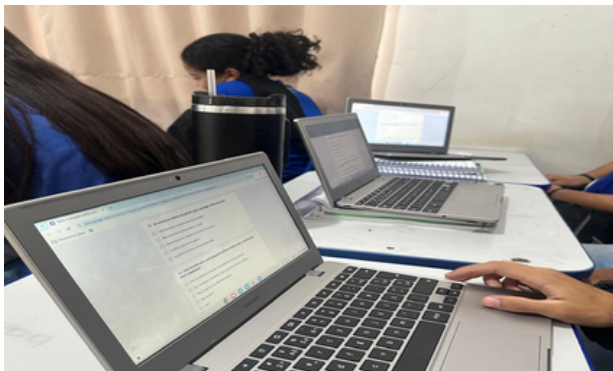


Foto: Celina Elias

Por que um jornal escolar?

Especialmente no ensino médio, o jornal possui muitos atrativos, além da exigência da língua portuguesa padrão. O jornal evita gírias, expressões locais ou marcas do falar regional justamente para alcançar um público amplo e garantir clareza na comunicação. Como afirma, Faria (1996, p. 11) “[...] não se percebem variações regionais marcadas: um jornal de Recife usa sensivelmente a mesma língua de um jornal de Porto Alegre ou de Cuiabá”.

O jornal é um instrumento mediador, transformador, atual e interdisciplinar que ultrapassa o simples ato de ler notícias. A intenção é promover instigação e despertar nos estudantes ações que vão além de apenas “ler o jornal” ou “manuseá-lo”.

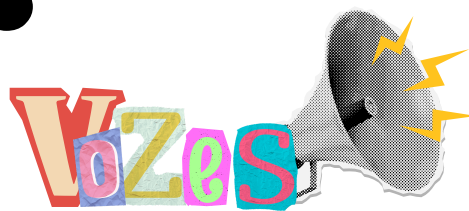
O objetivo é destacar as perspectivas dos jovens quanto à atuação nos grêmios, levando-os a perceber problemas e possibilidades, questionar, refletir e formar opiniões com consciência, olhar o espaço escolar e a sociedade com atenção e compreender as repercussões dessa leitura na sua vida política e social.

O jornal os ajuda a entender melhor o que acontece ao redor, fazendo pensar, questionar e interpretar os fatos da sociedade, e não apenas aceitar tudo do jeito que chega.

O jornal escolar, conforme discutido por autoras como Maria Alice Faria, constitui um material pedagógico que amplia a capacidade crítica dos estudantes, ainda fortalece a comunicação no espaço escolar permitindo que os estudantes expressem suas ideias, acompanhem acontecimentos de grande relevância para discussão e divulgação. “Ou seja a linguagem jornalística oferece hoje uma espécie de “português fundamental”, uma língua de base, não tão restrita que limite o crescimento linguístico do aluno e nem tão ampla que torne difícil ou inacessível o texto escrito ao comum dos estudantes” (Faria, 1996, p. 12).

E quando articulado ao grêmio estudantil, ele se transforma em um instrumento ainda mais potente de participação e expressão, pois ambos compartilham a mesma essência: abrir espaços reais de liberdade, diálogo e protagonismo juvenil no cotidiano escolar. De acordo com Faria, o jornal escolar tem como um dos propósitos (1996, p.13) “e finalmente, integrar a aprendizagem da língua escrita com estímulo às trocas sociais afim de ajudar os alunos a compreender o mundo, a sociedade em que vivem e prepará-los para a ação”.

Expressão, diálogo e protagonismo estudantil.



O grêmio estudantil é, tradicionalmente, a instância de representação dos estudantes, responsável por organizar debates, promover ações e defender interesses coletivos. Já o jornal escolar, ao registrar experiências, conflitos, conquistas e percepções dos jovens, funciona como uma extensão dessa representatividade, oferecendo linguagem, visibilidade e permanência às vozes estudantis.

A interação entre jornal e grêmio estudantil fortalece a cultura democrática na escola, pois incentiva o exercício da palavra, elemento fundamental da participação política. Ao produzir reportagens, entrevistas, editoriais e relatos, os estudantes exercitam práticas de cidadania e aprendem a lidar com temas públicos que atravessam a vida escolar e comunitária.

Além disso, o jornal potencializa o trabalho do grêmio estudantil ao divulgar projetos, ampliar debates e tornar mais transparente a ação estudantil, sendo uma combinação que legitima o estudante como sujeito histórico, crítico e atuante, reafirmando o papel da escola como um espaço de formação cidadã e de construção de sentidos coletivos, que foram temas necessários e essenciais discutidos na pesquisa por autores como: Juarez Dayrell (2014), Marialice Foracchi (2018), Luís Antônio Groppo (2011) e Maria Alice Faria (1996).



CAÇA-PALAVRAS - GRÊMIO ESTUDANTIL

P	A	R	T	I	C	I	P	A	Ç	Ã	O	E
G	R	Ê	M	I	O	L	A	N	E	E	E	E
K	R	S	C	G	K	I	N	A	S	M	O	S
D	E	M	O	C	R	A	C	I	A	J	K	T
A	U	L	A	Ç	N	A	R	E	D	I	L	U
J	N	E	T	E	L	E	I	Ç	Ã	O	D	D
F	Ã	D	R	E	S	Ç	E	S	R	O	L	A
O	E	P	R	E	S	C	O	L	A	N	W	N
C	E	P	T	J	L	Y	G	H	U	T	T	T
R	E	U	V	J	U	V	E	N	T	U	D	E
R	B	X	C	O	D	I	R	E	I	T	O	S
R	E	P	R	E	S	E	N	T	A	Ç	Ã	O

GRÊMIO - ESTUDANTES - PARTICIPAÇÃO - LIDERANÇA - ESCOLA - JUVENTUDE
ELEIÇÃO - DIREITOS - PARTICIPAÇÃO - DEMOCRACIA - REPRESENTAÇÃO



DIREITOS E DEVERES DOS ESTUDANTES

1- Pense em um direito fundamental do estudante, relacionado à gestão escolar, que o Grêmio Estudantil deve garantir?

- Ter acesso ilimitado aos resultados das provas de todos os colegas.
- Receber informações sobre a aplicação dos recursos financeiros da escola.
- Exigir a mudança do currículo escolar sem passar por nenhum órgão colegiado.
- Decidir sozinho a pauta de todas as reuniões pedagógicas.

2- De acordo com o regimento escolar, qual destes itens é considerado um dever do estudante no espaço escolar?

- Exigir que todas as aulas sejam substituídas por atividades lúdicas.
- Participar de todas as assembleias do Grêmio, mesmo sem interesse.
- Zelar pelo patrimônio da escola, contribuindo para a sua conservação.
- Ignorar o Código Disciplinar quando discordar de uma regra.

3- O que representa coletivamente os interesses dos jovens estudantes.

- A obrigatoriedade de ter um professor em cada reunião de alunos.
- A permissão de faltar a qualquer aula para participar de um protesto.
- A livre organização e funcionamento do Grêmio Estudantil.
- Poder escolher qual professor dará sua aula favorita.

4- O espaço é escolar é plural e democrático. Qual é um dever ético fundamental do estudante?

- Frequentar a escola apenas nos dias de atividades culturais.
- Respeitar as diferenças dos colegas, professores e funcionários.
- Utilizar o espaço do Grêmio exclusivamente para fins particulares.
- Participar apenas das aulas de sua preferência.

5- O direito à liberdade de expressão, expresso na LDB no espaço escolar garante que ao estudante:

- Possa interromper qualquer aula ou atividade para fazer um discurso.
- Possa expressar-se de maneira ofensiva ou desrespeitosa com os demais.
- Possa manifestar seu pensamento de forma responsável, desde que respeite a integridade e os direitos alheios.
- Possa gravar e divulgar imagens de colegas e professores sem o consentimento deles.

R: 1. b) 2. c 3. c 4. b 5. c